UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

MESTRADO EM MEMÓRIA SOCIAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

O REVELAR DA MEMÓRIA:
AS AÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS DO MOVIMENTO CIRCULISTA EM PELOTAS/RS

JANAÍNA TIMM DE SOUZA

PELOTAS

2011

JANAÍNA TIMM DE SOUZA

AO REVELAR DA MEMÓRIA:

A REMEMORIZAÇÃO DAS AÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS DO MOVIMENTO CIRCULISTA EM PELOTAS/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profª. Drª. Ursula Rosa da Silva

PELOTAS

2011

AO REVELAR DA MEMÓRIA:

A REMEMORIZAÇÃO DAS AÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS DO MOVIMENTO CIRCULISTA EM PELOTAS/RS

Por

JANAÍNA TIMM DE SOUZA

Dissertação de Mestrado aprovada para obtenção do grau de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela Banca examinadora formada por:

_____

Presidente: Profª. Úrsula Rosa da Silva, Doutora ï Orientadora, UFPEL

_____

Membro: Profª. Maria Letícia M. Ferreira, Doutora, UFPEL

_____

Membro: Prof. Paulo Pezat, Doutor, UFPEL

Pelotas, agosto de 2011

À Maria Elizabete da Cunha Timm, mãe dedicada, sempre pronta a abdicar de seus desejos em troca da satisfação de seus filhos. Mãe amorosa, que soube me dar raízes e asas. Raízes para que eu tenha pertencimento ao lugar que nasci, onde meus antepassados superaram seus problemas e Asas que me mostram os horizontes sem fim da imaginação, me levando até os meus sonhos, permitindo que eu conheça as raízes dos meus semelhantes e aprenda com eles.

Agradecimentos

À Úrsula Rosa da Silva, minha orientadora, companhia desde a minha graduação no Instituto de Artes e Design da UFPEL, agradeço principalmente pela disposição e compreensão na etapa final deste trabalho.

Ao Círculo Operário Pelotense, na pessoa do Sr. Edo Buss ï presidente dessa associação ï agradeço não só pela disposição de seu acervo e ao livre trânsito nas dependências do COP, mas principalmente pela acolhida e o tratamento destacado a minha pessoa. Estendo minha gratidão, especialmente, ao sempre amigável Alexandre Coelho, que me proporcionou boas tardes de conversa, sempre vibrando com as minhas ñdescobertasò no teatro do COP.

Ao Colegiado do PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural pelo apoio e dedicação.

À Nanci Ribeiro, secretária do PPGMSPC, sempre atenciosa.

À Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul, em especial à equipe da Diretoria de Cidadania Cultural. Em nome de Marcelo Azevedo, registro minha imensa gratidão pela disponibilidade, pela compreensão e por me permitir construir coletivamente uma nova política cultural para o nosso estado.

Agradecimento mais do que especial aos meus amigos João Pontes e Júlio Neves, pela motivação incondicional e torcida prestada.

Ao amigo Ricardo Severo, muito obrigada pelo ñ*help*ò no final desta etapa.

Aos queridos Elisa e Fernando, amigos incríveis, agradeço muito pela torcida.

Aos amigos e amigas que deixei em Pelotas e me fazem grande falta: em especial Bruna Pacheco, Erika Vaz e Josiane Felberg.

Às minhas ñborboletinhasò queridas. Amor que carrego estampado na pele, irmãs de alma que mesmo distantes, mesmo sem saber, mesmo em silêncio contribuíram imensamente para a realização desse estudo. Aracele Mahfuz, Hélen Silva, Jaqueline Peglow e Mariana Simoneti, para vocês, meu carinho eterno. Meu carinho se estende ao querido Marcel Morales.

Ao maior responsável por chegar nessa etapa, à comprovação que o amor verdadeiro é muito maior do que podemos imaginar. Sentimento permeado por paixão de adolescência, companheirismo, parceria, compreensão, amor, estímulo, carinho, paciência e orientação. A ti, Mário Augusto San Segundo, minha eterna gratidão, sem tua presença esse trabalho não existiria.

Resumo

A presente dissertação trata do Círculo Operário Pelotense fundado em 1932. O objetivo central dessa pesquisa é verificar, através do processo de rememorização, de que forma as atividades sociais e culturais contribuíram para a efetivação do circulismo. Para tal análise, é utilizada como referência o Círculo Operário Pelotense, por ser o pioneiro no movimento circulista. Como registro temporal foi delimitado as décadas de 1930 e 1940. O estudo parte do levantamento de fontes primárias, em sua grande maioria inédita aos trabalhos de pesquisa. E este trabalho se orienta a partir do referencial teórico dos conceitos de memória, de Jacques Le Goff, Michael Pollak e Paul Ricoeur, e sua relação com o contexto social.

Palavras chave: Circulo operário, memória, ação social, ação cultural, Pelotas

Abstract

This dissertation deals with the Pelotense Workers' Circle founded in 1932. The main objective of this research is to verify, through the process of rememorization, how the social and cultural activities contributed to the realization of the circulism. For this analysis, is used as reference the Pelotense Workers' Circle, for being the pioneer in circulist motion. Recording time was defined as the 1930ôs and 1940ôs. The study is the collection of primary sources, mostly the work of unpublished research. And this work is oriented from the theoretical concepts of memory, Jacques Le Goff, Michael Pollak and Paul Ricoeur, and its relation to social context.

Keywords: workers' circles, memory, social action, cultural action, Pelotas

Sumário

Lista de abreviaturas.....**08**

Lista de ilustrações..... **09**

Introdução.....**11**

1. Da intencionalidade a prática: a elaboração do Circulismo e fundação do Círculo Operário Pelotense.....**20**

1.1. Antecedentes..... **20**

1.2. Uma nova história operária: a fundação do Circulismo **32**

2. O olhar humanitário: a promoção da ação social do Círculo Operário Pelotense **45**

2.1. Círculo Operário Pelotense ï sua vivência circulista..... **57**

2.1.1. Educação..... **60**

2.1.2. Habitação..... **63**

2.1.3. Caixa de Pecúlio e Socorros..... **65**

2.1.4. Agência de Assistência Social..... **66**

2.1.5. Saúde..... **67**

3. ñO lazer sadioò: o Círculo Operário Pelotense e as atividades culturais e desportivas.....**73**

3.1. Os Festejos.....**75**

3.2 Práticas de Cultura Artística e Física.....**81**

3.2.1. Teatro.....**81**

3.2.2. Música.....**96**

3.2.3 Atividades Desportivas..... **99**

3.2.4 Escotismo.....**103**

Considerações Finais.....**106**

Referências..... **112**

Anexos..... **115**

Lista de abreviaturas

AC ï Ação Católica

CNOC ï Confederação Nacional de Operários Católicos

CO ï Círculo Operário

CCOO ï Círculos Operários

COB ï Confederação Operária Brasileira

COP ï Círculo Operário Pelotense

COPA ï Círculo Operário Porto Alegrense

CSUB ï Sindical Unitária do Brasil

DP ï Diário Popular

FCCOORS ï Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul

FCCOOSP ï Federação dos Círculos Operários do Estado de São Paulo

FORGS ï Federação Operária do Rio Grande do Sul

FUS ï Frente Única Sindical

LEC ï Liga Eleitoral Católica

MTIC ï Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio

PCB ï Partido Comunista do Brasil

Pe. ï Padre

RS ï Rio Grande do Sul

Lista de ilustrações

Figura 01 - Capa de uma publicação destinada aos operários, de 1949..... **31**

Figura 02 - Capa de uma publicação destinada aos operários, de 1952..... **31**

Figura 03 - Padre Leopoldo Brentano..... **36**

Figura 04 - Reunião pública da década de 30 na sede do COP..... **37**

Figura 05 - Bandeira do Círculo Operário Pelotense.....**38**

Figura 06 ï Reunião solene, na primeira sede do COP, em 1934, com a presença do Ministro do Trabalho, Senhor Salgado Filho.....**39**

Figura 07 ï V Congresso dos Círculos Operário do Rio Grande do Sul ï Sessão solene de instalação, realizada no Teatro São Pedro em 10/10/1946 ï Falava na ocasião o Dr. Armando Câmara ï a mesa é formada pelas altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Ao fundo as bandeiras de todos os CCOO do estado..... **42**

Figura 08 ï Estrutura do movimento circulista ï reprodução do esquema publicado pela Federação dos Círculos Operários do Estado de São Paulo (FECCOOSP)..... **43**

Figura 09 ï Divisão dos Lucros com os operários e demais empregados, de Idelfonso Albano. Publicação de 1944..... **47**

Figura 10 ï Passeata trabalhista promovida pelo COP pelas ruas centrais de Pelotas, ocorrida em 03 de setembro de 1938..... **49**

Figura 11 ï Capa e folha de rosto do Modelo de Estatuto para Círculos Operários, redigido pelo Pe. Leopoldo Brentano..... **50**

Figura 12 ï Esquematização da ação social do movimento circulista.....**54**

Figura 13 ï Veraneio do Semi-internato do COP ï janeiro de 1946.....**56**

Figura 14 ï Primeiras obras no terreno situado a Rua Almirante Barroso, aforado pela prefeitura ï década de 30..... **59**

Figura 15 ï Primeiras obras no terreno situado a Rua Almirante Barroso, aforado pela prefeitura ï década de 30..... **60**

Figura 16 ï Registro da primeira turma de professores ï ano de 1932..... **61**

Figura 17 ï Refeição - Turma dos menores entregadores de jornal ï 1936..... **61**

Figura 18 ï Vila Operária General Flores da Cunha, 1937..... **64**

Figura 19 ï Carteira de Pecúlio do COPA..... **65**

Figura 20ï Folheto distribuído aos demais círculos operários do país.....**68**

Figura 21ï Vista externa da Casa de Saúde São José..... **68**

Figura 22 ï Ala de atendimento da Casa de Saúde São José..... **70**

Figura 23ï Ala de atendimento da Casa de Saúde São José..... **70**

Figura 24ï Inauguração da nova capela do Abrigo Infantil, em 1958..... **71**

Figura 25 ï Recepção dos operários para a missa festiva na Catedral São Francisco de Paula..... **77**

Figura 26 ï O associado recebe uma bicicleta da direção do COP..... **80**

Figura 27 ï Grupo Scênico antes de uma apresentação ï ano de 1934..... **83**

Figura 28 ï Noticia sobre apresentação do Corpo Cênico do COP. O Circulista, Ano I, Edição nº 02 ï agosto de 1939..... **84**

Figura 29 ï Chamada de reunião. O Circulista, Ano I, Edição nº 03 ï setembro de 1939..... **86**

Figura 30 ï Apresentação do mágico Varone em 1944..... **87**

Figura 31 ï Reunião em homenagem as mães em 1948. Nesta imagem se podem perceber os anúncios na boca de cena..... **89**

Figura 32 ï Chamada de reunião. O Circulista, Ano I, Edição nº 01 ï julho de 1939..... **92**

Figura 33 ï Apresentação da comédia ñPor causa de uma camélia ò, no teatro Leão XIII, em 1941..... **95**

Figura 34 ï Grupo Musical antes de uma apresentação ï ano de 1934..... **98**

Figura 35 ï Equipe do Grêmio Atlético Círculo Operário em 1949..... **100**

Figura 36 ï O Circulista, Ano I, Edição nº 02 ï agosto de 1939..... **102**

Figura 37 ï Grupamento escoteiro presente na inauguração do busto em homenagem ao Pe. Scholl..... **103**

Introdução

A Igreja Católica, não apenas no Brasil, possuiu um papel cultural importante na formação das identidades sociais. Ela se colocava como articuladora das identificações locais, regionais, nacionais e internacionais. Diversos foram os instrumentos utilizados pela Igreja Católica para alcançar e dialogar com seus fiéis, tais como grupos de senhoras, orações nos lares, atendimentos sociais e evangelização. Dessa forma, entre as primeiras décadas do século XX, no Brasil, em meio à expansão industrial, a figura do operário pareceu ser o novo alvo e para isso a Igreja Católica fundou os Círculos Operários.

O movimento circulista iniciou na cidade de Pelotas, no estado Rio Grande do Sul (RS), em 1932, e rapidamente se expandiu pelo país como uma alternativa embasada pelos princípios católicos ao avanço do comunismo. Em uma época de transições sociais, com a implementação da política do governo Vargas e o aumento da organização operária através dos sindicatos, a Igreja Católica almejou retomar uma posição de destaque na sociedade através de ações dirigidas aos trabalhadores.

O Círculo Operário Pelotense (COP), elemento primeiro dessa atuação católica no seio da classe trabalhadora, possui um material significativo para a história do movimento circulista, um acervo documental em sua grande maioria inédito ao uso de pesquisadores. Com o transcorrer do tempo, esse material acabou por permanecer no esquecimento da sociedade. Isso ocorreu, entre outros fatores, pela sucessão de equipes diretivas e a perda da popularidade do movimento em decorrência da política governamental do país.

Instrumento fundamental dos laços sociais, a memória individual e coletiva tornou-se, no final do século XX, um dos objetos centrais de análise dos historiadores do tempo presente. Praticada, sobretudo, em países como a França, onde os atores históricos são os sobreviventes das tragédias do século passado, a chamada ñhistória social da memóriaò vem tentando problematizar a memória através da sua inscrição na história.

Mais do que um simples objeto da história, a memória parece ser, dentro dessa nova perspectiva de análise, uma de suas ñmatrizesò. Segundo Paul Ricoeur (2007), ela permanece, em última instância, a única guardiã de algo que ñefetivamente ocorreu no

tempoò. Assegurando a continuidade temporal, a memória, fragmentada e pluralizada, se aproxima da história pela sua ñambição de veracidadeò. Visando portanto, uma melhor apreensão das relações passado, presente e futuro, os recentes estudos franceses, nesta área, atestam a impossibilidade de uma dissociação, até então admitida, entre a memória e a história.

Cabe, portanto a este estudo, ampliar a partir da análise de fontes primárias, um processo de ñrememorizaçãoò dos fatos ocorridos na ação social e cultural do Círculo Operário Pelotense, lançando um novo olhar ao estudo iniciado por Álvaro Barreto (1992; 1995), que é um dos pioneiros nas pesquisas sobre o COP, principalmente no que tange as suas implicações político-ideológicas. Na presente pesquisa a pretensão é construir uma visualização mais ampla do COP, relacionada à ação social e cultural transformando a memória contida nas fotografias, atas, jornais e documentos em historiografia e demonstrando suas ressignificações, processo descrito por Ricoeur (2007, p.156), que ao passar da memória à historiografia, mudam de signo conjuntamente o espaço no qual se deslocam os protagonistas de uma história narrada e o tempo no qual os acontecimentos narrados se desenrolam.

A partir destas considerações, surgiu um questionamento que norteia o trabalho, o qual se refere aos modos de ação do movimento circulista: de que maneira a promoção das atividades de ação social e cultural contribuíram para a efetivação do Circulismo?

Pode-se considerar que o movimento circulista almejava proporcionar meios para que os trabalhadores conseguissem usufruir de um modo de vida digno, com a manutenção do vínculo empregatício, a correta remuneração de seu trabalho, justas condições de moradia e alimentação. Mas além da busca dos direitos dos trabalhadores, o referido movimento procurou fomentar o espaço de convívio entre os associados, gerando diversas formas de recreação, aprimoramento cultural e educacional, ressaltando sempre os valores familiares, de convivência em harmonia tanto no local de trabalho como nos diversos ambientes da sociedade. A participação dos operários na vida social do círculo os envolviam de forma a permanecer na associação a maior parte do tempo em que não estava trabalhando, sob o olhar atento dos religiosos. A respeito dessa ação o padre Brentano (1942, p. 36) coloca que:

> O Círculo Operário ensina aos trabalhadores a fazer bom uso das horas de lazer, fugindo ao jogo e ao álcool e ocupando-se útil e agradavelmente em casa ou na sede, com jogos, música, teatro, etc. ou

> mesmo com algum esforço em prol do movimento, em que também acham prazer e trabalham com orgulho.

Também é importante mencionar que com o processo de industrialização difundido pelo mundo, acrescido do progresso material, por ele proporcionado, durante o século XIX, as atividades recreativas permaneceram restritas às pessoas com mais condições financeiras, tornando o direito ao lazer como um objeto de luta para o movimento operário no século seguinte. Com os avanços obtidos pela organização dos trabalhadores, como a redução da jornada do trabalho, houve um considerável aumento de tempo livre nas camadas trabalhadoras da população, proporcionando a criação de uma rede de convivência fora do local de trabalho, alterando a rotina da classe operária.

A partir dessa constatação é que surgiu o interesse focado na análise destas ações dirigidas aos associados nas áreas social e cultural, o que inclui a atividade desportiva. No COP havia uma quantia variável de atividades em que os trabalhadores podiam participar, as quais se citarão a seguir e que serão analisadas no decorrer da dissertação.

O Grupo de Teatro do COP, o qual originalmente possuíra a função de ilustrar, motivar os ideais do movimento, com o passar dos anos modificou-se conforme ao período vivenciado, apresentando encenações ï em sua maioria comédia de costumes ï proporcionadas pelos próprios associados. Da mesma forma como o grupo musical, era formado por trabalhadores circulistas voluntários. O grupo musical teve disponibilizado pelo COP os instrumentos utilizados nas apresentações regulares, que aconteciam mensalmente e em festividades proporcionadas pelo círculo.

A promoção prática desportiva sempre foi um anseio da direção do COP, que se efetivou em 1936, com a formação do Grêmio Atlético Círculo Operário, equipe amadora de futebol. A escolha por esse esporte se deu por diversos motivos, cabendo destacar a proximidade com as classes trabalhadoras e seu caráter integrador, valor amplamente difundido entre os circulistas. Com a intenção de agregar a família operária também surgiu o interesse pelo grupamento escoteiro do movimento circulista, que foi fundado no ano de 1941 com o nome de Grupamento Escoteiro Dr. Fernando Osório, a este cabia instruir os valores morais e o disciplinamento aos filhos dos operários.

Na ação social, a educação foi um dos primeiros motivadores da ação circulista, que com apenas três meses de fundação já possuía uma escola noturna para trabalhadores. É importante destacar também que as ações educativas contemplavam as mulheres ï com cursos de corte, costura e catecismo, e meninos entregadores de jornal ï com a educação básica proporcionada em parceria com o poder municipal. O Círculo

Operário Pelotense realizou também a construção da Vila Operária General Flores da Cunha, com o ensejo de proporcionar melhores condições de moradia aos trabalhadores associados, além de oferecer assistência jurídica, médica e remédios, cooperativa de consumo e casa de saúde.

Com base nessas informações preliminares, passa-se a apresentar os estudos que foram utilizados como referencial teórico e como fonte secundária de pesquisa para embasar o texto. Primeiramente, foi realizado um levantamento bibliográfico, o qual visou elucidar a proposta do catolicismo social para o mundo do trabalho e da cultura. Isso somado ao objetivo de estabelecer o contexto social em que se encontravam os trabalhadores, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX. Para tanto se recorreu aos estudos de Beatriz Ana Loner ï em ñConstrução de Classe ï operários de Pelotas e Rio Grandeò (2001), onde é apresentada a formação da classe operária em suas relações com o patronato e outros setores da sociedade nestas duas cidades; Bóris Fausto (1977); Edgard Carone (1976, 1989, 1991); João Batista Marçal (2004, 1985); Mons. José Cardijn (1956); Marcelo Badaró Mattos - que em ñTrabalhadores e Sindicatos no Brasilò (2002) traz a tona discussões acerca da história da classe trabalhadora no Brasil do século XX, no que tange aos seus instrumentos de organização coletiva.

Também influenciaram neste estudo os trabalhos de Luiz Alberto Grijó, Fábio Kuhn, César Augusto Guazelli e Eduardo Neumann (2004); Paulo Sérgio Pinheiro e Michel Hall (1979); Sérgio Miceli (1979) e Sílvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas ï com ñAntologia do Movimento Operário Gaúcho: 1870-1937ò (1992) que possibilitam analisar o movimento dos trabalhadores mediante uma farta documentação, produzida pelos mesmos em suas atividades diversas.

Essas leituras foram de grande importância para poder apresentar o panorama, não apenas gaúcho, como também brasileiro, do processo de industrialização e organização dos trabalhadores. O processo de formação da região sul do estado, com a participação efetiva dos escravos na indústria saladeril do final do Império, a chegada dos estrangeiros em busca de melhores condições de vida, sendo estes ï basicamente ï uruguaios, italianos, alemães, espanhóis e franceses, o estabelecimento de indústria e comércio com o desenvolvimento do espaço urbano, são fatores primordiais para que se compreendam os processos que envolveram os trabalhadores durante o período pesquisado.

Para a compreensão do posicionamento da Igreja Católica frente às questões sociais e, fundamentalmente, a estruturação do movimento circulista como proposta de ação em relação ao operariado, foram utilizados os estudos de Álvaro Barreto (1995), Ana Cristina Pereira Lima, com ñôObreiros Pacíficosô; O Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos de São José (Fortaleza, 1915-1931)ò (2009), que faz uma análise histórica do desenvolvimento das instituições de classe e das práticas associativas na cidade de Fortaleza, entendendo o projeto circulista, como um espaço de ação católica possível de construção de direitos e laços de solidariedade entre os trabalhadores na realidade cearense; Astor Diehl, com ñOs círculos operários: um projeto sócio- político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)ò (1990) demonstra as particularidades da ação política na elaboração e efetivação da proposta circulista; Carla Xavier dos Santos (2008) em ñNossa Senhora Medianeira, Rogai por nós: a relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos Círculos Operários no Rio grande do Sul (1937 ï 1945)ò, que demonstra as aproximações entre a efetivação da nova proposta governamental e a relativa atuação católica na sociedade gaúcha durante o período do Estado Novo, tratando basicamente dos critérios políticos da proposta circulista.

Em relação ao circulismo, no que se refere às intenções da Igreja Católica em interferir nas disputas sociais dos trabalhadores, coube ainda a leitura de Carlos Albero de Menezes (1986); Jessie Jane Vieira de Souza (2003), com o trabalho ñCírculos Operários: A Igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasilò onde apresenta uma revisão historiográfica entre os meios de trabalhos e as propostas circulistas; Paulo de Oliveira (1942) e Urbano Rausch (2003).

Cabe destacar a carência de estudos no que se refere às vivências sociais e culturais dos círculos operários. Estudos sobre essa temática são recorrentes em diversos períodos da história das sociedades, mas em relação a essa forma de atuação católica no meio social, não existem referências significativas, lacuna que se pretende contribuir para sanar a partir dessa dissertação.

Na contextualização da memória, e suas possíveis trajetórias, com aproximações e distanciamentos frente ao objeto dessa pesquisa, foi de grande contribuição os estudos de Jacques Le Goff (1990), com o trabalho ñHistória e memóriaò, onde aborda a importância do documento como memória e como este revela, além da história, a vivência de uma época; Michael Pollak (1992), em ñMemória e Identidade Socialò, ao tratar da construção social da memória e, também, sobre os marcos sociais aos quais ela

se refere; Paul Ricoeur (2008), em ñA memória, a história e o esquecimentoò, onde é possível utilizar conceitos de uso da memória e da formulação do sentido de identificação, pertencimento.

As propostas de efetivar a Igreja Católica como uma ferramenta de auxílio das classes menos abastadas ï e, portanto, recuperar a participação na sociedade brasileira, minimizada com o advento da República laica ï são analisadas e a partir dessa etapa se objetiva delimitar o movimento circulista. O Círculo Operário aparece como sujeito coletivo ligado ao discurso de harmonia social e à práxis católica nas relações da Igreja com o mundo do trabalho.

Com o propósito de analisar a influência das atividades culturais e desportivas ï de um modo geral, bem como a ação social do movimento circulista são utilizados os estudos de Ana Paula Costa Pereira (2004); Cristina Ferreira (2008); Marcos César Borges da Silveira (2000) ï em ñO teatro operário em Rio Grande na época das primeiras chaminésò apresenta as práticas de teatro operário, suas peculiaridades e atuação; Rosa Fátima de Souza (2000); Vera Regina Martins Collaço, com ñO Teatro da União Operária ï Um palco em sintonia com a modernização brasileiraò (2004) que demonstra as características do teatro do movimento operário organizado, apresentando similitudes e diferenciações com as mesmas formas de manifestação artística ocorridas nas cidades de Rio Grande (RS) e São Paulo (SP), e Victor Andrade de Melo (2010).

Além da bibliografia, é importante enfatizar que as fontes primárias desta pesquisa foram o acervo documental, cênico e fotográfico pertencentes à própria entidade. O COP possui grande acervo de fotografias[1], reportagens de periódicos, documentos, mobiliário utilizado para a prática cênica, entre tantos outros registros que ainda não receberam nenhum tipo de tratamento de sistematização e análise. Esse material apresenta-se danificado pelo tempo e por armazenamento inadequado, além de não se encontrarem num mesmo local, o que acarretou um intenso trabalho de busca de referências. Outra dificuldade encontrada é que em determinados períodos, praticamente não se encontram referências aos trabalhos apresentados por terem sido recolhidas em acervos pessoais.

Cabe também demonstrar como foi estruturado o texto para melhor demonstrar os resultados da pesquisa realizada. A estrutura desse trabalho se dá da seguinte forma:

---

[1] Como se pode perceber nos anexos, foram encontradas dezenas de fotografias, que apesar de não se relacionarem diretamente com essa pesquisa, resolveu-se publicá-las para fins de divulgação devido a sua relevância e aos possíveis usos para outros trabalhos acadêmicos que abordem o circulismo.

no capítulo *Da intencionalidade à prática: a elaboração do Circulismo e fundação do Círculo Operário Pelotense* é apresentado o contexto social e político em que se encontrava o Brasil. Mostra o desenvolvimento do movimento operário no país e a busca por espaço do clero brasileiro, que propiciaram a criação do circulismo. Trata, também, da construção do Movimento Circulista e da origem do Círculo Operário Pelotense.

Dando sequência ao estudo, o capítulo *O olhar humanitário: a promoção da ação social do Círculo Operário Pelotense*, traz a análise da ação social do COP, seu funcionamento, suas especificidades. Mostra sua trajetória durante as duas primeiras décadas de existência da referida instituição. Recupera o passado individual e coletivo, por meio da memória como fonte de análise, configura-se como um dos caminhos possíveis para a redescoberta dos processos de desenvolvimento social e cultural, e, por conseguinte, para a redefinição dos projetos que articulam passado, presente e futuro.

Em referência à análise documental, tomamos como principio a reflexão de Ricoeur (2008, p.189), que diz:

> Para o historiador, o documento não está simplesmente dado, como a idéia de rastro deixado poderia sugerir. Ele é procurado e encontrado. Bem mais do que isso, ele é circunscrito, e nesse sentido constituído, instituído documento, pelo questionamento. Para um historiador, tudo pode tornar-se documento [...]

Finalizando este estudo, o capítulo ***ñ****O lazer sadio****ò****: o Círculo Operário Pelotense e as atividades culturais e desportivas* traz a especificidade das atividades culturais do Círculo Operário Pelotense. O Teatro do COP, período após sua constituição, onde o grupo amador possuía uma série maior de apresentações, sendo estas, principalmente, em dias festivos e em reuniões ordinárias. Tais representações ocorriam a partir de textos com motivação cristã, servindo para elucidar e salientar a convicção sobre a importância do envolvimento do trabalhador com o circulismo.

As artes cênicas sempre se mostraram constantes nas organizações sociais, tanto por seu caráter de entretenimento quanto por serem capazes de transmitir os intentos dos dirigentes às pessoas com baixo nível de instrução. Como exemplo, verifica-se a presença da atividade cênica no Clube Caixeiral de Pelotas ï entidade que representava os caixeiros desta cidade -, com a fundação, em 1892 de seu Grupo Dramático e, também, na cidade de Rio Grande, dez anos depois, em 1902, com a criação do Grêmio Lyrico Dramático, pertencente à Sociedade União Operária.

O teatro, a música, como outras atividades culturais e desportivas, além de meramente didáticas, são formas de facilitar o agrupamento. Engloba a aprendizagem, o lazer e a aspiração artística dos operários. O detalhamento da cena só interessa a um teatro que tem como proposta criar uma ilusão de realidade. Não se conhece ainda, no campo de ação do teatro operário, uma proposta de atribuir à visualização do espetáculo um campo de significação próprio. Antes de qualquer coisa, interessa a esse teatro a clareza na transmissão de uma idéia já formulada no discurso verbal. E é sobre a palavra que se apóia o espetáculo, ignorando o poder de sedução da imagem. Operando sobre a consciência do espectador, o teatro deve comover através da identificação de problemas. O apelo ao teatro é feito a toda a classe operária, divulgado oralmente nas fábricas ou através da imprensa. Os atores pertencem a ofícios vários e são muitas vezes ñ*recrutados*ò a partir da vontade de representação.

Ao que parece, a vinculação ativa ao teatro é também uma forma de atração para a militância ideológica. Na prática do teatro as lideranças formam novos adeptos das teorias difundidas com o circulismo.[2] As atividades de lazer, como um todo, possuem como característica a fidelização de seus participantes, tanto ativa quanto passivamente e, em um meio que essas ações poderiam ï e deveriam ï ser realizadas em conjunto com sua família mais importantes se tornam. Numa época em que o lazer era artigo de luxo para as classes trabalhadoras, o oferecimento dessa prática pelo movimento circulista tornava-se mais uma motivação para uma maior participação dos trabalhadores.

Sem a falsa pretensão de ser uma análise histórica exaustiva, esse estudo é uma aproximação da curiosidade, essa sim histórica, em relação à utilização de atividades culturais e esportivas como instrumento de ação pedagógica na sociedade.

[2] Impressões a partir de intenso trabalho de análise documental nas dependências do Teatro do Círculo Operário Pelotense.

Capítulo 1

Da intencionalidade à prática: a elaboração do Circulismo e a fundação do Círculo Operário Pelotense

1.1. Antecedentes

> Escrevi o primeiro capítulo, vocês completarão a obra e os trabalhadores terão, afinal, a justiça social. ï Padre Leopoldo Brentano. (OLIVEIRA, 2000, p. 21)

Aproveitando a fala do padre Leopoldo Brentano ï que será devidamente apresentado em momento oportuno deste estudo ï dá-se início a trajetória da pesquisa contextualizando a realidade sócio-política brasileira do início do século XX. Neste capítulo será apresentado um panorama onde constam as principais influências que permitiram a origem de um novo movimento social em prol dos trabalhadores, o Circulismo e, também, sua efetivação na cidade de Pelotas.

Para iniciar o estudo, deve ser tomado como inspiração a elaboração de Jacques Le Goff (1994, p.477), em ñHistória e Memóriaò, em que encontra-se a seguinte afirmação:

> ñA memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homensò.

Na busca por efetivar uma retomada da memória circulista houve diversos momentos de busca de informações necessárias para a elaboração de um ñcorpoò, substancial o suficiente para exprimir a experiência vivenciada pelos trabalhadores no período entre as décadas de 30 e 40.

O final do século XIX e o princípio do século XX é marcado por grandes mudanças na sociedade brasileira. A troca de regime político com o surgimento da República, o fim da escravidão, a urbanização das cidades, a implementação de indústrias, a imigração oriunda principalmente da Europa ï que, consigo permitiu o ingresso de operários conscientes do avanço de movimentos sociais como o Anarquismo, Socialismo e Comunismo, juntamente com o restrito espaço de ação social dirigido ao episcopado brasileiro, são constituintes de um cenário favorável à criação do movimento circulista.

As péssimas condições de vida, após um inchaço urbano com a abolição da escravatura e o incremento da imigração, com um aumento na densidade populacional maior do que poderia ser absorvida pela cidade, originaram um circuito de miséria pelas ruas de Pelotas, no início do século XX. O processo de industrialização, no Rio Grande

do Sul, se deu a partir de 1870[3]. A cidade de Pelotas contava, ainda, com uma rede de empreendimentos no ramo saladeril ï as charqueadas. No princípio do século XX, a instalação de frigoríficos no país desencadeou um processo de crise nas indústrias do charque, iniciando um processo de derrocada que perduraria durante toda a República Velha. Em decorrência dessa desestabilização econômica, houve na cidade de Pelotas a procura por novas formas de investimento, como o plantio de arroz e frutas para agroindústria, mas o declínio econômico já estava em andamento, estagnado por um momento com a criação do Banco Pelotense, em 1906. Com a chegada dos anos 30, é decretado o processo de falência no Banco Pelotense e, acrescido da extinção da atividade saladeril, tornou-se necessária uma readequação do sistema econômico da cidade, transformando os modos de produção e trabalho, como explicitado a seguir:

> No Brasil de quase quatro séculos de escravidão, construir uma identidade de classe para os trabalhadores esbarrava na imagem negativa do trabalho. Trabalhava quem era escravo ou os livres que não possuíam escravos. Nossas classes dominantes não tinham como se apoiar numa tradição cultural ou religiosa de valorização do trabalho e, por isso, não confiaram apenas na mensagem ideológica que rezava: ño trabalho dignifica o homemò, ño trabalho é o caminho para a ascensão socialò, etc. Classes dominantes também marcadas pela experiência da escravidão, só que pelo lado do mando, insistiram na repressão como estratégia para garantir a disponibilidade de trabalhadores no mercado de trabalho assalariado em formação. A forma era bem simples: quem não trabalhasse deveria ser preso. Logo após a abolição nossos deputados discutiram uma lei capaz de garantir que o ex-escravo se conformasse às novas regras. Tal lei teria o sintomático nome de ñLei de Repressão à Ociosidadeò. (MATTOS, 2002, p.12)

Ainda sobre a caracterização sociocultural da cidade de Pelotas, Loner considera que

> Pelotas foi elevada à Vila em 1832, separando-se de Rio Grande. Já nessa época era uma localidade que se destacava pelo progresso e riqueza, propiciando uma rápida expansão urbana e cultural. Nas décadas seguintes, o dinheiro auferido com o charque contribuiu para cristalizar uma sociedade aristocrática, com a valorização das belas artes: música letras e teatro. O período de ouro desta sociedade está localizado no século passado [século XIX], ainda no tempo do Império, quando ela rivalizava, senão sobrepujava Porto Alegre. [...] Numa sociedade que cultuava os traços nobres e a aristocracia, o desprendimento do trabalho e o tempo livre, é forçoso reconhecer que o espaço reservado àqueles que viviam do trabalho, seja como patrões de si próprio, seja vendendo sua força de trabalho, era reduzido. (2001, p.54-55)

[3] De acordo com o trabalho de Beatriz Ana Loner (2001), sob o título ñConstrução de Classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)ò.

Neste período, de acordo com Marcelo Badaró Mattos (2002), em ñTrabalhadores e Sindicatos no Brasilò, as exaustivas jornadas de trabalhos, as quais os trabalhadores ï homens mulheres e crianças ï estavam submetidos, excediam as 10 horas diárias, expostos a um maquinário perigoso, sem instrução alguma, o que favorecia a proliferação de acidentes de trabalho. Soma-se a esse difícil quadro de trabalhos, as péssimas condições de moradia e alimentação comuns aos trabalhadores, visto que a remuneração obtida com a venda da força de trabalho sempre estava em desacordo com o alto custo de vida do espaço urbano da cidade de Pelotas.

No final do século XIX, começam a surgir associações de caráter político no estado do Rio Grande do Sul, principalmente com a chegada dos imigrantes europeus, estando à frente desse movimento os imigrantes alemães, mas cabe destacar, também, a influência exercida por parte de trabalhadores portugueses e italianos recém chegados em terras brasileiras. Como apresentam Sílvia Petersen e Maria Lucas, em ñAntologia do movimento Operário Gaúcho ï 1870 a 1937ò,

> Assim no movimento operário gaúcho da época e na sua imprensa, não há uma definição teórica rigorosa entre as várias correntes socialistas (o próprio marxismo não é perfeitamente definido), nem tampouco entre elas e os vários ñanarquismosò Embora a imprensa revele uma preocupação ï nem sempre bem sucedida ï em balizar quais seriam as diferenças entre as propostas socialistas e anarquistas, parece que as distinções imprecisas e a identidade de algumas estratégias e táticas (embora emanadas de concepções basicamente diferentes sobre a sociedade) contribuem para que não exista nessa época, a nível prático de política, um conflito explícito entre socialistas e anarquistas como ocorrera após 1906[4]. (1992, p.30)

Para se buscar melhorias na vida dos operários e com a chegada de ideias européias de movimento operário, o ambiente estava muito propício para o avanço das ideias políticas esquerdistas. Com a ambição de criar uma identidade para a referida classe e reivindicar melhorias, surgem associações e organizações coletivas como os partidos operários. Especificamente, esta organização partidária têm vida curta, na medida em que os trabalhadores não possuíam ação politicamente, visto que o direito de voto era restrito em relação aos analfabetos ï como a grande maioria dos operários não tinha instrução escolar, aos menores de 21 anos, às mulheres, entre tantos outros

[4] Marcam o ano de 1906 dois significativos acontecimentos: a primeira greve geral do estado do Rio Grande do Sul, paralisando mais de 3.000 trabalhadores na capital, Porto Alegre, e a criação da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS).

impeditivos que excluíam as camadas populares da participação política. Muitas correntes políticas tentaram conseguir as direções dessas sociedades organizadas no período. Mattos (2002, p. 13) destaca que ñcoube aos próprios trabalhadores a tarefa de construir uma ética positiva no trabalho. Porém, não com os mesmos objetivos dos empresáriosò. Para os militantes de um incipiente movimento operário brasileiro, a valorização do trabalho e de seu executor era fundamental para a construção de uma identidade e, a partir dela, iniciar a luta por condições mais dignas de sobrevivência e realização de seus ofícios.

O Vaticano, ciente do avanço do socialismo em diversas partes do mundo, buscou intervir de maneira mais efetiva na questão social através da publicação, em 15 de maio de 1891, da Encíclica Rerum Novarum, por Leão XIII. Esta encíclica é considerada por muitos pesquisadores como uma etapa importante para as garantias dos direitos dos trabalhadores, visto que proporciona uma interpretação, a partir da visão da Igreja Católica, da questão social e trabalhista posta em decorrência da Revolução Industrial, alterando sua participação na sociedade, tornando-a mais próxima das pessoas menos favorecidas.

> Em todo caso, estamos persuadidos, e todos concordam nisto, que é necessário, com medidas prontas e eficazes, vir em auxílio dos homens das classes inferiores, atendendo aqueles que estão, pela maior parte, numa situação de infortúnio e de miséria imerecida. O século passado destruiu, sem as substituir por alguma coisa, as corporações antigas, que eram para eles uma proteção; os princípios e o sentimento religioso desapareceram das leis e das instituições públicas, e assim, pouco a pouco, os trabalhadores, isolados e sem defesa, têm-se visto, com o decorrer do tempo, entregues à mercê de senhores desumanos e à cobiça de uma concorrência desenfreada. A usura voraz veio condenar ainda mais o mal. Condenada muitas vezes pelo julgamento da Igreja, não tem deixado de ser praticada sob outra forma por homens, ávidos de ganância, e de insaciável ambição. A tudo isso deve acrescentar-se o monopólio do trabalho e dos papéis de crédito, que se tornaram um quinhão de um pequeno número de ricos e de opulentos, que impõe assim um julgo quase servil à imensa multidão dos operariados. Os socialistas, para curar este mal, instigam nos pobres o ódio contra os que possuem, e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suprimida, que os bens de um indivíduo qualquer dever ser comuns a todos, e que a sua administração deve voltar para os Municípios ou para o Estado. Mediante esta transladação das propriedades e esta igual repartição das riquezas e das comodidades que elas proporcionam entre os cidadãos, lisonjeiam-se de aplicar um remédio eficaz aos males presentes. Mas semelhante teoria, longe de ser capaz de por termo ao conflito, prejudicaria ao operário se fosse posto em prática. Outrossim, é sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a

> subversão completa do edifício social. (Rerum Novarum, 1891, p. 02-03)

A Encíclica Rerum Novarum inicia com uma crítica direta ao Comunismo e ao Socialismo, na medida em que, ao transmitir para o Estado uma obrigação que ultrapassa suas possibilidades, acaba por ir de encontro aos anseios dos trabalhadores. Segundo a perspectiva da Igreja Católica, cabe ao homem o uso dos bens terrestres para garantir a permanência de seus iguais; a propriedade, quando utilizada de maneira consciente, serviria a este propósito de satisfazer suas necessidades vitais, propiciando a perpetuação da sustentabilidade de seus familiares, repudia o acúmulo indecoroso de valores, a ambição e a exploração dos menos favorecidos. Cabe ao homem a retribuição de seu esforço com o fruto do seu trabalho, e essa retribuição deveria ser igualmente proporcionada a este e também ao proprietário dos instrumentos, meios e matérias primas que proporcionaram a execução do trabalho. Sendo os bens alheios, portanto, o produto caberia em parte para o trabalhador e parte para o patrão.

A possibilidade do homem de construir seu patrimônio e disponibilizá-lo aos seus descendentes era preocupação da Igreja, bem como lhes assegura o direito de adquirir bens que contribuam para uma vida mais harmoniosa. Leão XIII, em sua encíclica, coloca os trabalhadores como o setor que mais necessitava de amparo do poder católico e, para tanto, propõe a intervenção do poder do Estado, da Igreja e dos - personagens principais desta relação - patrões e trabalhadores - para que exista a mediação entre a produção e seus produtores, como medida de garantir a justiça social almejada. A participação do Estado nesse processo se dá como um administrador dos bens comuns, de maneira a garantir a propriedade privada ï estando esta em acordo com a concepção cristã de propriedade ï, coibindo o uso abusivo da mesma e proporcionando a distribuição mais equitativa da renda obtida em decorrência do trabalho. Como instrumento para a obtenção desses anseios, cabe ao Estado o uso de medidas cabíveis, tal como a legislação.

A divulgação, em 1931, da Encíclica Quadragésimo Anno, elaborada pelo Papa Pio XI, como bem sugere o seu nome, comemorativa aos quarenta anos de publicação da Rerum Novarum, que retoma a questão social como seu tema principal, serve de base para a criação do circulismo. A justiça social é colocada como a forma de permitir a aquisição, por parte do trabalhador, de uma modesta propriedade que garantiria a sobrevivência de sua família. Em relação ao operário, a justiça social seria a condição

de proporcionar assistência ao profissional em caso de necessidade, tanto durante sua vida produtiva quanto em sua velhice.

O repúdio à luta de classes é uma constante nas duas encíclicas mencionadas anteriormente e como alternativa a Igreja defende a harmonia entre classes, a partir de duas questões essenciais. A primeira é assegurar o direito sagrado de propriedade, desde que sua utilização se dê em propósito do bem comum, e a segunda consiste em defender ao operário, a remuneração digna pela venda de seu trabalho, que lhe proporcione tudo o que é indispensável para sua existência. O salário justo, para ser estabelecido, deve considerar a quantia necessária para garantir o sustento de uma família, a possibilidade da empresa em manter seus trabalhadores, pois uma remuneração superior às possibilidades do empregador acarretaria no encerramento de suas atividades e isso iria de encontro à manutenção do bem comum.

> O erro capital na questão presente é crer que as duas classes são inimigas natas uma da outra, como se a natureza tivesse armado os ricos e os pobres para se combaterem mutuamente num duelo obstinado. Isso é uma aberração tal, que é necessário colocar a verdade numa doutrina contrariamente oposta, porque, assim como no corpo humano os membros, apesar da diversidade, se adaptam maravilhosamente uns aos outros, de modo que forma um todo exatamente proporcionado e que se poderá chamar de simétrico, assim também, na sociedade, as duas classes estão destinadas pela natureza a unirem-se harmoniosamente e a conservarem-se mutuamente em perfeito equilíbrio. ï Leão XIII, na encíclica Rerum Novarum. (BARRETO, 1995, p. 14)

Tal repúdio ao embate entre classes será amplamente difundido entre os associados circulistas neste sentido podemos destacar um editorial publicado no jornal O Circulista, do Círculo Operário Pelotense, Ano I - Edição nº 1, de agosto de 1939, na Coluna Operária, assinada por Edgar Tavora, onde consta:

> ñMeu amigo operário, eu creio que você é bom. Eu quasi tenho certeza de que você sentiu todas essas dores. E diante de todo esse horror, sofrimento e miséria, você não acha que precisa fazer alguma cousa? [...] Em certos momentos você se revolta... Não é verdade? Xinga o patrão, solta blasfêmias de baixo calão. Chega as vezes a descrer do próprio Deus, não é mesmo? Mas nesse momento você está errado, porque está em desespero. [...] Quando o comunismo se organiza para o mal, vocês operários devem se organizar para o bem. O seu lugar você só achará dentro da doutrina da paz, na campanha da cristianização e educação, organizado e educado você terá a consciência indeformada do seu valor e direito.ò [sic]

O desrespeito por qualquer um dos pontos apresentados anteriormente, para a Igreja Católica, poderia acarretar conflitos sociais e caberia ao poder do Estado se esforçar na manutenção deste equilíbrio. Como outra maneira de estabelecer esta harmonia, a Igreja reconhece o direito de organização dos trabalhadores desde a encíclica divulgada por Leão XIII, mas esta orientação ganha ênfase com a publicação de Quadragésimo Anno, quando coloca que seria necessário manter o movimento operário com posicionamento equidistante entre os regimes extremados do Socialismo totalitarista e o Liberalismo, propondo, então, a criação de um corporativismo cristão, privilegiando, portanto, as comunidades de natureza profissional, os trabalhadores em geral.

Nesse momento de transformações dos paradigmas sociais, aos quais os trabalhadores estavam submetidos, ao se procurar estabelecer formas de compreensão da memória é importante recorrer a Le Goff (1994, p. 426) quando defende que o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

No final da década de 20, a influência anarquista encontra-se em declínio no interior das organizações trabalhistas brasileiras, de acordo com Mattos (2002). Para tanto, o papel do Estado foi de fundamental importância, através do fechamento de jornais sindicais e suas respectivas entidades, prendendo e exilando as lideranças desse movimento, além de grande propaganda contrária aos sindicatos. No ano de 1922, os comunistas passam a competir na influência junto dos trabalhadores com os anarquistas, visto a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em sua maioria por antigos militantes anarquistas. Este partido objetivava reunir as simpatias adquiridas após a Revolução Soviética de 1917, na tentativa de implantar o formato de regime de estado já exportado para diversas partes do mundo. Para os comunistas, o partido seria um meio de comandar os trabalhadores para o conflito com a ordem estabelecida, buscando a tomada do Estado, entendendo os sindicatos como locais ideais para a reunião dos operários e difusão de seus fundamentos (Santana, 2001, p.38).

Já a Igreja católica brasileira buscava adaptar às adversidades sofridas no final da década de 10, com a preocupação em não diminuir o número de fiéis nem descontentar os mais diversos grupos componentes da sociedade, iniciou seu processo de atuação social. Esta atuação se deu de forma a garantir sua continuidade através da influência junto aos trabalhadores, visto que perdera, lentamente, sua intimidade com o

poder do Estado desde a proclamação da república. Procurou, ainda, posicionar-se frente às mudanças sociais vivenciadas no Brasil ï urbanização e industrialização - e à nova ordem liberal que se encontra em processo de expansão.

Edgar Carone, em ñA Segunda República (1930-1937)ò, situa a postura da Igreja brasileira neste período

> Na década de 1920, a ação católica é mais crítica e menos prática. Porém, com a revolução de 1930, eles retornam violentamente a arena política: a Liga Eleitoral Católica (1933), o Centro Dom Vital, e outras organizações vão liderar e controlar as atividades de grupos políticos, numa ostensiva atitude de pressão sobre todas as formas liberais e esquerdizantes. Dai o seu apoio - mas não total identificação ï aos movimentos integralistas e das oligarquias, traduzindo uma atitude dúbia entre conservadorismo e reacionarismo fascistóide. - Jornal do Comércio, 25.12.1931 (1978, p. 197)

Mons. José Cardijam, em ñA hora da classe operáriaò, afirma que

> É também um problema familiar: é preciso alimentar a família com um trabalho assalariado e, ao mesmo tempo, procurar que esse trabalho não venha a desarticular a família, separando o homem da mulher, os pais dos filhos. E nasceu, imediatamente, o que se chama o movimento operário. Os operários sentiram logo que sozinhos eram incapazes de resolver seus problemas. Tiveram que se agrupar. O movimento operário era tão necessário quanto a Igreja para salvar a classe operária. (1956, p.35)

Mesmo com o esforço da Igreja junto ao operariado, uma ação mais efetiva só se tornou possível no Brasil com o advento do governo Vargas, precisamente após a criação de uma legislação sindical, ainda que dirigida ao sindicato leigo. Essa ação se vale do amplo apoio da Igreja do estado do Rio Grande do Sul à candidatura de Vargas, bem como à Revolução de 30 que, segundo Álvaro Barreto, em ñPropostas e Contradições dos Círculos Operáriosò, (1995, p. 26) ñenviou padres gaúchos junto às tropas revolucionáriasò. Acrescido aos motivos citados anteriormente encontra-se o fato de que Vargas foi o primeiro presidente a não considerar os problemas sociais da classe operária como uma infração criminal.

Getúlio Vargas, ao assumir o governo, busca integrar a questão operária às ações do Estado, tendo seu auge com a criação do Ministério do Trabalho Indústria e Comércio (MTIC), em 26 de novembro de 1930, chamado de ñMinistério da Revoluçãoò, segundo Matos (2002, p.35). Nesta etapa surgem a maior parte da legislação trabalhista, com a institucionalização do salário, regulamentou o trabalho da mulher e do menor, que logo após foram sistematizadas na Consolidação das Leis do

Trabalho (CLT), em 1943, garantindo, por exemplo, o direito a férias e aposentadoria um marco na questão social dos trabalhadores.

> A solução variada e grandemente falha, o que a torna bastante complexa. Porém, outro fato é fundamental: a identificação da questão social como um caso de polícia - pois as reivindicações operárias são resolvidas pelo chefe de policia, o que torna as medidas extremamente problemáticas. Mas, na Segunda Republica as contradições não desaparecem totalmente, como se quer fazer crer. Paralelamente ao Ministério do Trabalho, a polícia continua a agir de maneira violenta, tentando dobrar a resistência revolucionaria do operariado. (...) Por sua vez, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comercio é um órgão de tendência reformista, pronto para intervir no conflito trabalho e capital, o que o caracteriza é a amplitude de suas leis, que se igualam as melhores de outros países mais adiantados, como a Argentina, França, Alemanha de Weimar, etc. Porém, o seu domínio será completo, no momento em que o governo, a pretexto da revolução de 1935, fecha os sindicatos e prende toda liderança operária revolucionária. (CARONE, 1978, p. 220)

Lindolfo Collor, de acordo com Barreto (1995, p.43), primeiro Ministro do Trabalho, afirma em seus discursos a necessidade de substituição da antiga e depreciativa luta de classes em prol de uma medida nova, que contribua para a organização e mútua colaboração entre as classes, conforme também almejava a Igreja. A única discordância entre o Estado e o clero encontra-se em parte do Decreto 19770, de março de 1931, que estabelece e regula a criação dos sindicatos, enquanto instituições leigas; já a Igreja preconizava uma organização que não poderia prescindir de uma formação moral e espiritual sob a alegação de fomentar a harmonia entre as partes relacionadas no contexto social. Ildefonso Albano, em ñDivisão dos Lucros com os operários e demais empregadosò, (1944, p. 5) coloca que o chamado problema social, embora tenha ligação direta com a vida econômica, é um problema essencialmente moral.

Nesse decreto, cabia aos sindicatos mediarem uma relação entre o Estado e os trabalhadores, operando por dentro do Estado como sendo instituições públicas, portanto submetidas às mesmas medidas que as demais instâncias governamentais. Entretanto, os trabalhadores não estavam dispostos a trocar suas entidades livres para se submeterem à tutela do Estado. Uma medida adotada pelo MTIC, segundo Mattos (2002), foi conceder benefícios trabalhistas para quem, ñvoluntariamenteò, aderisse ao modelo de sindicalismo controlado pelo governo Vargas, objetivando a efetivação dos sindicatos oficiais.

O Estado então buscou estabelecer uma relação de troca com os trabalhadores, de modo a oferecer uma série de benefícios e uma legislação protetora à classe trabalhadora e, como retorno, recebe dos trabalhadores a legitimidade e autonomia necessária para sua efetiva atuação junto à sociedade. Para tanto, toma iniciativas de caráter popular, como a criação de datas festivas como o Dia do Trabalho e atos cívico-religiosos, objetivando estabelecer a ligação entre o chefe de Estado e o Povo, utilizando-se da ideia de trabalho como elemento fundamental da construção da nacionalidade brasileira.

A partir da análise das fontes documentais é possível se concluir que o circulismo, em conjunto com os motivos já referidos, possuía clara intenção de combate ao avanço mundial do Comunismo, visto a oposição entre os postulados das duas instituições. O Comunismo, que apregoava o caráter ateu ï o que por si só ia de encontro às orientações católicas ï, propunha a luta, mesmo que sangrenta, para a obtenção de seus objetivos.

Na publicação ñCódigo Social ï Esboço da Doutrina Social Católicaò (1959), distribuída aos operários associados ao Círculo Operário Pelotense, pode-se verificar a postura católica frente ao Comunismo:

> O comunismo, fundando-se nos princípios do materialismo dialético e histórico, promove uma luta de classes implacável, para atingir o seu fim: uma sociedade sem classes, pela abolição da propriedade privada, por causa dos princípios ímpios e da ação revolucionária e dissolvente do comunismo, deve a autoridade pública coibir-lhe a propaganda. Deve sobretudo suprimir os abusos que exasperam as massas e preparam o caminho à revolução.
>
> Certas formas do socialismo têm se tornado menos intransigentes do que o comunismo no tocante à luta de classes e à suspenção da propriedade privada, e trazem a êstes falsos princípios atenuações mais ou menos notáveis.
>
> Mas, na medida em que fica fiel aos seus princípios essenciais, o socialismo desconhece o verdadeiro destino da sociedade e da pessoa humana, admitindo que a comunidade humana só foi constituída em vista do bem-estar terreno, e subordinando os bens mais elevados do homem, sem ecetuar a liberdade, às exigências da produção mais racional. Êstes princípios são inconciliáveis com o cristianismo autêntico, e fazem que ninguém possa ser ao mesmo tempo bom católico e verdadeiro socialista. [sic]

Durante a derrota sofrida na 1ª Guerra Mundial, a Rússia, em outubro de 1917, passou por uma revolução que, sacrificando sangue e bens em massa, acabou com a ordem econômica baseada nos fatores capital e trabalho e na propriedade privada. Ela transferiu para o Estado todos os meios de produção. A iniciativa privada foi abolida e a

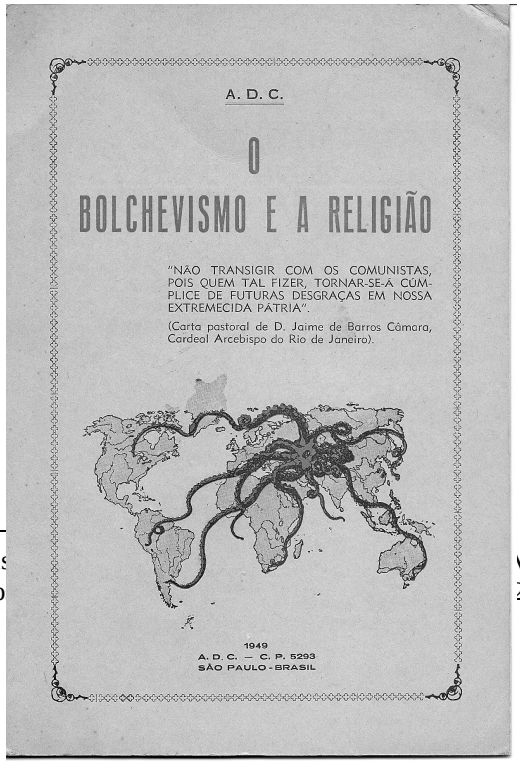
economia passou a ser coletivamente dirigida e controlada por um órgão central, com as características de pessoa de direito público, com o intuito de fomentar a industrialização do país e de cuidar de sua descentralização.

Para o Comunismo[5], o cidadão cujo dever de honra representa o trabalho tem, porém, de contentar-se com o lugar de seu trabalho que corresponde às suas faculdades e à sua educação. Com isto ele adquire direito ao trabalho, ele tem, então, de sacrificar a sua liberdade individual para garantir sua segurança econômica. O Estado é o empregador e, ao mesmo tempo, representante dos trabalhadores, cujo órgão político ele mesmo apresenta.

No panorama católico brasileiro, cabe destacar o trabalho de Dom João Becker, bispo de Porto Alegre, quando em 13 de setembro de 1930 publica a 19ª Carta Pastoral, que possui como tema central o Comunismo Russo e a civilização Cristã.

> A Carta faz um apelo às Forças Armadas, às classes conservadoras cuja existência se fazia destruir, aos poderes públicos, aos fazendeiros, aos intelectuais, à imprensa para se defenderem contra "a onda vermelha que no seu advento os pretende destruir". Apela também para as dignas classes operárias "tão livres e tão pacíficas" para que não se deixem iludir. (BEOZZO apud BARRETO, 1995, p. 31-32)

Considerando-se como solução para as correntes de revolução social oriundas, principalmente, da Europa, a Igreja menciona em suas publicações ï conforme as figuras 01 e 02 ï destinadas aos operários textos em cuja essência se encontra palavras de ordem contra as organizações trabalhistas que não possuem referências religiosas. Albano (1944, p. 6) enfatiza que a solução do problema social está no Cristianismo, religião que tirou o mundo ocidental da barbárie, elevando-o à civilização.



[5] Para maior compreens… Marco Aurélio. **Homens partido**: Comunistas e sindicato… 2001.

Figura 01 ï Capa de uma publicação destinada aos operários, de 1949. (Acervo do COP)

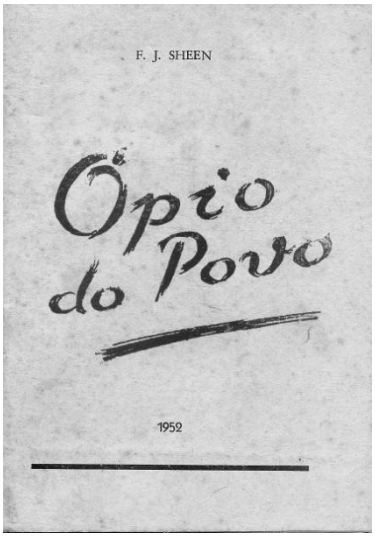


Figura 02 ï Capa de uma publicação destinada aos operários, de 1952. (Acervo do COP)

Nesse momento torna-se importante a referência que Le Goff (1990) faz a utilização da análise do documento como elemento fundamental para a construção da memória, sendo

> [...] do mesmo modo que se fez no século XX a crítica da noção de fato histórico, que não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica da noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento. (p. 9-10)

Para isso foram analisadas fontes primárias, sendo estas: livretos distribuídos aos operários, fotos, atas ou outras formas. A reconstrução de uma etapa da vivência circulista só se tornou possível através da mediação histórica.

1.2. Uma nova história operária: a fundação do Circulismo

Com o advento da República, no final do século XIX, surgiu a liberdade de culto. Nesse momento, de acordo com Petersen (1992), a Igreja Católica encontra-se esquecida dos poderes públicos, estando, muitas vezes, no mesmo nível de outras religiões. Essa situação pode ser constatada em diversas partes do mundo, não sendo exclusivamente um caso brasileiro. A mudança desse paradigma, de acordo com Brentano (1995), se inicia com o pontificado de Pio XI, que entre muitas ações, institui a Ação Católica, que em seguida espalhar-se-ia pelo mundo inteiro e permanecendo ativa até os dias atuais. A partir da instalação do governo de Getúlio Vargas, a Igreja Católica busca o controle do imaginário social, tornando-se ativa em diversos espaços sociais, trabalhistas, culturais e políticos, nesse caso estabelecendo aproximações com o Estado implantado por Vargas, no campo social, de modo a legitimar o desenvolvimento varguista, se colocando ao seu lado. Essa postura, entretanto, era uma forma de buscar a hegemonia nacional, uma vitória sobre os tempos passados.

O início da atuação do clero pelotense em relação ao operariado, de acordo com análise documental, se dá no ano de 1928, segundo relatório manuscrito da diretoria do COP de 1932, com a luta em prol da possibilidade de ofertar instruções aos operários, o que foi alcançado no ano seguinte ao fundar um curso gratuito para os trabalhadores na Congregação Mariana dos Moços, a qual possibilitou a aproximação do padre jesuíta Leopoldo Brentano à problemática dos trabalhadores. A partir dessa experiência, o Pe. Brentano voltou suas ações de maneira mais efetiva à questão operária, buscando a fundação de uma organização que tivesse formas de auxiliar e amparar os trabalhadores. Após o decreto de regulamentação dos sindicatos ï de caráter leigo ï , promulgado em 1931 pelo governo Vargas, começou a infiltração de militantes de correntes revolucionárias tão temidas pelo clero, principalmente após a publicação da Encíclica Quadragésimo Anno, também em 1931, o que serviu de um maior incentivo ao episcopado pelotense já articulado em torno do movimento social.

> [...] era de urgente necessidade o lançamento de um movimento operário cristão que dando ao operariado, a par de uma assistência social imediata, uma formação espiritual e colaborando com os esforços do governo, pusesse um dique à infiltração comunista e completasse a obra do Ministério do Trabalho. (BRENTANO apud BARRETO, 1995, p. 34)

Pode-se deduzir que, convencido de que só um movimento articulado e generalizado possibilitaria influência significativa aos trabalhadores, que possibilitasse

aos mesmos a compreensão de sua missão e auxiliar na sua realização e que, acrescido a toda essa incumbência, ao mesmo tempo, eduque a classe operária para que não se permitam dominar pelo instinto, pelas vantagens materiais ou de vaidade, mas que devam conhecer e buscar conscientemente uma sobrevivência harmoniosa, o Pe. Leopoldo Brentano, no início de 1932, dá início à organização, como pode ser visto abaixo em nota publicada no jornal Diário Popular, que acabaria por fundar dois meses depois o primeiro círculo operário brasileiro. Nessa época, o Pe. Brentano era o capelão do, então, Gymnázio Gonzaga ï de 1928 a 1932[6].

> ñCÍRCULO OPERÁRIO PELOTENSE
>
> Na próxima terça-feira, no salão de festas do Gymnázio Gonzaga, as 20 1|2 horas, realiza-se reunião geral do operariado de Pelotas, para definitiva constituição do óCírculo Operário Pelotenseô.
>
> Nessa reunião, para a qual foram distribuídos avulsos, convidando os operarios em geral, serão tratados os assuntos primordiaes e de grande importancia, como sejam, leitura dos Estatutos, eleição e posse da primeira directoria e uma pequena conferencia, com exposição do que será de facto o óCírculo Operário Pelotenseô a cargo do revd. p. Leopoldo Brentano. Não só os operarios, mas tambem todo aquelle que desejar, podera comparecer, a reunião.
>
> Ficamos gratos a gentileza do convite.ò [sic]
>
> (DP, 13 de março de 1932)

A criação e difusão do movimento circulista possui na pessoa do padre jesuíta Leopoldo Brentano seu elemento fundamental (figura 03). Gaúcho nascido em 1884, no município de Roca Sales, em uma família de imigrantes vindos da Alemanha, faleceu no Rio de Janeiro, no ano de 1964. Sua ñformação sacerdotal aconteceu em Portugal, tendo chegado a Pelotas para atuar no Colégio Gonzagaò. De acordo com Paulo de Oliveira, em ñCírculos Operários: de Brentano a Rauschò, (2000, p. 14), o padre recebeu o título de o óapóstolo dos operáriosô no momento de sua morte, à beira de seu túmulo por representantes da Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos em agradecimento por sua vida pautada em favor da classe operária. Firme adepto da autonomia associativa, o Pe. Brentano se tornou o primeiro assistente eclesiástico do COP, sob a alegação de que se fazia necessária a presença de uma pessoa preparada para ajudar grupos de poucos recursos, embora o adjetivo católico não fizesse parte dos Círculos. Esta função integrante permanece presente, até os dias de hoje, na composição dos dirigentes de todos os círculos operários. A efetivação da proposta do Pe. Brentano, conforme observado por Oliveira (2000), foi acelerada, principalmente, pelo avanço do

[6] Informação obtida através da análise das fontes primárias.

Comunismo entre os trabalhadores. Dirigindo-se diretamente ao operariado, as idéias divulgadas pela Doutrina Católica tornaram-se uma grande força de oposição aos princípios do movimento comunista.

Podemos perceber, após análise das fontes documentais e da bibliografia, que com o decorrer das décadas o catolicismo passou a ter grande participação no processo social de vida dos trabalhadores, almejando a paz social que pode ser, de certa forma, alcançada mediante a constituição de uma parceria com o Estado, possibilitando o estabelecimento de um pacto social que garantira um mínimo de melhorias nas condições de trabalho dos operários. Essa postura, de um catolicismo social, surge como respostas aos confrontos da Igreja em relação ao liberalismo implementado no século XIX, além de ser uma forma de possibilitar um instrumento de poderoso convencimento e de inserção no meio do operariado, possibilitando a manutenção de seu local na sociedade.

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, foi possibilitada à Igreja a recuperação do espaço de participação social perdido com a proclamação da República, sendo um ponto marcante, quando ocorrência da Constituinte de 1934, por intermédio da Liga Eleitoral Católica (LEC) obtiveram importantes vitórias nas alterações constitucionais, com reivindicações eclesiásticas bem como a inovação nas legislações referentes ao mundo do trabalho, sindicatos, sobre o assistencialismo, sem contar o avanço adquirido com a permissão do Ensino Religioso na educação formal brasileira, conforme apresentado por Mattos (2002).

Nesse momento, deve-se destacar a clara diferença entre o assistencialismo comum e as ações praticadas pela Igreja Católica. No tocante às propostas circulistas, é possível verificar que a diferença principal consta na aproximação com os trabalhadores, com a intenção de propagar o conteúdo religioso a fim de instigar a criação de uma mentalidade católica no meio operário. Essa aproximação, uma vez que eram notórias as incertezas da vida dos trabalhadores, procurava ser cultural, de forma a alterar o modo como o trabalhador via as relações de trabalho e assistência. Para a classe operária, diariamente submetida à exploração de sua força de trabalho, uma rede de provimentos comunitária poderia se estabelecer como um instrumento decisivo para lidar com as instabilidades da vida cotidiana.

Em reunião realizada no Palácio Episcopal de Pelotas, no início de 1932[7], contando com a presença de representantes do clero e presidentes das associações religiosas de homens e vários outros senhores, com o propósito de discutir o problema da organização operária. Nesse momento ficou decidida a convocação para uma próxima reunião ocorrida no dia 08 de janeiro, no Salão do Colégio Gonzaga, contando com a presença estimada de 300 espectadores, além da mesa diretiva conduzida pelos oradores Srs. Lauro Guimarães Granja e o Pe. Leopoldo Brentano, que explanaram sobre a finalidade, necessidade e vantagens de uma associação operária na sociedade brasileira. Após a acolhida com entusiasmo por parte dos constituintes da assembléia, foi proposta e aclamada uma comissão ï formada por Henrique Lorea, presidente; Dr. Edgar Vinhas de Campos, secretário, e os Ilmos. Antônio Alves dos Reis, Donato Freda, Felisberto Machado, Alcides Costa, Lauro Guimarães Granja, Mons. Sylvano de Souza, Reverendíssimo Padre Leopoldo Brentano S. J., Dr. Otacílio Guterrez e José Morrone ï encarregada de elaborar um esboço de estatutos, organizarem a primeira mesa administrativa da nova associação.

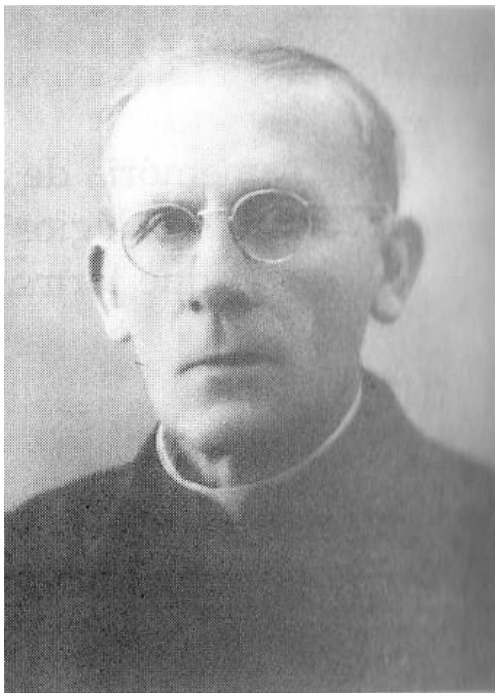


Figura 03 ï Padre Leopoldo Brentano. Foto dos primeiros tempos de apostolado popular. IN: OLIVEIRA, Paulo. Círculos Operários de Brentano a Rausch ï testemunhos e propostas. Brasília: CBTC. 2000.

[7] Na ata de reunião não consta a data de realização, apenas a inscrição: *Pelo inicio do anno de mil novecentos e trinta e dois de nossa era clerista*.

Após doze sessões realizadas para aprimorar o intento circulista ï estudando os sistemas de organização operária de vários países da Europa e a orientação sociológica contidas nas Encíclicas Rerum Novarum e Quadragésimo Anno ï, foi convocada a pedido da comissão, uma reunião ocorrida no dia 15 de março de 1932, quando foi lido o esboço do estatuto que trazia consigo o nome desta nova entidade: Círculo Operário Pelotense (conforme pode ser visto na Figura 04). Além de divulgar seus propósitos, fins e vantagens, a reunião contou ainda com a apresentação, a aclamação e a posse da sua primeira diretoria, iniciando-se assim uma nova etapa na história do movimento operário brasileiro. De acordo com Barreto,

> As circunstâncias em que essa primeira reunião foi convocada, tendo os resultados determinados antecipadamente pela cúpula da Igreja, são reveladores do próprio conteúdo do Círculo Operário: uma estrutura hierárquica, excessivamente verticalizada. O rol de componentes da mesa administrativa provisória (alguns posteriormente efetivados) revela, também, o direcionamento do operariado subjacente à proposta circulista. Dos dez membros, cinco foram identificados [...], quatro eram católicos praticantes e participaram da cúpula da Igreja (Reis, Freda, Granja e Brentano), mais o presidente Loréa (um dos principais industriais da região). Ou seja, os representantes autênticos do operariado (mesmo que os cinco membros restantes o fossem), apenas assistiram à reunião e delegaram poderes para resoluções previamente definidas. (1995, p. 36)

Figura 04 ï Reunião pública da década de 30 na sede[8] do COP. (Acervo do COP)

Nesta reunião, 146 expectadores estavam presentes e assinaram a lista de participação e foram considerados sócios fundadores, bem como todos os que se inscreveram até o dia 30 de junho, totalizando cerca de 1500 sócios, número divulgado na assembléia realizada em 26 de junho do mesmo ano. Esse aumento se dá na medida em que ao final de cada reunião de divulgação desta nova entidade muitos interessados buscavam os explanadores para associar-se. O estatuto, em sua versão final, depois de redigido pelo Pe. Brentano, foi lido e aclamado na sessão ordinária de 12 de abril de 1932, novamente nas dependências do Colégio Gonzaga. Na reunião ocorrida em 1º de maio daquele ano, ainda no salão do Colégio Gonzaga, houve a comemoração referente ao Dia do Trabalho. Nesta solenidade foi apresentada a bandeira do COP, criada pelos dirigentes da entidade e confeccionados pelas irmãs do Asilo São Benedito, conforme mostra a figura nº 05.

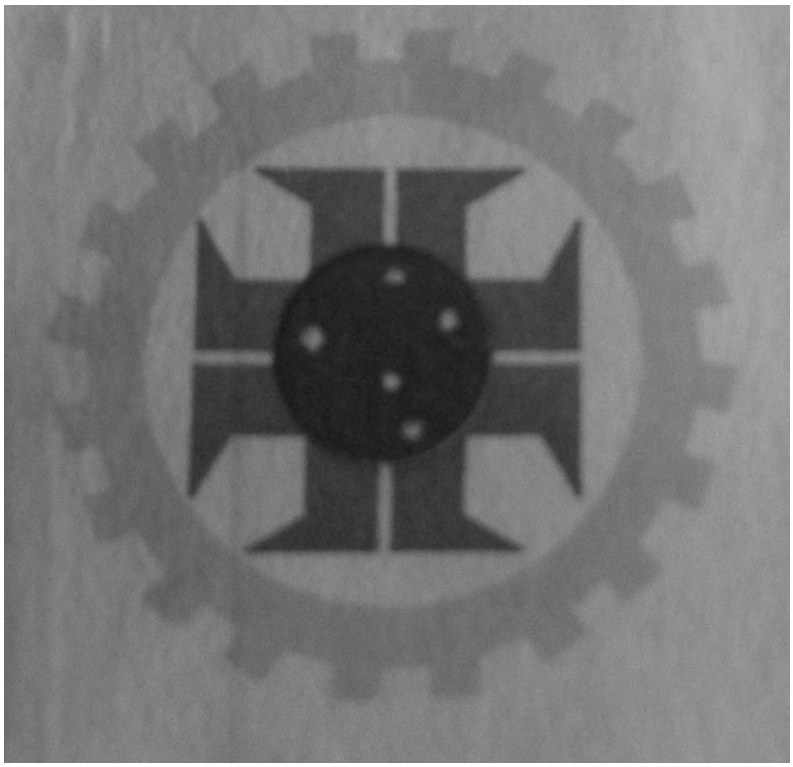


Figura 05 ï Bandeira do Círculo Operário Pelotense. (Acervo do COP)

[8] Primeira sede do Círculo Operário Pelotense situava-se à Rua General Osório esquina Rua General Argolo.

Além de sua bandeira, cabe aqui destacar, que os círculos operários possuíam um hino o qual demonstra sua vocação no combate ao avanço do Comunismo, ao citar termos que caracterizavam os regimes revolucionários como terror, opressão, injustiça, forças do mal; prega o nacionalismo, como era comum nessa época, principalmente com a afinidade de propósitos para com os trabalhadores entre o Estado e a Igreja; além de reforçar o ideário católico.

Companheiros, cerremos fileiras
Olhos fitos no ideal que reluz!
Empunhemos a nossa bandeira,
Cujas cores abraçam a cruz!
Ardoros na luta queremos
O operário fazer respeitar.
Contra as forças do mal defendemos
Nosso Deus, nosso pão, nosso lar!

Nós trazemos um lema que encerra
Um programa de paz e de amor;
Pois queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror!

Nós não somos mendigos ou escravos,
Mas pioneiros de um grande porvir;
Nós iremos com audácia de bravos
Nova ordem social construir.
Vencerá nossa marcha gloriosa.
Vem depressa marchar, meu irmão!
Surgirá da jornada afanosa
Um BRASIL OPERÁRIO CRISTÃO![9]

A próxima reunião[10] realizou-se no dia 22 de maio de 1932, a primeira em sua sede, como pode ser observado na figura 06, a qual era ampla o suficiente para comportar a assembléia de sócios em dias de reuniões gerais e extraordinárias, onde era permitida a presença dos sócios ï diferentemente das reuniões de diretoria, onde só os constituintes, previamente eleitos, estavam aptos a participar. Esta sede foi instalada, oficialmente, nas sessões de 26 e junho; já a sua personalidade jurídica, indicativa de sua organização, foi concedida na data de 16 de agosto do mesmo ano, com a publicação, realizada pelo jornal *A Federação,* do governo estadual, de fragmentos de seu estatuto.

[9] Extraído de Resoluções e nova carta de princípios, do XVIII Congresso Circulista Nacional, ocorrido de 08 a 11 de julho de 2004, em Brasília/ DF.

[10] De acordo com a análise documental.

Figura 06 ï Reunião solene, na primeira sede do COP, em 1934, com a presença do Ministro do Trabalho, Senhor Salgado Filho. (Acervo COP)

Em pouco tempo, o circulismo foi difundido por outros estados do Brasil, obtendo maior expressão no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Pernambuco, em Minas Gerais, no Ceará e em Santa Catarina, sendo intensas as atuações da Igreja Católica nesse propósito, conforme Oliveira (2000), tendo como característica essencial a assistência e formação à classe operária, a partir da orientação católica. De acordo com o ideário católico, era necessário o imediato posicionamento frente às questões da classe trabalhadora, desamparada frente às pressões exercidas pelo comunismo. Tal movimento deveria conter instruções espirituais, de modo a se estabelecer a harmonia entre as famílias e seu convívio social, bem como dar conta das relações do mundo do trabalho, com um ajuste das riquezas produzidas nesse país.

A distribuição, longe de ser igualitária, deveria obedecer a critérios de hierarquia e supremacia de classe, mas não independente do princípio de cooperação. Essa proposta também incentiva e legitima o direito à propriedade privada, desde que essa garanta meios para o provimento do sustento de seus empregados bem como a proteção

em relação à vida religiosa. Neste caso, a garantia do descanso semanal aos domingos torna-se de fundamental importância, que proporcio uma frente de oposição à exploração dos trabalhadores. Estes, muitas vezes, encontravam-se submetidos à jornada de trabalho demasiadamente longa e baixa remuneração, que em muitos casos não eram suficientes ao mínimo necessário para a sobrevivência de uma família ï critérios decisivos para incitar a luta de classes por partes dos sindicalistas da época. A satisfação do trabalhador era um modo de reduzir as possibilidades de conflito, alcançando portanto a harmonia de classes tão desejada pela Igreja.

Com o objetivo de consolidar o movimento e permitir a ausência do Pe. Brentano, na medida em que tinha como missão difundir o circulismo no Brasil, a diretoria do COP, nos meses seguintes, tratou de executar seu programa de ação social. Durante o ano de 1933, com a incumbência de articular a expansão do movimento circulista o Pe. Brentano viajou por várias cidades do interior, chegando até Porto Alegre onde fundou em 27 de janeiro de 1934 o Círculo Operário Porto-Alegrense no bairro Petrópolis, o qual segundo João Batista Marçal, em ñPrimeiras lutas operárias no Rio Grande do Sulò (1985, p. 58) ño local não era muito próprio, afinal, a classe operária morava no bairro Navegantes, mas em todo o caso a semente estava lançada. Nascia o óCírculo Operário de Porto Alegreô (COPA), que não tardou a ganhar o indispensável apoio de todo o clero metropolitano.

Uma vez estabelecido o COPA, o Pe. Brentano organizou o primeiro Congresso Estadual dos Círculos Operários, que realizou-se em outubro de 1935 e teve como resultado de grande relevância a criação da Federação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul ï FCCOORGS. Na figura 07, é possível a realização do V Congresso dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul, em 1946, onde se pode notar a presença de diversas bandeiras dos referidos círculos gaúchos, sob orientação da FCCOORGS. Seu propósito era articular e gerenciar as atividades realizadas pelos círculos operários deste estado, além de intervir junto as esferas necessárias para garantir o auxílio e amparo à classe operária.

Sobre este momento, Marçal analisa:

> O momento não poderia ser mais propício para que a idéia se corporificasse. Lindolfo Collor andava de sindicato em sindicato, atrelando-os ao seu heterogêneo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Era um instante de pasmo e desencontro no meio sindical. De repente, os ñCírculosò caem como uma luva na mão de Getúlio Vargas: reforçando-os, sufoca a atuação da esquerda mais consequente

> no meio operário brasileiro. [...] Assim, o movimento ñcirculistaò continua expandir-se. Pouco depois é criada a ñFederação dos Círculos Operários do Rio Grande do Sulò, cuja presidência é confiada a Álvaro Alves Teixeira que, juntamente, com João Lautada, vai constituir-se num dos decanos do peleguismo católico. O Primeiro Congresso dos Círculos operários do Rio Grande do Sul foi realizado em Porto Alegre de 22 a 25 de outubro de 1935, patrocinado pelo clero. (1985, p. 58)

A postura anticomunista da organização dos Círculos Operários favoreceu sua expansão ainda mais quando recebeu incentivo do governo Vargas, evidenciado pela participação do mandatário nacional em 1936 do Congresso Eucarístico de Belo Horizonte, onde o circulismo recebeu a simpatia de uma série de intenções que se tornaram pilares para seu desenvolvimento, além de ampliar em uma grande dimensão a área de abrangência do movimento circulista. Barreto, ao tratar desta participação do fundador do Círculo Operário Pelotense, analisa

> Assim, o saldo do Congresso foi: formação de uma frente trabalhista cristã de âmbito nacional que congregasse todas as entidades católicas existentes; formação de círculos operários em todos os grandes centros de trabalho (o que na prática significava a centralização da entidade nacional junto ao circulismo); realização de um congresso nacional em 1937 no Rio de Janeiro e a transferência do Pe. Brentano para a capital federal[11]. (1995, p. 40-41)

Conforme citado, anteriormente, por Barreto (1995), em novembro de 1937 se deu a realização do congresso nacional, na cidade do Rio de Janeiro. Este evento teve participação de nove estados da federação, estando representados por 40 entidades operárias católicas, dentre estas, 34 eram círculos operários. O produto fundamental deste congresso foi a rearticulação da Confederação dos Operários Católicos, estruturada em 1931 por Alceu Amoroso de Lima, em Confederação Nacional dos Operários Católicos (CNOC), além da estruturação nacional do movimento circulista.

[11] Nesta época, o Brasil tinha a cidade do Rio de Janeiro como capital de sua federação.

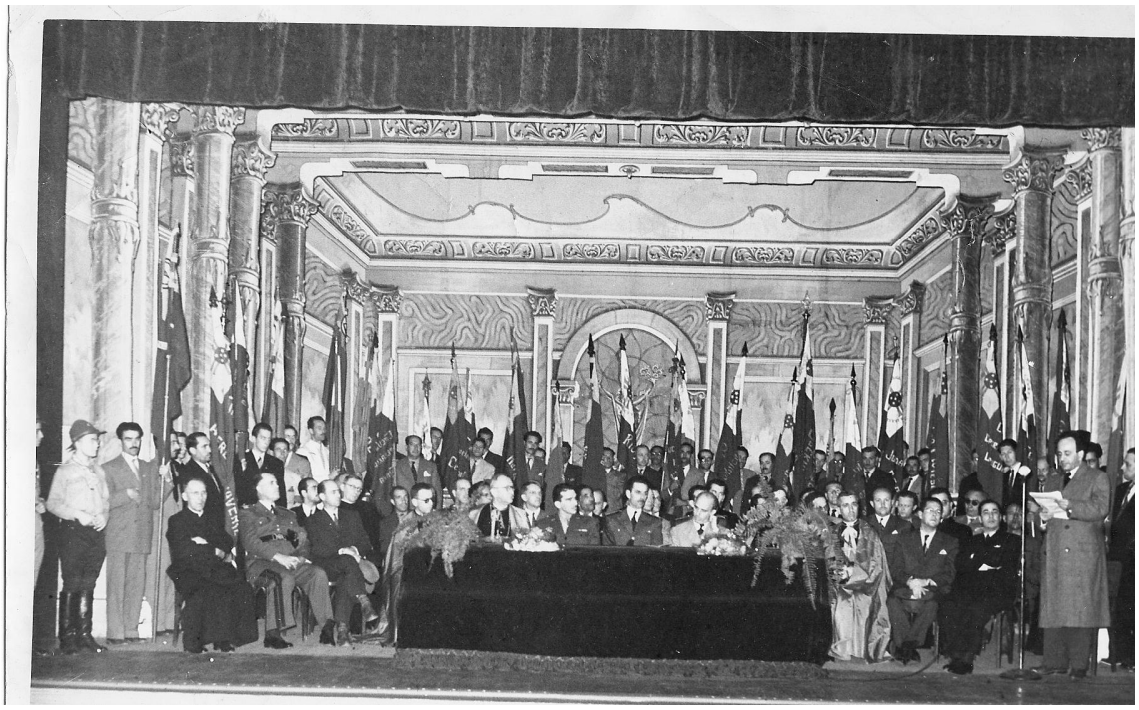


Figura 07 ï V Congresso dos Círculos Operário do Rio Grande do Sul ï Sessão solene de instalação, realizada no Teatro São Pedro em 10/10/1946 ï Falava na ocasião o Dr. Armando Câmara ï a mesa é formada pelas altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Ao fundo as bandeiras de todos os CCOO do estado. (Acervo COP) [12]

Como nos demais círculos operários, a CNOC possuía um Assistente Eclesiástico em sua organização, cargo ocupado pelo Pe. Brentano. Em suas atividades contava a tarefa de promover, cada vez mais, a expansão e consolidação do circulismo e, para tanto, percorreu 18 estados e mais de cem localidades num prazo curto de tempo. Desse esforço desmedido por parte do Pe. Leopoldo Brentano, o circulismo expandiu-se rapidamente, possuindo em 1949 a quantia de 232 círculos operários congregando 200 mil sócios espalhados por oito estados Brasileiros, sendo estes o Rio grande do Sul, Santa Catarina, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Paraíba e Ceará, de acordo com Oliveira (2000).

Esta ampliação do circulismo se dá pelo apoio manifesto por parte do governo Vargas à participação da Igreja Católica, no tocante do seu programa de ação social junto ao operariado. Esse panorama foi constante até a queda do Estado Novo, o movimento circulista apresenta seu declínio com a tomada do poder pelos militares

[12] Embora a foto seja de uma época posterior a tratada no parágrafo anterior, sua utilização é aceita como forma de ilustrar a realização te tal congresso, visto que a ritualística permaneceu praticamente inalterada conforme registrado nos livros atas da organização.

brasileiros, que viam nos círculos operários identificação com os sindicatos leigos, os quais lutavam incansavelmente.

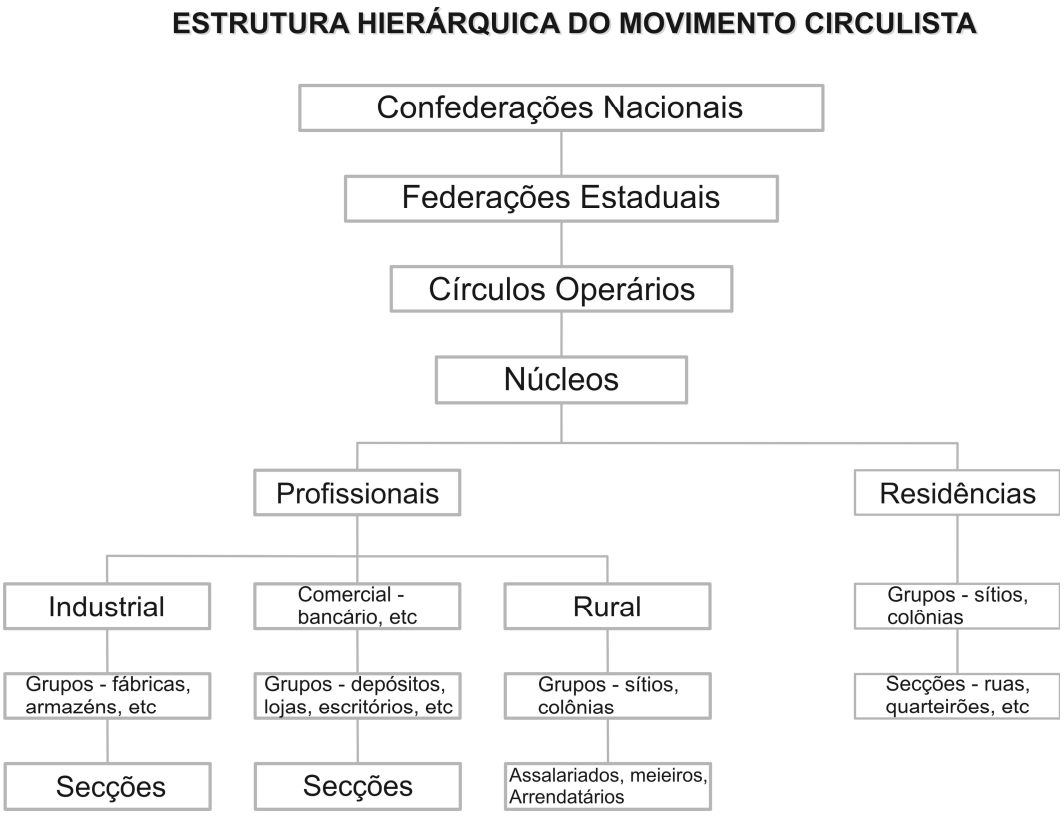


Figura 08 ï Estrutura do movimento circulista ï reprodução do esquema publicado pela Federação dos Círculos Operários do Estado de São Paulo (FECCOOSP). (Acervo do COP. Digitalização: Janaína Timm de Souza)

Na figura 08 podemos perceber que o circulismo foi estruturado em quatro níveis hierárquicos, sendo a confederação nacional o ponto máximo, logo seguida pelas federações estaduais, pelos círculos operários e, por último, pelos núcleos circulistas, que possuíam diversas atividades.

Depois de explicitado o modo de organização do movimento circulista se faz necessária a compreensão da vida prática da associação, que será abordada no próximo capítulo. O modo como ela interfere na vida dos seus integrantes, os mecanismos de promoção de melhorias na vida dos trabalhadores, são desdobramentos abordados com o decorrer desse estudo. Analisa-se, em sequência, as formas de efetivação das mudanças propostas pelos escritos católicos, com a execução do circulismo. Para tanto se torna importante o conhecimento de como a instrução católica foi percebida pelos

trabalhadores e quais atrativos foram tomados para a fidelização dos operários a essa proposta.

Capítulo 2

O olhar humanitário: a promoção da ação social do Círculo Operário Pelotense

Ao verificar uma nova forma de organização operária, de orientação católica, pode se constatar uma série de atividades postas à disposição de seus associados. Neste capítulo, será feita a abordagem da estratégia de ação do movimento circulista, os caminhos que aproximam o referido movimento dos trabalhadores. Buscará se demonstrar a estrutura do Círculo Operário Pelotense, seus departamentos e atividades de caráter beneficente e de auxílio social.

Em relação aos seus princípios, segundo Barreto (1995), os círculos operários são associações que visam aplicar na prática a doutrina social cristã da Rerum Novarum, ou seja, uma organização que dignifique o operário e preste aos seus associados benefícios e defesa, desde a infância até a velhice. Caracteriza-se por ser uma associação civil de interesse público, de caráter democrático, participativo e não-confessional. Aceitava como sócio os trabalhadores de qualquer ofício, de ambos os sexos, tendo, estes, idade superior aos 14 anos de idade.

O movimento circulista organizava-se a partir de seis princípios básicos, os quais regiam suas atividades, sendo que três princípios estão presentes desde a fundação do movimento, sendo estes: a doutrina e moral do Evangelho cristão; a orientação sociológica Católica contida nas Encíclicas Rerum Novarum e Quadragésimo Anno; repúdio à luta sistemática de classes. Os demais princípios aparecem a partir de 1939, quando o movimento já se encontrava em franca expansão pelo país ï com a publicação do Manual do Círculo Operário, sendo estes: o direito natural e sagrado da propriedade legitimamente adquirida, considerando o bem comum, ou seja, empregar o excesso de produção em prol da eliminação da desigualdade social; a necessidade de ação do Estado, intervindo a fim de assegurar a correta remuneração dos trabalhadores, sua justa produção e o valor coerente para o custo de uma vida digna dos operários; e a Fórmula

de Toniolo[13], que de acordo com a Oliveira (1942, p.57), significa ño *trabalho cada vez mais dominante; a natureza cada vez mais dominada; o capital cada vez mais proporcionado*ò.

Em relação à aplicação prática da fórmula de Toniolo, o Pe. Leopoldo Brentano considerava como a máxima solução cristã para o problema dos trabalhadores, pois acreditava ser impossível a dissolução do trabalho para com seu responsável, o trabalhador. E cabia ao empregador propiciar a justa remuneração pela atividade exercida, sendo adequada à realidade vivenciada de modo a proporcionar uma vida com dignidade a ele e também à sua família. Em suas palavras, o Pe. Brentano condena o regime de atividades exploratórias, resultantes dos conceitos do liberalismo, que vê no trabalhador apenas um elo de execução, um instrumento para a obtenção do produto final e, o seu trabalho, como uma simples mercadoria submetida às intenções do mercado de oferta e procura. Em relação ao contexto no qual os trabalhadores estavam inseridos, Mattos nos apresenta que

> Se trabalhar era dureza, mais difícil ainda era sustentar uma família com o produto deste trabalho. Comparando os salários com a alta do custo de vida, percebemos que ao longo de todo o período, ocorreu uma significativa redução do poder de compra dos trabalhadores, cuja remuneração crescia sempre mais lentamente que os preços. [...] Trabalhava-se muito, ganhava-se pouco e pagava-se caro para viver mal. As descrições dos locais de moradia dos trabalhadores no início do século conduzem-nos a realidades miseráveis, insalubres e superpovoadas. (2002, p. 19-20)

O movimento circulista, como descrito por Oliveira (2000), apresenta a proposta corporativista, a qual distingue um corpo econômico, que implica que as pessoas se organizem em função das necessidades integrais. Defendendo o contrato de trabalho coletivo entre empregados e patrões organizados, o desenvolvimento tecnológico, sob a alegação de proporcionar ao trabalhador a execução de seu ofício de maneira menos exaustiva; e, ainda, a distribuição mais equilibrada do capital originado do trabalho coletivo, o circulismo vê a economia como um meio, uma condição necessária à atividade social. A figura 09 apresenta a capa de uma publicação distribuída aos

---

[13] Giuseppe Toniolo, nascido em 1845 em Treviso, Itália. Sociólogo graduado pela Universidade de Pádua, atuou como professor adjunto de economia política a partir de 1873. Com o interesse de auxiliar a recuperação da Companhia de Jesus, foi encarregado pelo Papa Pio X, o restabelecimento da Companhia dos Funcionários Católicos. Teve grande participação na elaboração da Encíclica Rerum Novarum, sendo um líder dos católicos italianos para a questão social, no final do século XIX.
Fonte: www.parrocchiapieve.qdp.it/ , acesso em 24 de setembro de 2010.

operários, que enfatiza a questão apresentada anteriormente. No jornal *A Nação*, de 16 de julho de 1939, o artigo "E os Círculos Operários", de a autoria de P. I. Valle S. J, traz que:

> Certamente em nenhuma época se viu tão grande multiplicidade de associações de todos os gêneros, principalmente de associações operárias.
>
> Mas é uma opinião, confirmada por numerosos indícios que elas são ordinariamente governadas por chefes ocultos, e que obedecem a uma palavra de ordem igualmente hostil ao nome cristão e á segurança das nações; que depois de terem açambarcado todas as empresas, se ha operários que se recusam a entrar em seu seio, elas lhe fazem espiar pela miséria. [sic]

Aos trabalhadores caberia a escolha entre dois caminhos: aceitarem a "boa nova" proporcionada pela proposta social da Igreja Católica ou organizarem-se eles mesmo em associações, para, então, partirem para o enfrentamento contra o sistema empregatício da época, ora amparado por sindicalistas com propostas opostas à Igreja – visto que tinham como princípio a efetivação da luta de classes, ou sozinhos em situações isoladas.

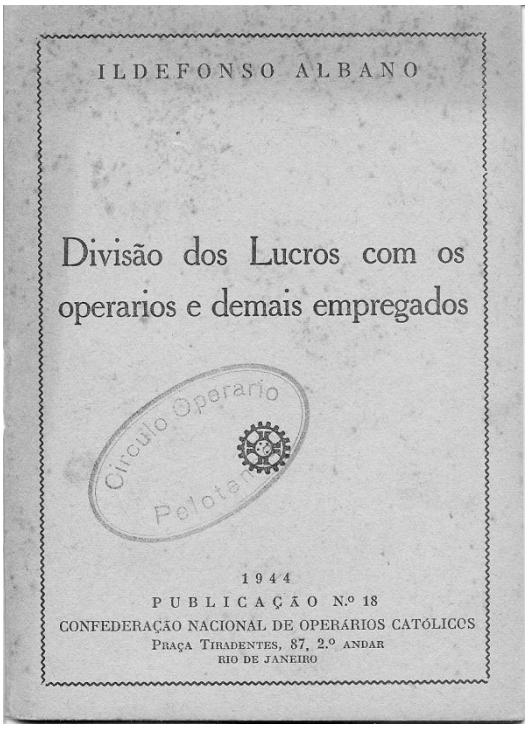


Figura 09 – Divisão dos Lucros com os operários e demais empregados, de Idelfonso Albano. Publicação de 1944. (Acervo do COP)

Esta publicação evidencia o seu título ao afirmar

> Ao Capital não cabe a totalidade dos lucros, porque ele foi obtido com o auxílio do operário. Uma vez dadas as garantias ao capital inicial de uma empresa, o lucro deve ser dividido equitativamente entre os elementos que contribuíram para obtê-lo: o capital, a gerência e o trabalho. (ALBANO, 1944, p. 9)

A ação dos círculos operários, de acordo com a análise de fontes primárias, deveria estimular a educação e preconizar hábitos de economia e previdência, repassando aos trabalhadores associados as noções de deveres e responsabilidades, ensinando-lhes a correta forma de reivindicar seus direitos. Buscava, também, estimular a participação nos sindicatos oficiais de suas classes com a intenção de atuarem como disseminadores da moral cristã. Estruturado sobre os seis princípios listados anteriormente, o movimento circulista objetiva o auxílio ao próximo, sob a condição de que a assistência é um meio importante e de valor para estar próxima do povo, não com o espírito meramente assistencialista, mas fundamentalmente com o espírito de solidariedade, de presença e de politização.

Seu trabalho se dá em parceria com o Estado e outras organizações para desenvolver ações que poderão ser utilizadas como forma pedagógica de inserção social, assistência médica, jurídica, cultura, entre tantas outras. Considera ainda, como seu objetivo maior lutar pela emancipação da classe trabalhadora e pela construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária, em que seja assegurada a primazia do trabalho sobre o capital e o primado da pessoa humana sobre as coisas, o que pode ser visto na figura 10, que mostra uma passeata promovida pelo Círculo Operário Pelotense.

Figura 10 ï Passeata trabalhista promovida pelo COP pelas ruas centrais de Pelotas, ocorrida em 03 de setembro de 1938. (Acervo do COP)

Na construção de uma identidade comum aos participantes do movimento circulista nos deparamos com conceitos fundamentais, trazidos por Le Goff, no que se refere à mudança de posicionamento de quem observa os processos históricos, como apresenta:

> A crítica da noção de fato histórico tem, além disso, provocado o reconhecimento de "realidades" históricas negligenciadas por muito tempo pelos historiadores. Junto à história política, à história econômica e social, à história cultural, nasceu uma história das *representações.* Esta assumiu formas diversas: história das concepções globais da sociedade ou história das *ideologias;* história das estruturas mentais comuns a uma categoria social, a uma sociedade, a uma época, ou história das *mentalidades;* história das produções do espírito ligadas não ao texto, à palavra, ao gesto, mas à imagem, ou história do *imaginário,* que permite tratar o documento literário e o artístico como documentos históricos de pleno direito, sob a condição de respeitar sua especificidade; história das condutas, das práticas, dos rituais, que remete a uma realidade oculta, subjacente, ou história do *simbólico*, que talvez conduza um dia a uma história *psicanalítica,* cujas provas de estatuto científico não parecem ainda reunidas.
>
> Enfim, a própria ciência histórica, com o desenvolvimento da *historiografia,* ou *história da história,* é colocada numa perspectiva histórica. (1990, p.11-12)

Os objetivos centrais encontram-se descritos no Manual do Círculo Operário, publicação redigida pelo Pe. Brentano e que apresentava, também, o modelo de estatutos para os círculos, o qual obedece a mesma composição do estatuto do COP,

limitando-se a completar lacunas com informações específicas de cada localidade. A figura 11 ilustra o modelo de estatuto utilizado pelos círculos operários.

Figura 11 ï Capa e folha de rosto do Modelo de Estatuto para Círculos Operários, redigido pelo Pe. Leopoldo Brentano. (Acervo do COP)

Os objetivos colocados no Manual do Círculo Operário são, primeiramente, a assistência espiritual, moral, física e intelectual ï através da fundação de escolas, departamentos desportivos e culturais, além da criação de hospitais e ambulatórios, caixas de pecúlio; em seguida objetivava proporcionar aos trabalhadores uma formação adequada, com os princípios de cidadania e legislação, para que pudessem assumir, conscientemente, suas responsabilidades na ação social e sindical. Objetivava, ainda, a instauração de uma ordem social cristã no país e, finalmente, colaborar com o Ministério do Trabalho em assuntos que possuíssem relação aos legítimos interesses da classe operária.

Segundo as diversas áreas de atendimento aos trabalhadores, os objetivos dos círculos operários podem ser resumidos da seguinte forma:

- Cultura intelectual, moral e física;
- Assistência social;
- Proteção corporativa ï advogando em defesa dos interesses coletivos da classe operária;

- Auxílio material;
- Promoção da organização profissional ï associações e sindicatos;
- Dignificação e Harmonização das relações trabalhistas.

O Círculo cumpria uma função assistencial e formativa; seus membros em muitas passagens das reuniões referiam-se à entidade como sendo um movimento social. De acordo com Leopoldo Brentano, em ñO fundador dos círculos, Padre Leopoldo Brentano, fornece alguns dados históricosò (1954, p. 07) os círculos não foram aceitos, logo no seu início, pois adversários às suas idéias viam perigo no movimento, dirigiram um panfleto ao Ministério do Trabalho contra os círculos, conseguindo com isso uma proibição ao funcionamento dos Círculos Operários sendo enviados, por duas vezes, inspetores do ministério a Porto Alegre, porém acabaram por apoiar o movimento e tornaram-se o ponto de partida para que o governo visse com bons olhos os círculos operários. Esse apoio, por parte do Estado, às intenções de posicionamento social da Igreja Católica em relação à questão operária só foi possível após 1930, quando as ações dos religiosos se voltaram com mais entusiasmo ao combate do avanço comunista na sociedade operária brasileira.

Em relação ao controle da presença comunista entre os trabalhadores cabia ao movimento circulista o repúdio a luta sistemática de classes e o liberalismo econômico, conforme publicado no jornal *A Palavra*[14]. Estabelecia, ainda, a intervenção moderada do Estado, com a finalidade de controlar as formas corretas de remuneração dos trabalhadores.

> O Brasil é um país dos extremos, com uma abastada classe alta, uma classe média relativamente pequena e classes baixas indigentes, tanto urbanas quanto rurais, cujas rígidas condições de vida se agravaram nos últimos anos, em consequência da inflação monetária e do crescente custo de vida. O comunismo age como agente catalisador, unindo todos os descontentes e dirigindo-os para fins revolucionários.
> (jornal *A Palavra*)

A particularidade de oferecer assistência aos operários servia como um grande atrativo para a efetivação do circulismo, sendo essa composta por assistência médica-

[14] A edição utilizada encontrava-se em avançado estado de deterioração, não possibilitando a identificação do número de publicação ou sua data, portanto será anexado aos anexos para visualização

farmacêutica, jurídica, educacional, de habitação entre tantos outros benefícios expostos à população em reuniões de conscientização no momento de fundação do Círculo Operário Pelotense. A importante estratégia de atuação dos círculos operários encontrava-se na aplicação de um trabalho educativo, construído a partir de uma série de palestras e explanações durante as reuniões extraordinárias e a implementação do espaço de lazer como etapa de manutenção dos ideais circulistas nos associados, empoderando-os para a atuação entre os colegas de ofício, na tentativa de arregimentar novos sócios e difundir os fundamentos sociais da Igreja.

O circulismo[15], ainda em 1932, apresentou o seu programa de ação e legislação social, registrado em atas da diretoria, arquivadas na sede do Círculo Operário Pelotense, o qual se baseava nos objetivos do movimento e se estruturavam em 23 postos, sendo estes:

- Justo salário, que possibilite uma vida digna para o trabalhador conjuntamente com a sua família ï sendo considerado como salário mínimo ou vital;
- Extinção do trabalho noturno abusivo, com exceção dos serviços indispensáveis à manutenção da vida social;
- Amparo a parir de proteção legal à maternidade, reduzindo de maneira progressiva o trabalho das mulheres casadas;
- Seguro social em caso de doença, velhice, invalidez ou outro fator impeditivo ao trabalho;
- Assistência pecuniária aos órfãos e menores abandonados, além do estabelecimento de idade mínima para o início na vida trabalhista;
- Criação de habitações operárias dotadas de condições básicas de saneamento e conforto;
- Fundação de conselhos empresariais, que congreguem os representantes das diversas categorias do setor operário;
- Representação Política, legislativa e administrativa das diferentes profissões organizadas nos conselhos superiores nacionais de economia e trabalho, tribunais de conciliação e arbitragem;
- Estabelecimento das condições básicas de trabalho, com a fixação da jornada de trabalho em oito horas diárias, acrescido de folga aos

15 De acordo com a análise de fontes primárias.

domingos, férias anuais remuneradas, guarda dos dias santos e término das atividades trabalhistas semanais ao meio dia de sábado;

- Indenização ao trabalhador, em caso de demissão, proporcional ao período trabalhado;
- Utilização de contratos de trabalhos coletivos entre patrões e empregados e a fundação de um conselho jurídico específico para solucionar conflitos gerados das relações trabalhistas;
- Regulamentação da atividade profissional;
- Consolidação das leis do trabalho;
- Criação de período probatório e de aprendizagem aos estabelecimentos comerciais e industriais;
- Criação de uma legislação específica destinada a amparar os proprietários, tanto de atividades agrícolas quanto industriais e proporcionar a distribuição igualitária do capital adquirido;
- Fortalecimento da unidade nacional;
- Igualdade jurídica entre o capital e o trabalho como agente de produção, de modo a assegurar o desenvolvimento das profissões organizadas;
- Impedir a exploração, por meio dos monopólios, sobre os gêneros de consumo essenciais a sobrevivência humana;
- Direito de organização através de entidades livres, uma vez observadas as condutas de moral e ética;
- Manutenção de pendências entre municípios, estado e união.

Acrescidos aos 23 princípios acima descritos, pode-se incluir a criação e administração, responsável, de seu patrimônio e garantir os recursos necessários, mediante contribuições dos associados e de outras fontes, visando o autofinanciamento, à autonomia econômico-financeira e à expansão ou melhoria dos serviços prestados ao seu quadro social e dos projetos desenvolvidos. Esse controle patrimonial ainda pode ser visto Círculo Operário Pelotense. A manutenção de sua obra assistencial, reduzida em virtude das mudanças governamentais, ainda possui parte de seus provimentos atrelado a recursos, cuja procedência encontra-se na locação de espaços comerciais do entorno da sede do referido círculo.

Ao se propor mudança no tratamento para com os trabalhadores, antes mesmo da Consolidação das Leis do Trabalho, foi necessário que um corpo qualificado de pensadores católicos se reunisse em torno do objeto, transformando-o de um conjunto de ideais para um plano de ação exequível para a realidade da época. Nesse momento a indicação de Le Goff (1990, p.24), sobre o empenho destacado facilita a compreensão dos feitos realizados quando menciona que o ñpassado é uma construção e uma reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da históriaò.

Com a intenção de suprir as necessidades dos trabalhadores o Círculo Operário Pelotense, bem como os círculos operários que surgiram depois, estrutura a sua ação social a partir de quatro departamentos básicos, sendo estes: ensino e educação; corporativismo; beneficência e defesa; e saúde, como nos apresenta a figura 12.

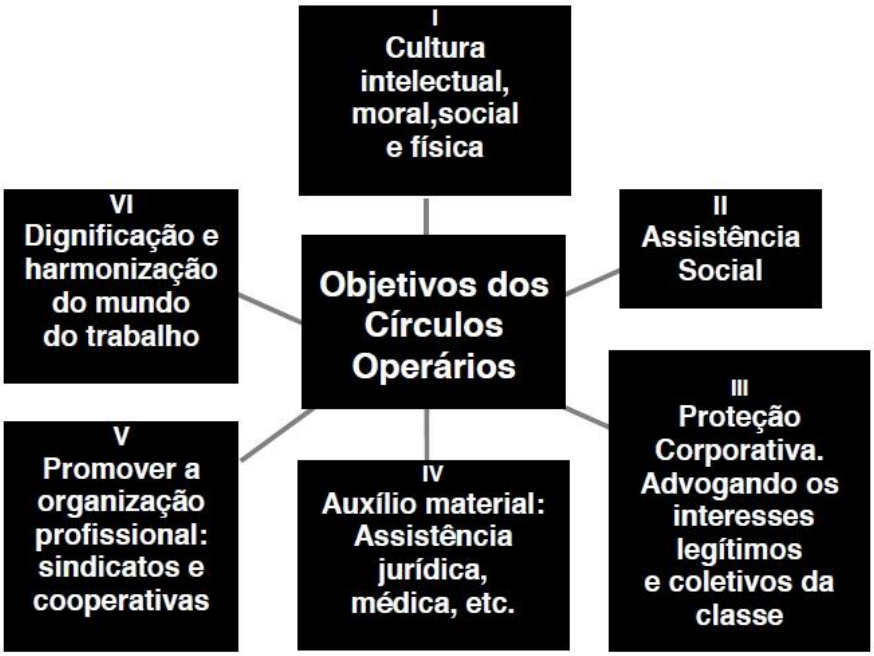


Figura 12 ï Esquematização da ação social do movimento circulista. (SANTOS, 2008, p. 71)

A imagem acima demonstra a intenção do movimento circulista em ser uma associação forte, não apenas para o seu associado, mas também para a sua família, visando, portanto, se constituir como uma organização que proporcionasse a manutenção de todas as suas necessidades. O Círculo Operário Pelotense almejava se efetivar como uma associação de característica familiar, através da identificação e do afeto, visto que permitia o ingresso de trabalhadores de todas as profissões, juntamente

com seus familiares, promovendo-lhes práticas beneméritas de assistência e auxílio mútuo operário. Em paralelo, essa associação teria o compromisso com a harmonia social, através de práticas de justiça e caridade, além de se colocar a disposição dos patrões para mediarem à conciliação entre as classes.

O movimento circulista afirma a educação como um direito e uma necessidade fundamental do seu quadro social, de toda a classe trabalhadora e de todo o ser humano, tendo em vista sua promoção integral e libertadora. Defende, também, que além da educação e formação básica os trabalhadores possuem direito a aperfeiçoamento contínuo, tanto profissional quanto social e cultural, nessa relação Barreto (1995, p.53) apresenta enumeradas as onze agências de atuação deste departamento de Ensino e Educação, sendo elas: jardim de infância, escola primária, elementar, de aprendizes, de artes e ofícios, curso noturno de alfabetização, formação moral, juventude operária, imprensa e propaganda, além de curso noturno de aperfeiçoamento, este departamento proporcionou, também, a elaboração e publicação do jornal O Circulista, sendo este uma forma permanente de conscientização sobre as ideologias do movimento e promoção dos feitos realizados por essa entidade. A este departamento caberia a função de transmitir os valores cristãos nas classes operárias, através da educação e disciplina, merecendo todos os esforços para efetivar uma proposta de educação primária, conceitos sociais e, também condutas cívicas.

Em consequência do avanço comunista, no período anterior ao Estado Novo, a necessidade de uma instrução dos valores católicos se tornou imprescindível, possibilitando tornar os operários aliados do Estado, sob a alegação dos benefícios que a legislação trabalhista poderia lhes conceder. Essa reeducação dos trabalhadores serviria como uma preparação para um modo de trabalho mais harmonioso, tendo como o centro de suas vivências a família.

O departamento de Corporativismo, busca oferecer aos associados o amparo referente à legislação para regulamentar as práticas trabalhistas, e divide-se em três áreas de atuação: produção, consumo e crédito, e possibilitam a relação entra a aquisição de capital e o suprimento necessário para a manutenção de uma vida familiar harmoniosa, reservados os elementos essenciais de conforto e dignidade. O departamento de Saúde, como bem diz o nome, encarregava-se de oferecer os serviços médicos e odontológicos aos associados, possuía nove áreas de atuação, sendo estas: atendimento ambulatorial, hospital, sanatório, parteira, atendimento odontológico,

centro sanitário, desporto, colônia de férias e praia de banho, como se pode observar na figura 13.

Figura 13 ï Veraneio do Semi-internato do COP ï janeiro de 1946. (Acervo do COP)

Por fim, o departamento de Beneficência e Defesa se estruturava através de onze seções que são: tribunal de arbitragem, assistência jurídica, agência de informação e colocações ï que se aproxima das atuais agências de emprego -, organização profissional e trabalhista, dividendos, bonificação, pecúlio, abono familiar, caixa de caridade, seguros sociais e habitação operária.

Essa estruturação demonstra a intenção de servir ao trabalhador não apenas de maneira assistencialista, mas, em parceria com o Estado, proporcionar atividades essenciais, sem descuidar da politização dos associados. O circulismo pretendia fundar escolas e bibliotecas, realizar congressos, incentivar o cinema educativo, os grupos cênicos, a prática esportiva, proporcionar auxílio farmacêutico, médico, jurídico, habitacional, de consumo, o acompanhamento frente às legislações trabalhistas e, ainda, o aparo ao trabalhador e/ou sua família em caso de impossibilidade de trabalho.

2.1. Círculo Operário Pelotense ï sua vivência circulista

A fundação do Círculo Operário Pelotense, em 1932, conforme já mencionado anteriormente, por intuito e trabalho do padre Leopoldo Brentano, que possuía experiência em trabalhos educacionais e acreditava que a promoção da educação - embasada nos princípios morais apregoados pela Igreja ï proporcionaria o desenvolvimento de uma sociedade mais igualitária. A preocupação para com os trabalhadores e sua família era o fator norteador das ações do COP, juntamente com a promoção dos valores católicos na sociedade como forma de garantir, novamente, influência na vida social brasileira.

Ao trabalharmos com as referências das ações desenvolvidas pelo Círculo Operário Pelotense, no processo de ñrememoraçãoò[16], objetivo central deste estudo, encontramos a necessidade de interpretação dos fatos históricos, de maneira a pôr em prática referências, com a estudada por Andreas Huyssen (2000), em ñSeduzidos pela memóriaò onde, o passado não é o mesmo que a memória, mas antes tem de ser ñarticulado para ser memóriaò. A memória é, portanto, um ñsistema de representaçãoò, que permitem criar uma ñimagemò do passado que corresponde a quadros de significação do presente, visto que reinterpretamos fatos de nosso passado a partir do repertório atual de valores.

A prática de ação social aos trabalhadores associados, bem como suas famílias era uma busca incessante para a organização da instituição circulista, como se pode verificar a partir da análise de documentos. Um dos meios de formação da consciência social utilizada foi a execução de reuniões onde, após deliberações do COP, eram realizados momentos de esclarecimentos sobre os mais diversos assuntos que circundavam a vida das famílias. As palestras sempre tinham um caráter formativo, guardando uma moral cristã para o ouvinte. Mesmo aquelas de cunho mais técnico seguiam essa lógica, como na abordagem das leis trabalhistas feita pelo assistente jurídico, o advogado Dr. José Francisco Dias da Costa, na reunião de maio de 1937, quando esclareceu sobre as leis que incidiam sobre a relação entre patrões e empregados, não deixando de salientar que a Igreja sempre teria exercido influência na definição das leis trabalhistas importantes para os trabalhadores. Os temas das palestras giravam em torno das mudanças ocorridas na sociedade moderna, como foi a proferida pelo Sr. Henrique Loréa em agosto de 1935. Foram abordados aspectos resultantes

[16] A utilização deste termo se dá com o mesmo sentido que exposto por Le Goff (1994) como o processo de aproximação entre a memória e a história, quando a primeira se encontra deslocada do seu tempo.

dessas mudanças, como a questão social e as interpretações dadas a esses fenômenos, inclusive aquelas consideradas perniciosas pela Igreja; a ideologia socialista e comunista, por exemplo. Havia, também, a preocupação em transmitir bons hábitos de higiene e saúde, para tanto a utilização das explanações era indispensável, como podemos ver na reunião ocorrida no dia 10 de julho de 1932, onde o Dr. Otacílio Gutterres ï assistente médico do COP ï palestrou sobre hábitos de higiene para a preservação da boa saúde.

Com muitos projetos que visavam a promoção de melhorias sociais e com uma sede emprestada, um velho barracão cedido pela prefeitura, segundo Barreto (1995), o Pe. Brentano, em 1933, solicitou ao governo municipal, um terreno onde se pudesse ser construída sua sede definitiva, entre outras instalações necessárias para o oferecimento das atividades que apregoava o circulismo. Após intensas tratativas, em 23 de setembro de 1933, o Círculo Operário Pelotense recebeu do prefeito Joaquim Assunção, o aforamento perpétuo da Chácara dos Valadares, onde vira ser construída a sede do COP ï figuras 14 e 15, terreno de interesse do Pe. Brentano ï pois era próximo ao palácio Episcopal Pelotense ï, com a incumbência de proporcionar melhorias àquela área da cidade. Este terreno possuía 29 hectares e localiza-se na área que compreende ï atualmente a Rua Almirante barroso, entre as Ruas Dr. Cassiano e Miguel Barcelos. O recebimento do terreno proporcionou a construção de sua sede, que foi inaugurada com uma sessão solene em 1935, além de poder dar início ao grande propósito do padre Brentano ï a criação da Vila Operária, que só ocorreria dois anos mais tarde.

Em relação à inauguração da sede social do Círculo Operário Pelotense, o jornal *Diário Popular*, em 28 de junho de 1932, publicou com palavras de entusiasmo e desejos de longa vida à instituição circulista, a seguinte notícia:

> Revestida de verdadeira grandiosidade, realizou-se domingo á noite, a inauguração official da séde desta util e novel entidad. Replecto de cavalheiros e exmas. Famílias, na sua quasi totalidade operários, offerecia o amplo salão aspecto grandioso, calculando-se assim a assistência em número superior a 1000 pessoas. [sic]

Na solenidade de inauguração da nova sede social do COP, a mesa diretiva estava composta pelos sacerdotes Leopoldo Brentano, Agostinho Scholl e Antonino Lopes e, também, pelos senhores Henrique Loréa, José Francisco Dias da Costa (presidiu a atividade), Lauro Guimarães Granja, Gregório Deniz Brum, Francisco

Nunes, Pedro Torales Diniz, o major Antonio Vidal e o representante do operariado riograndino, Carlos dos Santos, que em sua fala fez uma apelo para que os operários acatassem a nova instituição. Entre o registro de grandes aplausos e saudações por parte dos trabalhadores que assistiam o evento, cabe destacar a fala do advogado José Francisco Dias da Costa, ao dizer que ñlevava a mais agradável impressão de tão brilhante festa que bem podia demonstrar a união que já existe no seio da laboriosa classe pelotenseò.

Figuras 14 e 15 ï Primeiras obras no terreno situado a Rua Almirante Barroso, aforado pela prefeitura ï década de 30. (Acervo do COP)

2.1.1. Educação

Cabia aos Círculos lidar com questões eminentemente temporais e com uma imensa diversidade de trabalhadores de origens e ofícios diferentes e com seus respectivos sindicatos. Deveriam estar aberto à participação de elementos que professassem outras religiões, até porque seria uma forma de evangelizá-los, além de lhes proporcionar educação, ampliando o modo como os trabalhadores interferiam na vida em sociedade.

A preocupação com o oferecimento da educação impulsionou as atividades da primeira diretoria do COP, que, em oito de junho de 1932 - apenas três meses após a criação da entidade ï funda uma escola noturna, que além de alfabetização e instrução aos trabalhadores, oferecia aula de catecismo, bordado e costura para as esposas dos operários. De acordo com os relatórios anuais de diretoria, esta escola chegou a possuir frequência de 170 alunos, e contava com o auxílio dos associados mais eruditos como professores (figura 16), além de proporcionar a distribuição de material didático e escolar. A construção do mobiliário utilizado nas aulas, como bancos, mesas, armários, também surgiu de uma construção coletiva a pedido da diretoria em reunião geral.

Figura 16 ï Registro da primeira turma de professores ï ano de 1932. (Acervo do COP)

No jornal *Diário Popular*, de 24 de julho de 1932, foi publicada uma notícia onde se refere a voltas às atividades do ensino noturno, após o período de recesso, onde se pode constatar a participação da sociedade na manutenção da atividade educacional do Círculo Operário Pelotense, através da doação de material escolar novos por parte de estabelecimentos comerciais e, também, de livros por parte dos alunos do Gymnázio Gonzaga.

> No dia 18 recomeçaram, após breve período de férias, as aulas nocturnas, na sede do Círculo. Os alumnos que actualmente frequentam o curso são cerca de 130. Apresentaram-se para lecionar os srs. Luiz Etchbest, Elpídio Porciúncula, Boaventura do Espírito Santo e duas gentis senhorinhas, filhas do sócio sr. Joaquim Cardoso. Foram obtidos consideráveis melhoramentos e augmento em material escolar, parte adquirido pelo Círculo, parte em doação generosa de amigos do Círculo. [sic]

O Círculo Operário Pelotense, buscando ampliar suas atividades educacionais fundou em 1936, outra escola, desta vez destinada aos meninos que trabalhavam como entregadores de jornais. O corpo docente, desta vez, era cedido pelo poder municipal. As aulas possuíam duração de duas horas ï das 14h às 16h ï e os alunos recebiam merenda antes da saída para o trabalho, figura 17. Segundo relatórios é possível verificar a efetivação da proposta circulistas em relação a proporcionar assistência aos trabalhadores associados, bem como sua família ï esposa e filhos, através da educação. Para as crianças a proposta incluía, ainda, a alimentação, o que reforça o espírito de caridade e auxílio proveniente tanto por parte do catolicismo, quanto do circulismo em geral. Verifica-se, também através dos relatórios, a dificuldade prática de efetivação da educação circulista, quando se analisam critérios como frequência , pois a escola para entregadores de jornais, após iniciar suas atividades com 40 alunos teve reduzido o número de estudantes para apenas 28, ao se passar dois anos de efetivação[17].

[17] Dados da ata de reunião de diretoria na data de 28 de julho de 1938.

Figura 17 ï Intervalo para refeição. Turma dos menores entregadores de jornal ï 1936. (Acervo do COP)

Conforme a publicação de jornal da época se pode visualizar melhor a ação pedagógica do semi-internato do COP

A EFICIENTE AÇÃO DO SEMI-INTERNATO DO CÍRCULO OPERÁRIO

O Semi-internato do Círculo Operário continua com sua missão altamente educacional. De fato, o aumento das atribuições daquela congregação que pugna pelo mais entranhado desenvolvimento social, e pela formação de uma turma cada vez maior de futuros cidadãos uteis á coletividade, é a realidade que cresce aos olhos logo á primeira vista.

Assim, nossa reportagem, colheu os dados de como está se processando no Semi-internato do Círculo Operário, o retorno ás aulas mantidas por aquela sociedade. O boletim de abril acusa a matrícula de 148 alunos, repartidos em três cursos, estando o primeiro dêsses cursos repartidos em 2 seções. Os professores que lecionam no Semi-internato do Círculo Operário são municipais, cedidos ao curso ali mantido.

Função social do semi-internato do círculo operário

Para que se possa avaliar o que representa o Semi-internato do Círculo Operário, no cenário social de pelotas, basta que apresentemos, uma breve estatística de suas atribuições: dentro do breve censo feito ficou avaliado que foram fornecidas ás crianças sem recursos que ali

> estudam e são alimentados, uma média de 2668 almôços, e 5336 cafés com pão. Esta obra social, das mais relevantes, está se mantendo finamente em seu programa de ação, graças á cooperação da Legião Brasileira de Assistência e ás generosas doações do comércio local. [sic] (Diário Popular, 05/07/1946)

Nas atividades educacionais pode se perceber a intenção do Círculo Operário Pelotense com a formação consciente de novos operários, visto que as atividades começavam desde a infância, cabe nesse momento destacar que mais do que mero trabalhadores, era de fundamental importância a formação de uma militância circulista, para dar continuidade ao movimento.

2.1.2. Habitação

A proposta de oferecer moradias dignas aos trabalhadores era coerente com as acepções do circulismo, na medida em que buscava proporcionar sanar uma das mais básicas necessidades humanas que é a habitação. Esta iniciativa foi uma das poucas ações dedicadas apenas aos associados, não permitindo a participação de não-sócios. A iniciativa em prol da habitação operária teve as primeiras casas entregues no dia 1º de maio de 1937, seis meses antes do golpe do Estado Novo. As casas eram feitas de alvenaria (figura 18) e, diferentemente, dos demais círculos operários que doavam ou vendiam por preços módicos, seriam oferecidas aos associados sob a forma de aluguel, visto que a diretoria do COP temia que, em caso de doação, as casas fossem vendidas por seus beneficiários ao se depararem com momentos de necessidade. Entre os anos de 1938 e 1942, com a ampliação da área de propriedade do Círculo Operário Pelotense, através da compra de terrenos que estavam em posse do banco do Rio Grande do Sul, houve a expansão das moradias postas à disposição para os trabalhadores, dessa vez as casas eram construídas nos moldes de chalés de madeira. A Vila Operária General Flores da Cunha, que com o passar dos anos recebeu o nome de Vila Nossa senhora de Medianeira, segundo Santos (2008, p.81) chegou a possuir mais de 60 habitações. Essa política de promoção de habitações aos trabalhadores perde força com a ação do Estado em implementar o Plano de Habitações Populares, que proporcionava a compra de seu imóvel, além de possuir recursos superiores ao COP para efetivação da proposta.

Figura 18 ï Vila Operária General Flores da Cunha, 1937. (Acervo do COP)

Com a crescente valorização imobiliária da região onde se encontrava as habitações operárias oferecidas pelo COP, há registro de decisão da diretoria do círculo em propor aos locatários que, ao terminar o contrato de locação, eles ganhariam o material de suas casas ï proposta realizada aos moradores dos chalés ï se ajudassem na retirada das habitações.

2.1.3. Caixa de Pecúlio e Socorros

Acompanhando uma linha de organização dos trabalhadores, centrada na visão assistencialista, que no caso dos Círculos estava aliada a formação moral-religiosa e aos princípios da reforma social proposta pela Igreja, conseguiram colocar em funcionamento uma caixa de Socorro Mútuo voltada para o socorro ao enfermo. Seria beneficiário aquele que estivesse em dia com a contribuição regular paga ao Círculo Operário e com a Caixa de Socorro a partir de uma carência de três meses para obtenção do direito, mediante atestado dado pelos médicos filiados à entidade.

Outra iniciativa ocorrida durante o ano de 1937 foi a criação de um pecúlio que era cobrado dos sócios e pago às famílias em caso de falecimento do titular associado. Este pecúlio tinha carência de seis meses para a sua vigência e, no momento de sua inscrição, o associado deveria indicar o nome do beneficiado, caso não contasse o COP se resguardaria a obrigação de entregar o valor aos herdeiros indicados pela jurisprudência. Parte dos recursos utilizados na caixa de pecúlio provinha do lucro líquido da cooperativa de produção e consumo, além de repasse do valor arrecadado com a bilheteria dos eventos e festividades promovidos pelo Círculo Operário Pelotense. A prática do pecúlio foi realizada por diversos círculos operários como mostra a figura 19, onde se pode visualizar a caderneta de associado do Circulo Operário Porto Alegrense.

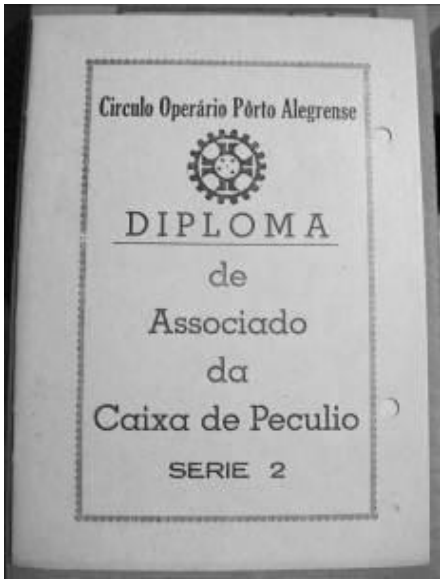


Figura 19 ï Carteira de Pecúlio do COPA. (Acervo do COP)

2.1.4. Agência de Assistência Social

Nas ações referentes à área de assistência social, se pode analisar a atividade do COP referente à prestação de auxílio jurídico aos trabalhadores, para que pudessem buscar o cumprimento de seus direitos, em um momento de promoção da legislação trabalhista, onde se verifica o nome de José Francisco dias da Costa como um dos primeiros integrantes a prestar esse tipo de assistência no referido círculo. Essa disponibilidade de acompanhamento jurídico se estendia aos sindicatos oficiais de classe.

As atividades da agência eram as mais diversas, como se pode verificar com o texto de um folheto entregue aos associados, que relata os feitos do mês de junho de 1939, sendo

> CASAMENTOS
>
> Na secretaria do COP foram realizados no mês passado, civil e religiosamente 6 casamentos.
>
> EXTRANGEIROS
>
> A secretaria legalizou durante o mês, no Registro de Extrangeiros a situação de 16 associados. [sic]

Outra obra social de grande importância no campo as beneficência e defesa foi a constituição de uma Cooperativa de Consumo, que funcionava como um armazém onde a venda dos produtos se dava através de preços subsidiados pela instituição circulista, suprimindo a presença do intermediário. Para tanto, os associados foram informados sobre o cooperativismo e as suas vantagens através de palestras e de publicações informativas. Foram explicadas aos associados, nessas publicações, as modalidades de cooperativas existentes, como as de crédito, de produção, as escolares e de consumo. O destaque foi dado para esta última, onde ocorreria a venda ao preço de mercado aos cooperados e utilizando o lucro em benefício dos mesmos, de acordo com o volume de compras de cada um. Resguardava-se sempre, entretanto uma parcela dos rendimentos para a manutenção de um fundo de movimentação da cooperativa.

A instituição da Cooperativa de Consumo do Círculo Operário Pelotense foi amplamente divulgada, como por exemplo, a publicação ocorrida através do jornal *Diário Popular*, de 31 de julho de 1932, que traz a cooperativa como um avanço aos trabalhadores da cidade de pelotas, visto que possibilitaria às suas famílias um melhor provimento de gêneros alimentícios e higiene, sem alteração nos provimentos familiares.

> Comunicam-nos; uma nova iniciativa de grande alcance para o operariado acaba de tomar a directoria do COP pela organização da cooperativa de consumo e produção: esta terá duplo fim: Primeiro fornecer aos sócios, com maior facilidade e economia os artigos necessários à vida, pela instalação de armazéns para a venda e pela produção dos mesms artigos; segundo, financiar com parte do lucro líquido da cooperativa, as obras sociais do Círculo, em especial a instituição de um pecúlio para os socios em caso de invalidez ou fallecimento.
>
> Foi recebida com grande enthusiasmo a exposição desta instituição pelo p. Leopoldo Brentano, na reunião geral quinzenal no dia

> 24. Inscreveram-se na mesma ocasião na cooperativa: 134 sócios. Estão sendo estudados os pontos principaes dos estatutos para serem apresentados na próxima reunião geral quinzenal, no dia 14 de Agosto, dia em que será constituída a cooperativa em assembéia geral dos sócios da mesma. [sic]

2.1.5. Saúde

O terreno que o Banco do Rio Grande do Sul teria recebido como pagamente de dívidas e vendido ao COP por uma quantia irrisória, com a incumbência de propor melhorias no local, demonstra o apoio por parte do governo estadual ao intento circulista. A justificativa para a compra era a criação de uma Casa de Saúde (figuras 20 e 21), que possibilitasse abrigar os operários que, ao serem acometidos por doenças ou acidentes e passado por internação hospitalar, necessitassem de repouso antes de voltar ao trabalho, o que não seria possível junto à família.

Para a diretoria do COP essa obra seria de maior significância que a construção de um orfanato, como sugerido em reunião de diretoria, visto que a promoção desse tipo de atendimento mostrava-se de fundamental importância, visto que, ao garantir a plena recuperação do trabalhador e livrá-lo de uma recaída fatal, a entidade estaria combatendo as causas da orfandade, não apenas atuando sobre seus efeitos.

Figura 20ï Folheto distribuído aos demais círculos operários do país. (Acervo do COP)

Figura 21ï Vista externa da Casa de Saúde São José. (Acervo do COP)

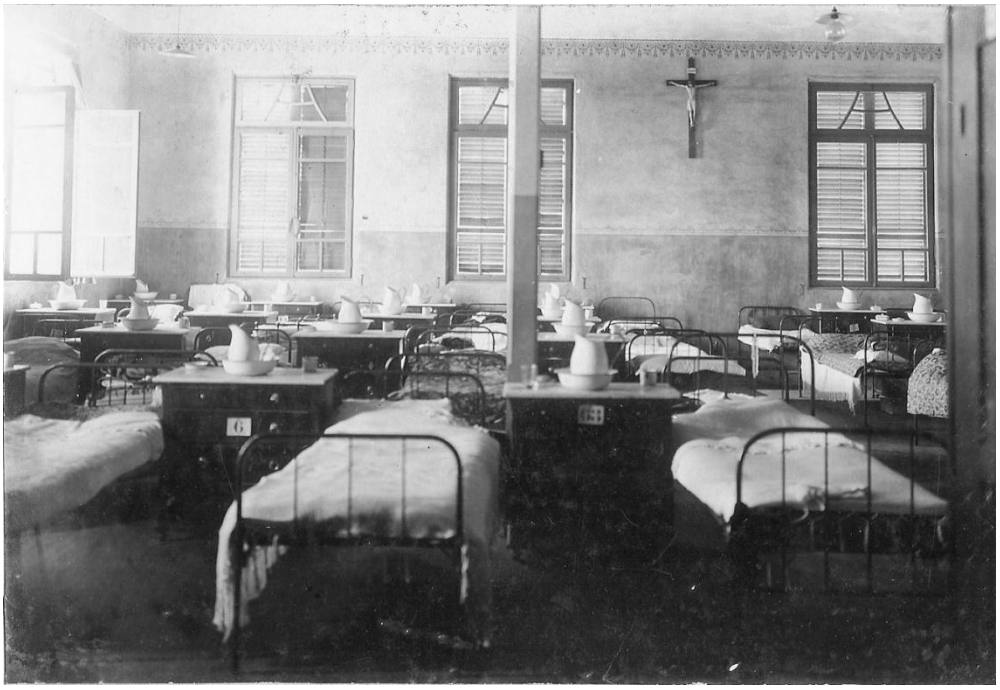
Como mencionado anteriormente, os trabalhadores estavam submetidos à má alimentação, principalmente no inverno, quando em período de entressafra de grande parte dos produtos agrícolas da região, os preços eram inacessíveis à maioria da classe trabalhadora. Na execução dos ofícios, a situação era igualmente difícil pra os trabalhadores visto que os locais de produção encontravam-se em péssimas condições de iluminação e ventilação, acrescido, muitas vezes, da falta de instalações sanitárias, tornando, portanto os operários expostos à ambientes insalubres. Se pensarmos, também, em relação ao tempo destinado ao trabalho, podemos facilmente verificar a ocorrência de jornadas exaustivas, algumas vezes superiores há 10 horas diárias. Loner contextualiza o ambiente urbano aos quais os operários estavam submetidos como,

> Quanto às demais condições de vida, a saúde era extremamente precária, com várias epidemias (tifo, febre amarela, peste bubônica, varíola) espalhando-se pelas duas cidades[18], tanto pelas condições de pouca higiene da população local, quanto pelo contato com outras áreas de risco, facilitado por serem cidades portuárias. (2001, p.88)

Nas primeiras décadas do século XX, era comum a ocorrência de epidemias, visto as poucas condições de higiene da população local, onde se pode somar as características metereológicas da região, com grande presença de umidade e frio rigoroso no inverno. Contribuía para este quadro, também, a presença de imigrantes que não estavam acostumados com o clima local, tampouco com as doenças ocorridas nesta região do estado, era um favorecimento para a proliferação de doenças contagiosas. Além disso, a realidade do espaço urbano e das condições de moradias eram fatores preponderantes para adoentar os trabalhadores subnutridos e fatigados do trabalho, visto que a falta de uma rede de esgotos nas vias públicas, a presença de estábulos em meio ao passeio de ruas populosas e a diminuição da arborização face o desenvolvimento do perímetro urbano colaboravam para a efetivação do caos na saúde pública. Em relação à moradia urbana Loner (2001, p.88) nos mostra a proliferação de cortiços no espaço urbano, caracterizadas por moradias abarrotadas de pessoas, com uma quantidade maior do que o suportado para uma vida com o mínimo de dignidade.

A Casa de Saúde (figuras 22 e 23) foi montada a partir de doações da sociedade pelotense, mostrando-se como um paliativo para a questão da mortalidade operária. Porém, não se revelou muito eficaz, visto que os trabalhadores se viam pressionados para retornar as suas atividades sob pena de perder o emprego ou, ainda, não possuir renda suficiente para o sustento de sua família em virtude de seu afastamento profissional.

18



Figuras 22 e 23ï Ala de atendimento da Casa de Saúde São José. (Acervo do COP)

Essa unidade de atendimento circulista prestou atendimento para 202 trabalhadores convalescentes até ter encerrado as suas atividades, dois anos após o início de seu funcionamento, a pedido do bispo, que aproveitou as instalações para sediar o Abrigo Infantil, conforme figura 24.

Figura 24ï Inauguração da nova capela do Abrigo Infantil, em 1958. (Acervo do COP)

Após a análise documental das fontes primárias, se pode deduzir que na concepção da Igreja, a solução para a questão social encontrava-se na restauração moral e social da sociedade, segundo os princípios cristãos. Para a restauração moral, cabia um papel primordial à família, considerada ñcélula-mãe da sociedadeò, primeira educadora e inculcadora dos valores cristãos. Mas é importante assinalar que não só a família (que a Igreja pretendia recristianizar), mas também o trabalho, a educação, a política e todos os aspectos da vida social. Para a concretização de seus objetivos a política de ação social foi de suprema importância, como se pode observar através das diversas iniciativas realizadas pelos círculos operários de todo o país, algumas dessas ações ainda podem ser vistas nos dias atuais.

No capítulo anterior destacamos a forma de organização local do movimento circulista e também como se deu o processo de propagação dos núcleos circulistas para o restante do país. Ao verificar melhorias na condição de vida, como a cooperativa de consumo, por exemplo, tornou-se comum a busca dessa instituição por um grande número de trabalhadores. No processo de retomar a memória, as ações efetivas de atuação dessa associação servem como referenciais históricos. Entre atas, periódicos e fotografias, podemos encontrar elementos que fundamentam a existência do movimento circulista, a participação dos trabalhadores e suas famílias nas diversas promoções do COP, de certa forma podem servir de exemplificação de conceitos como de Michael Pollak, em ñMemória e Identidade Socialò (1992, p.12), que trata ñse destacarmos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariante, imutáveis. Somam-se às ações sociais vistas nesse capítulo, as atividades de lazer, que serão tratadas a seguir, no conjunto de marcos onde se apóia a memória do Circulo Operário Pelotense.

Capítulo 3

ñO lazer sadioò: o Círculo Operário Pelotense e as atividades culturais e desportivas

Ao se ter conhecimento sobre o funcionamento do movimento circulista, seu envolvimento com a sociedade, no ensejo de proporcionar condições de vida mais dignas para os trabalhadores, faz-se necessário verificar como o convívio social se deu nessa associação. Para tanto, esse capítulo é dedicado a elucidar tal questão. Também procura verificar a participação dos associados nas atividades propostas, saber de sua intencionalidade, caso se confirme sua existência, além de apresentar o complemento da

vida circulista que já possui garantida a mediação em torno das questões trabalhistas, bem como o amparo necessário em caso de necessidade material dos operários.

O movimento circulista objetivava o desenvolvimento da cultura intelectual, moral, social e física, por meio de escolas, conferências, imprensa, rádio, escotismo, desportos, etc., conforme apresentado no capítulo anterior. Tendo em vista os seus propósitos, oferecia uma rede de atividades culturais e desportivas em um ambiente controlado, sob a orientação da Igreja Católica. Tais atividades propiciariam aos trabalhadores uma espécie de lazer sadio[19] e moralizante, de acordo com os valores pregados pelo circulismo.

Neste capítulo temos o anseio de apresentar a gama de atividades culturais e desportivas oferecidas pelo Círculo Operário Pelotense ao seu associado. Buscamos demonstrar a origem e os fundamentos que nortearam tais práticas. Analisamos também como se deu a escolha das temáticas a serem apresentadas aos trabalhadores, quais as suas intenções e peculiaridades. Enfim, procura fornecer o panorama das atividades recreativas do COP.

Assim como tratado no capítulo anterior, o conceito de marcos da memória, trazidos por Pollak (1992), torna-se importante para a construção da análise das atividades realizadas pelo COP.

Em consequência dos progressos da legislação trabalhista, os operários conquistaram maior tempo livre, o qual também seria utilizado nas atividades do COP, com o surgimento e valorização do esporte, a criação do escotismo, entre outras atividades, permitindo a continuidade e manutenção dos códigos culturais de acordo com seu interesse. Para o movimento circulista, a diminuição da jornada de trabalho só seria efetivamente produtiva se o tempo livre fosse utilizado de maneira licita e de acordo com as posturas de conduta moral aceitas pela Igreja Católica, como se pode observar em folheto entregue aos operários que versa sobre os costumes aceitáveis para os operários, transcrito abaixo. Para tanto, o lazer surge como a negação ao ócio, à má utilização do tempo não trabalhado.

> SEPULCROS CAIADOS
>
> O operário solteiro, bem deve saber que pela continencia prematrimonial, longe de se prejudicar, conserva suas forças viris para

[19] Neste caso, o termo sadio está sendo utilizado, com o significado de afastar os trabalhadores dos modos de vida ilícitos, como jogatinas, carteados, o alcoolismo, hábitos que iam de encontro com os valores cristãos, além de possibilitar o afastamento dos articuladores políticos que poderiam incitar a luta de classes.

> um dia ser pae legítimo de filhos robustos e sadios. O operário casado, porem, morigerado e convencido da sua responsabilidade, nenhum tostão gastará na satisfação de taes exigencias, pois bem conhece seus deveres de fidelidade ao ente que ele desposou perante Deus e a sociedade.
>
> Resta portanto só a classe dos estróinas, dos que contra a razão dão largas aos instintos baixos e materiais que o autor da natureza nos deu comum com os animais, mas que ele quer regulemos pela nossa vontade racional, ajudada pela graça de Deus. [...] Quem vier com as santas palavras de Cristo mas com a intenção de materialisar e perverter seu próximo, de infiltrar no operário doutrinas falsas, de convence-lo de exigencias e necessidades que não existem, de faser prevalecer os apetites inferiores, é lobo em pele de ovelha, é sedutor, embora se faça se amigo, de mestre de protetor. [sic]

Como alternativa, de acordo com os registros encontrados na instituição, surgem atividades com o objetivo de edificar a existência dos operários de modo a assegurar-lhes a pacificação, os valores familiares e o afastamento dos vícios, propiciando o saudável descanso para uma melhor jornada de trabalho, tendo em vista as mazelas que circundavam a realidade dos trabalhadores e inacessibilidade de meios sadios para seu descanso, visto que o alcoolismo se proliferava entre as camadas menos abastadas da sociedade pelotense.

3.1. Os Festejos

As atividades festivas possuíram grande valor para a concretização da proposta circulista, uma vez que propiciavam momentos de interação, integração, e, ainda, ao agregar atividades assistencialistas, como o sorteio de brindes e doação de agasalhos, reforçava a necessidade de que seus associados se mantivessem de acordo com os preceitos indicados pelo movimento. A partir dos códigos culturais[20] vivenciados, tornou-se possível estabelecer um controle adequado aos costumes dos operários.

Para Vitor Melo, em ñLazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompsonò, (2007, p. 13) as diversões eram encaradas como potencialmente perigosas por serem perturbadoras da ordem social e o crescimento da repressão a tais atividades coincide com o aumento da tensão entre trabalhadores e patrões/Estado. O Círculo Operário Pelotense, ao propiciar festejos em seu ambiente aos

[20] Por *códigos culturais* entendemos a representação dos elementos formadores da cultura que vivenciamos.

operários[21], evitava a possibilidade de congregar num mesmo local pessoas com contradições e problemas sociais, o que poderia dar início ao processo de conscientização a partir de ideologias diferentes das pregadas pelo movimento circulista. Em um período de tensões trabalhistas, até os momentos de diversão poderiam se tornar importantes para a ação dos sindicalistas e o avanço do Comunismo, algo que a Igreja Católica empenhou grandes esforços para combater[22]. Nos locais de divertimentos comuns a toda população, era comum a atuação dos agitadores políticos, que se reuniam para articular suas ações, resultando em transformar as atividades recreativas em verdadeiro foco de resistência, por estas se darem no âmbito de vida pertencente às camadas mais desfavorecidas da população.

Há de se considerar, também, a importância que esses momentos de festividades tinham para a vida dos trabalhadores. Tendo em vista que o ócio era um mal a ser combatido pela sociedade e, num período de grande miséria espalhada no território urbano ï com a abolição da escravatura, um tanto tardia na cidade de Pelotas ï onde o trabalho era considerado uma virtude e obrigação, cabia aos operários a dedicação extrema na execução de seus ofícios e reduzir os momentos jocosos às atividades que festejavam os princípios da Igreja Católica, como festejos de santos e datas de celebração da vida de Cristo.

Como uma forma de manter a participação dos associados nas celebrações de cunho católico, se pode perceber na análise das fontes primárias que foi necessária uma preparação sob a forma de palestras ocorridas normalmente na sede do COP, pelos assistentes eclesiásticos da instituição. Essas palestras visavam a rememoração das histórias católicas e promover o sentimento de pertencimento dos trabalhadores a essas histórias, promovendo a criação de uma identidade coletiva para os trabalhadores cristãos. Paul Ricoeur, em ñA memória, a história e o esquecimentoò (2007, p.94), ao tratar da formação da identidade verifica a existência de um conflito:

> O cerne do problema é a mobilização da memória a serviço da busca, da demanda, a reivindicação de identidade. Entre as derivações que dele resultam, conhecemos alguns sintomas inquietantes: o *excesso* de memória, em tal região do mundo, portanto, abuso de memória ï *insuficiência* de memória, em outra, portanto abuso de esquecimento.

---

21 Segundo análise das fontes primárias, arquivadas no Círculo Operário Pelotense.

22 De acordo com folhetos distribuídos aos operários.

O passado é, simultaneamente, permanente e mutável. Permanente porque não podemos alterar o que realmente aconteceu; mutável porque adequamos os fatos ocorridos de acordo com nossas ansiedades do presente. Além disso, não obstante a seletividade da memória, as escolhas que são feitas têm de ter por base quer o conjunto de características disponíveis em cada momento, quer por referência os sistemas de significação que, em cada período, configuram a percepção da própria cultura.

Ao se realizar a celebração dos dias santos, os operários cumpriam de uma única vez suas obrigações cristãs e confraternizavam sadiamente com outros sócios, estimulando a fraternidade entre os associados e suas famílias. A programação nesses dias era intensa, de modo a preencher todo o dia com atividades. Na figura 25 podemos observar a Festa em homenagem a São José e o Dia do Trabalho, comemorados pelo Círculo Operário Pelotense em 01 de maio de 1946.

Figura 25 ï Recepção dos operários para a missa festiva na Catedral São Francisco de Paula. (Acervo COP)

Nesta festividade, logo no início da manhã os operários foram recepcionados, após a procissão originada na Paróquia São José, no bairro Fragata, pela banda da Sociedade Musical União Democrata, em frente à Catedral São Francisco de Paula, onde ocorreria a missa alusiva às duas datas comemorativas. O cumprimento dos deveres cristãos era quesito importante no movimento circulista, muito embora não

excluísse os trabalhadores que comungavam de outros preceitos religiosos. Por orientação da Igreja Católica, era situação corrente guardar os dias santificados para se conviver em família, para tanto cabia aos patrões liberar seus empregados. Congregar os trabalhadores em procissão, além de uma deliberação da Igreja, para suas celebrações, era um meio para divulgar o circulismo e com isso aumentar a popularidade e o número de sócios na cidade.

Para melhor visualização da organização das festividades destaca-se a notícia veiculada no jornal *A Palavra*, de 05 de maio de 1948, onde está demonstrada a programação dos festejos em homenagem à Nossa Senhora Medianeira, que segue

> FESTA DE MARIA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS, EXCELSA. PADROEIRA DO RIO GRANDE DO SUL E DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS, DIA 30 DE MAIO DE 1948.
>
> Convidamos, pois, a todos os operários e operárias das fábricas circulistas e não circulistas, a tomarem parte com suas famílias nas homenagens que o Círculo Operário Pelotense prestará a sua querida Padroeira Rainha e que obedecerão o seguinte programa:
>
> **Domingo**, dia 30 de maio:
>
> As 8 horas Missa na Catedral com comunhão a Na. Sa. Medianeira. (Esta comunhão servirá de comunhão de páscoa para as pessoas que ainda não tenham feito sua páscoa)
>
> As 9 horas no Círculo Operário Pelotense, café para os circulistas comungantes com visitas do novo Semi-Internato.
>
> As 16:30 horas sairá da Catedral a procissão com a imagem da Virgem Maria Medianeira percorrendo a rua Félix da Cunha, descendo pela ruas Voluntários e subindo pela rua Barroso até a Sêde do Círculo Operário Pelotense onde se prestará espressiva homenagem à Virgem Santíssima.
>
> **Nota:** - Na semana antecedente, isto é 24 de maio adiante às 20 horas haverá conferência preparativa no salão do Círculo Operário para os operários de ambos os sexos.
>
> **Operários** e operárias! Vamos à Maria, vamos à Medianeira de todas as graças, vamos pedir para nossas famílias, nosso Estado, nossa Pátria.
>
> A Diretoria do Círculo Operário Pelotense. [sic]

Cabe mencionar que as comemorações referentes ao Dia do Trabalho, apesar de estarem impregnadas de uma forte carga militante, eram celebradas por várias instituições, algumas delas sem o caráter revolucionário, como no caso do movimento circulista. Para tanto, coube à Igreja estabelecer um sentido diferenciado em relação à memória dos operários. Comemorado pelos circulistas, diferentemente do espírito de

luto que possuía para os anarquistas, o 1º de maio[23] possuía como mote a celebração ao operário presente na Bíblia, São José, tornando-o o patrono dos trabalhadores.

Nesse momento torna-se importante verificar um critério fundamental para a análise mnemônica das atividades culturais e desportivas vivenciadas, o de organização da memória. O trabalho de interpretação de fontes primárias só se faz possível a partir da utilização do repertorio de compreensão de mundo que possuímos nos dias atuais, de religiosidade, das formas de vivência em sociedade, entre tantos outros referenciais.

> A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo. (POLLAK, 1992, p. 04)

Verificamos a utilização dos recursos da memória pela Igreja Católica, de modo a impingir à comunidade circulista os hábitos de associar as datas festivas, mesmo as cívicas, com fatos ocorridos na sua história, possibilitando a construção de uma memória coletiva apropriada, no que tange aos feitos a serem comemorados coletivamente.

Divulgar uma associação operária durante as primeiras décadas da República Velha não era tão simples, raras eram as articulações trabalhistas que dispunham facilmente deste trânsito. Era comum o embate entre as organizações trabalhistas - sindicalistas e as forças policiais O movimento circulista, com o respaldo da Igreja Católica, beneficiava-se de romarias e outras celebrações cristãs para divulgar suas ações. Mesmo com a diminuição do número de fiéis, com a proclamação da República, o catolicismo possuía grande influência no meio social.

Outra forma atrativa de manutenção do número de associados e também de garantir a participação maciça dos operários que compunham o quadro social era através

---

[23] Para maiores esclarecimentos ver: BILHÃO, Isabel. **Identidade e trabalho**: Uma História do Operariado Porto-Alegrense (1898 a 1920). Londrina:EDUEL, 2008.

das atividades assistencialistas realizadas durante as atividades, como se pode perceber na figura 26, apresentada a seguir.

Figura 26 ï Após sorteio, o associado recebe uma bicicleta da direção do COP. (Acervo COP)

Como visto na imagem acima, a distribuição de donativos, recolhidos entre a sociedade empregatícia, através das ações da Diocese de Pelotas, servia como um aporte para a servidão dos operários, visto a origem dos brindes ser divulgada no decorrer do evento. Os brindes em sua maioria eram cobertores, roupas, calçados e utilidades domésticas, mas poderiam chegar a brindes de maior porte, como por exemplo a bicicleta, utilizado como facilitador de transporte pelos operários.

Melo (2007, p.16) afirma que ao mesmo tempo em que a cultura é utilizada/identificada como forma de resistência, ela também é manipulada em busca de estabelecer e ratificar a dominação. Nas atividades de lazer esses dois caminhos de resistência e dominação se utilizam dos mesmos mecanismos de ação. A reafirmação de seus princípios através das atividades culturais e desportivas, além de sua ação social, é forte estratégia de atividade do movimento circulista.

As festas eram organizadas por comissões formadas por trabalhadores associados, com orientação da diretoria em exercício do Círculo Operário Pelotense, sob o cuidadoso olhar do clero, de acordo com registro nas atas da instituição. As atividades, a preparação dos espaços, os quitutes servidos, as apresentações artísticas, tudo demandava do emprenho dos operários, o que resultaria em atividades de grande

interesse de participação, em decorrência da ampla identificação pessoal com as linguagens e metodologia apresentada nos festejos.

Os festejos possuíam ainda outra serventia além de entreter os trabalhadores. Eram nesses momentos que se possibilitava a construção de um tempo social, com apresentações das lideranças do movimento sobre as realizações do movimento circulista. A retrospectiva da ação do COP, bem como do auxílio da Diocese nas conquistas dos feitos no campo da ação social, é também um momento político, de articulação e reafirmação de ideologias. Com o passar dos anos as comemorações referentes aos aniversários de fundação do COP tornam-se momentos de afirmação da instituição na sociedade e no tempo vivido.

Outros momentos importantes de celebração no Círculo Operário Pelotense eram a Páscoa, a Festa de São João, Festa de Nossa Senhora Medianeira, inaugurações dos novos espaços, posse de gestão diretiva da associação e datas cívicas, conforme anúncio publicado no jornal O Circulista sobre as comemorações referentes à Semana da Pátria.

> A diretoria do Círculo Operário Pelotense vem desenvolvendo grande atividade, na organisação do programa de festas comemorativas referentes á Semana da Pátria. Ontem em concorrida reunião foram tomadas varias resoluções e nomeadas diversas comissões, devendo o programa das grandes festas ser publicado ainda esta semana. [sic]
> (Ano I, nº 2 ï agosto de 1939)

Todos os festejos, de caráter cívico ou religioso, movimentavam a vida do operariado, preenchendo as lacunas de tempo livre na manutenção de seus princípios. Essa movimentação era aguardada com entusiasmo pelos associados por ser um momento de confraternização entre seus pares, que comungavam com uma mesma trajetória de vida e aspirações. Momento onde muitos dos associados poderiam demonstrar suas aptidões artísticas e/ ou desportivas, pelo fato da programação ser executada por integrantes do movimento circulista, como já referenciado anteriormente.

3.2. Praticas de Cultura Artística e Física

3.2.1. Teatro

O movimento circulista além de ser uma instituição de articulação política dos trabalhadores, congregava-os em espaços de lazer, aproximando-os em uma identidade

de classe, muito embora a associação aceitasse a participação de outros pequenos trabalhadores, autônomos, desde que comungando dos mesmos ideais, e dispostos a viver dentro da conduta cristã, promovida pela Igreja Católica. Ao reconstruir, através da memória, a trajetória de uma parcela do movimento operário em Pelotas, acabamos por possibilitar a reconstrução da sociedade contemporânea, como nos coloca Loner:

> Todo estudo de classe, em situações concretas e determinadas é, ao mesmo tempo, um estudo específico, uma pesquisa com um foco restrito e uma pesquisa que abarca toda a sociedade, pois esta participa igualmente do processo de construção e de desorganização de classe. Por outro lado, o desenvolvimento da sociedade também será influenciado pela forma como acontece sua atuação, pela orientação de suas lutas e pelo resultado prático delas, num processo dialético e constante. Assim, estudar a classe operária, em qualquer tempo, é em certa medida, estudar toda a sociedade à qual ela pertence, esmiuçando seu desenvolvimento de forma a perceber as possibilidades de atuação disponíveis, em cada conjuntura, aqueles homens e mulheres que se integravam numa relação de classe. (2001, p.16)

Os espaços de convivência, ainda que artística e desportiva, desempenhavam papel fundamental para a propagação das intenções circulistas, pois reunia vários associados com uma mesma finalidade, o fortalecimento de suas ideologias. Não diferentemente de outros locais dessa associação, os espaços de lazer também se configuravam potencialmente como local de militância política, visto que nessas situações os ideais eram apresentados, transmitidos, debatidos, de uma forma lúdica. Na medida em que os Círculos Operários condenavam a vivência em espaços comuns à rotina de vizinhança das classes menos favorecidas, como bares, coube à organização circulista a tarefa de proporcionar locais apropriados para a utilização do tempo livre. É muito presente nos relatórios de direção o propósito de educar e propiciar o lazer aos seus associados, sem que isto os distancie do trabalho.

Muito presente nas rotinas do Círculo Operário Pelotense, o teatro era um recurso utilizado em praticamente todos os momentos de reunião. Independentemente das datas festivas, apresentavam-se esquetes cênicas em diversos momentos da vivência no COP.

Ainda durante o ano de 1932, o COP inicia sua atuação com a meta de oferecer cultura e entretenimento aos associados, com a criação do Corpo Scênico, atual Teatro do COP. Consta na ata de nº. 04, da assembleia geral ocorrida no dia 22 de maio do

corrente ano, a primeira reunião realizada na sede provisória cedida pela prefeitura, além da criação de dois cursos destinados aos associados e seus filhos, o ensejo de criação do grupo de atividades cênicas. Tal intencionalidade pode ser constatada na medida em que está registrado no discurso do Pe. Brentano a utilização da sede para a realização de encontros mensais, no período da noite, fomentando o convívio dos sócios como uma forma de ñentretenimento lícito e agradávelò ï de acordo com os termos constantes na ata.

E segue a ata,

> Constituindo um intenso desejo da directoria organisar, logo que possível um corpo scênico e um grupo musical, a ser formado por elementos da associação, pedindo nesse sentido para os sócios se inscreverem. [sic] [24]

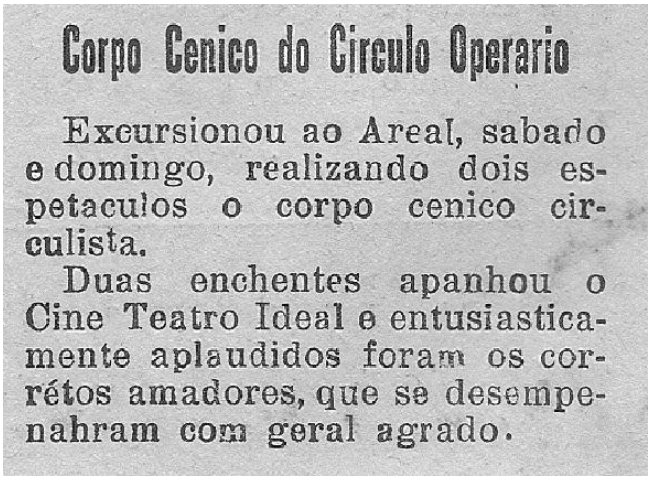
O grupo que compunha o corpo cênico era formado por associados, membro da comissão diretiva e esporadicamente alguns representantes da Diocese de Pelotas, especialmente quando a montagem se referia a passagens bíblicas. As crianças que frequentavam as aulas no COP também participavam de atividades regulares com o grupo, para que recebessem o aprendizado nas áreas cênicas e os preparassem para participar das apresentações e darem continuidade ao trabalho do grupo.

Figura 27 ï Grupo Scênico antes de uma apresentação ï ano de 1934. (Acervo do COP)

[24] Acervo do COP.

Como visto na figura 27, colocada acima, os figurinos mais requintados provinham de doações da burguesia pelotense, a qual possuía diversas entidades de promoção das artes cênicas desde o final do século XIX. Em alguns casos a própria Diocese de Pelotas e o empresariado da região contribuíam para a realização das montagens fornecendo donativos necessários para aquisição dos cenários e confecção dos figurinos.

O grupo apresentava-se não apenas em seu teatro, mas também em outros locais como escolas, praças, sindicatos parceiros ao COP, salões paroquiais e associação de moradores, como consta da notícia veiculada no jornal O Circulista, em agosto de 1939, o qual divulga a apresentação do espetáculo ñDuas enchentesò, realizada no bairro areal, que pode ser vista na figura 28.



Corpo Cenico do Circulo Operario

Excursionou ao Areal, sabado e domingo, realizando dois espetaculos o corpo cenico circulista.

Duas enchentes apanhou o Cine Teatro Ideal e entusiasticamente aplaudidos foram os corrétos amadores, que se desempenahram com geral agrado.

Figura 28 ï Noticia sobre apresentação do Corpo Cênico do COP. O Circulista, Ano I, Edição n 02 ï agosto de 1939. (Acervo do COP)

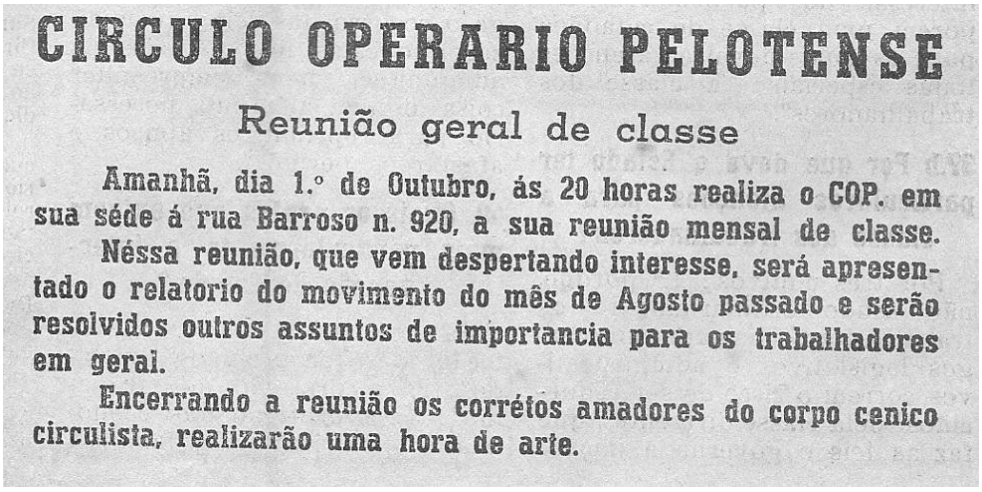
O teatro, comumente, era uma forma de ligação com outras entidades católicas de auxílio, como o Corpo Scênico do Apostolado Coração de Jesus de Homens, As Filhas de Maria, que possuíam atividades cênicas, cedendo o espaço de sua sede para a arrecadação de donativos para obras assistenciais. O teatro do Círculo Operário Pelotense, de acordo com as informações coletadas, pode-se deduzir que não era um espaço de entretenimento exclusivamente dos operários, nele fora concentrado os esforços da Igreja para criar uma ambiente de apreciação artística para a sociedade católica como um todo, sendo este um local de divertimento lícito e moral. Por este modo de conceber esta atividade cultural, o corpo cênico do COP excursionou pela cidade de Pelotas, tanto em sua área urbana quanto em suas colônias. Tendo a cidade de Pelotas uma vocação artística amplamente vivenciada, cabe lembrar a existência de

outros grupos teatrais, e bailantes, de origem operária, contemporâneos à criação do corpo cênico do COP:

> Como entidade bailantes de origem operária, mais importantes teve-se na primeira década em Pelotas, o Recreio Operário, clube também teatral, de cuja dissidência nasceu a Satélites do Progresso e as Flores do Paraíso. Além dessas, existia a Recreio dos Artistas. (...) Nos anos 10, surgiu a associação Grêmio Recreativo 24 de Junho, que congregava operários e outros setores de etnia negra. Essa associação merece destaque, não só pela sua longevidade, mas também porque dela participavam vários operários vinculados à direção da União Operária, realizando várias atividades festivas nos salões dessa última associação. (LONER, 2001, p. 115-116)

Além disso, se pode concluir após a análise da documentação que o teatro era uma forma de angariar fundos, e a estratégia de executar espetáculos abertos a toda sociedade - não apenas para os associados - era uma forma de possibilitar maior arrecadação e, também, difundir sua ideologia para um maior número de pessoas. Dentre os gêneros apresentados, a comédia se destacava perante a análise das fontes primárias, também se percebe a execução de obras que retratavam temas religiosos, passagens bíblicas, alguns dramas e, também, modos e costumes da vida operária. Retratar suas profissões e ofícios era um modo de aproximar os associados à linguagem apresentada.

A maior parte das apresentações se dava após as reuniões mensais do Círculo Operário Pelotense, conforme figura 29. Apesar da formalidade do evento com os discursos dos integrantes do Circulo Operário, prestação de contas e apontamentos para atividades futuras, esses momentos de encontro e confraternização diferenciam o COP das outras associações de trabalhadores. Provavelmente, as duras jornadas de trabalho, o cansaço e as obrigações familiares sobrecarregassem os operários em relação ao cumprimento da participação com o movimento operário. Para tanto, Ana Cristina Lima, em ñObreiros Pacíficos: o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (Fortaleza, 1915 ï 1931)ò, (2009, p. 152) coloca que, possivelmente, os circulistas e suas famílias eram atraídos, em busca de ñnovidadesò (quebrando a monotonia da sequência de trabalho) para estas festividades.



CIRCULO OPERARIO PELOTENSE

Reunião geral de classe

Amanhã, dia 1.º de Outubro, ás 20 horas realiza o COP. em sua séde á rua Barroso n. 920, a sua reunião mensal de classe.

Néssa reunião, que vem despertando interesse, será apresentado o relatorio do movimento do mês de Agosto passado e serão resolvidos outros assuntos de importancia para os trabalhadores em geral.

Encerrando a reunião os corrétos amadores do corpo cenico circulista, realizarão uma hora de arte.

Figura 29 ï Chamada de reunião. O Circulista, Ano I, Edição nº 03 ï setembro de 1939. (Acervo do COP)

A promoção cultural do Círculo receberia maior incentivo cinco anos depois com a construção de um anfiteatro, o qual recebeu o nome de Leão XIII, de acordo com o que pudemos constatar nos registros do círculo. Nele eram apresentados espetáculos de cunho humorístico, religioso, além de peças que elucidassem a questão operária e, ainda, outros espetáculos como apresentações de ventriloquismo e magia, como mostra a figura 30. O COP procurou, conjuntamente, a criação de um cinema, em 1938, após ter recebido a doação de um projetor de filmes mudos, cujo documento encontra-se no arquivo da instituição e data de dezembro de 1933. O desinteresse, citado nas atas das reuniões, por parte dos associados em assistir filmes mudos ï já em desuso ï , somado a dificuldade de se obter filmes, impediu a execução desse projeto.

Figura 30 ï Apresentação do mágico Varone em 1944. (Acervo do COP)

O teatro Leão XIII mantém-se da mesma forma como fora construído, pouco se alterou no espaço após sua construção, sendo estas alterações no espaço destinado aos expectadores, onde fora acrescida um mezanino, o qual aumentou a capacidade da plateia e propiciou a instalação de equipamentos cênicos, durante a segunda metade do século XX e, também, o rearranjo das cadeiras em declividade, o que facilitou a compreensão dos espetáculos. A plateia, inicialmente situada num único plano, não possibilitava a hierarquização dos espectadores, ressaltando a ideia de que, ali, todos eram iguais e comungavam dos mesmos privilégios, não apresentando diferenciação nos lugares segundo a condição social do público, fato comum nos teatros da sociedade pelotense, altamente elitista. Essa característica de plateia plana, inevitavelmente, criava dificuldades para o público, uma vez que impossibilitava a visão total da cena.

As cadeiras não eram fixas, mas arranjadas de acordo com a necessidade do evento, o que nos impede de assegurar a capacidade do espaço[25]. Dentro das análises realizadas nas fontes primárias do COP, podemos encontrar referências de que o espaço dos expectadores era, também, utilizado para festividades, gerando um espaço para baile, como por exemplo, as quadrilhas das festas juninas.

[25] Tais exemplos podem ser visualizados nos anexos 23, 24 e 25.

Como características, o palco apresenta[26] as medidas de 8 metros de profundidade por 10 metros de largura; tinha o teto sem forro, consequentemente, com a presença tinha urdimento, ou seja, uma estrutura de madeira ou ferro construída ao longo do teto vazado do palco para permitir o funcionamento de cenários e objetos cênicos. O palco tinha piso de estrado de madeira. O espaço atrás do palco, mínimo, o que dificultava a movimentação dos atores e acessórios cênicos. Este palco apresentava proscênio diminuto, parte à frente do palco, um avanço reto, que se projeta para a plateia e fica a frente da cortina de boca de cena[27].

Caracterizava-se, portanto, como palco italiano, de pequenas dimensões, onde temos um palco retangular em forma de caixa aberta na parte frontal voltada para a platéia, com a presença de elementos cênicos, que em palco italiano, servem para esconder o que não é necessário à representação, além de criar a ilusão de continuidade do espaço cênico. Provido de moldura, ou seja, boca de cena, que define aquilo que é chamado de quarta parede, no caso do teatro do COP era utilizada para propaganda dos apoiadores, os quais pagavam pela exposição de seu reclame (figura 31), tendo esse investimento revertido para a manutenção do espaço do próprio teatro Leão XIII.

[26] Visto que a estrutura do palco permaneceu inalterada com o passar do tempo, foi possível realizar, em 18 de agosto de 2010, as medições do palco do teatro Leão XIII.

[27] Demais análises sobre o palco se referem ao trabalho de leitura de imagem e análise documental do acervo do COP.

Figura 31 ï Reunião em homenagem as mães em 1948. Nesta imagem se podem perceber os anúncios na boca de cena. (Acervo do COP)

A utilização do teatro, de acordo com análise documental, desempenhou uma importante ferramenta à disposição dos idealizadores do movimento circulista, uma vez em que sendo os operários oriundos das camadas mais desfavorecidas da população, muitas vezes eram analfabetos ï ou ainda, descendiam de uma tradição basicamente da oralidade ï a representação cênica propiciava a instrução política dos trabalhadores, assim como já tinha servido aos anarquistas e comunistas[28], com a execução de um teatro social, o qual os trabalhadores já estavam familiarizados. Cabia aos líderes, de qualquer tipo de articulação política, participar da educação política a partir da utilização do teatro, como apresenta Loner

> Um fato marcante era a presença, nesses grupos, das mesmas lideranças atuantes nos outros tipos de associações, inclusive políticas. Em outras palavras, das associações teatrais participavam as principais lideranças, burguesas ou proletárias, seja na diretoria ou no elenco. Essa ênfase na representação teatral, envolvendo todas as classes sociais, foi comum também

[28] Para mais informações consultar Loner (2001).

> na Argentina, com os grupos filodramáticos do século passado ï *XIX* ï e com os grupos operários, formados principalmente por imigrantes, a partir da década de 1890. (2001, p.127)

Também sobre a intencionalidade do teatro operário, Vera Collaço, em ñO Teatro da União Operária ï Um palco em sintonia com a modernização brasileiraò, considera que

> Ao se comparar as diferentes práticas teatrais, realizadas pelas minorias organizadas dos trabalhadores brasileiras ocorridas no final do século XIX e na primeira metade do éculo XX, percebe-se que a prática teatral foi implantada, não apenas por suas possibilidades de oferecer lazer, mas principalmente, por suas potencialidades educativas. (2004, p. 191)

Entre os participantes do corpo cênico estavam trabalhadores associados e diretores do Círculo Operário Pelotense. Todos os integrantes eram amadores, de acordo com o livro de registro de reuniões de diretoria. Cabe destacar a participação de operárias nas representações ï propiciada a partir da participação maciça de famílias, muitas vezes, inteiras, como poderemos perceber a seguir ï visto ser de fundamental importância para a plena representação dos ideais de família e comportamento indicados pelo movimento circulista, doutrinando-lhes os códigos de conduta ideais. Em sua maioria os integrantes eram jovens, o que lhes possibilitava espaços de convívio e confraternização, outra característica importante é o, já citado, parentesco entre os participantes do grupo.

Era comum a presença de famílias inteiras em alguns espetáculos, cujo registro em ata das reuniões mensais do círculo, comprova a relação de proximidade. Essa presença familiar nas montagens teatrais aproximava a representação dos expectadores e tornava, ainda mais, facilitada a aceitação e compreensão da mensagem das apresentações. Outro marco referencial para este tipo de prática teatral era a alta rotatividade dos integrantes, visto que sua participação dependia do tempo livre de cada um. Essa característica, convém lembrar, é comum à prática teatral como um todo, e acentuada quando essa manifestação artística se dá de modo amador.

Pode-se concluir, com o decorrer das análises de fontes primárias, que o Círculo Operário Pelotense, ao consolidar a prática teatral como a principal atividade artística, nesse período, orienta-a como atividade de entretenimento entre os associados, além de instrumento educativo ï pois sugere a reflexão entre os expectadores sobre os temas

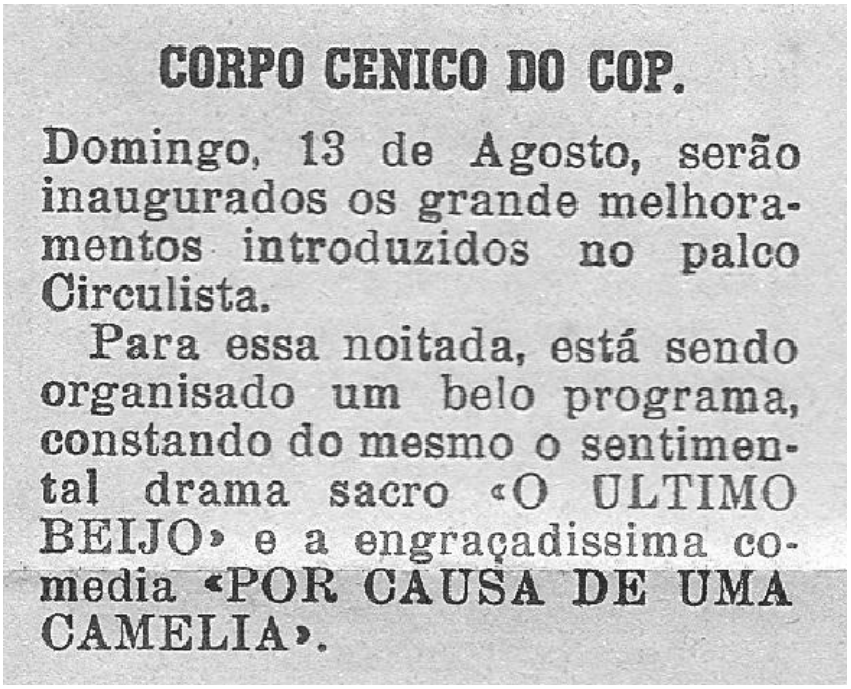
encenados ï no que tange ao fortalecimento dos ideais circulistas, e meio de difusão das práticas artístico-culturais. Compreender o teatro como didático nos faz perceber a potencialidade dessa manifestação artística como forma de influenciar o comportamento das pessoas, reforçando ou modificando comportamentos de acordo com sua utilização, caso considerado positivamente, ou aproveitar a representação para elucidar modos de vida e pensamentos contrários às condutas esperadas. Consequentemente, a prática teatral exercida pelo corpo cênico do COP reforçava os valores de família e propriedade, preceitos morais que deviam reger os costumes e comportamentos das famílias operárias, de acordo com as orientações da Igreja Católica, além de promover uma convivência harmoniosa entre o capital e o trabalho, devendo este ser regulado e assegurado através do Estado, em concordância com a atitude do governo Vargas, conforme os escritos circulistas da época.

Os textos encenados pelo grupo teatral, longe de serem escolhas isentas, apresentavam um universo imaginário que elucidava os preceitos ideológicos do movimento circulista[29], mas não apenas isso. Era comum, durante as chamadas ñHora de Arteò ï que sucediam as reuniões ordinárias ï, a apresentação de uma peça ñinstrutivaò, tanto em ideologias quanto em modos e costumes, e, logo após, a encenação de uma comédia, tentando, assim, satisfazer ambas as intenções, reforçar os valores necessários aos trabalhadores católicos e entreter a família operária. Neste momento, é válido salientar que, embora doutrinadores, os textos com a intenção pedagógica não possuíam explicitamente esta postura ideológica. O mais utilizado, visto a partir da análise das fontes relacionadas no arquivo da instituição, era recorrer às parábolas da bíblia para realizar o repasse de instrução necessária aos operários. Grande parte dos textos encenados pelo grupo destacava como positiva a moral burguesa da sociedade pelotense, a servidão pacífica dos trabalhadores, a Igreja Católica para a salvação da sociedade, além de privilegiar a estrutura familiar como elemento fundamental para a organização da sociedade.

O gênero mais representado era a comédia, mais especificamente a comédia de costumes. Esta escolha, provavelmente, se deu por ser este uma possibilidade de abordar temas importantes para o movimento circulista de maneira leve, agradável aos trabalhadores fadigados após a intensa jornada de trabalho. Mais simples de se abordar temas como a organização do meio social, caráter, estudo de comportamento, a comédia

[29] Após análise do acervo do COP, torna-se possível tais conclusões.

de costumes tinha grande aceitação, sendo comuns registros nos jornais, tanto do COP quanto no Diário Popular, da favorável recepção dos expectadores em referência aos textos apresentados. Alguns textos mereceram mais destaque (figura 32), sendo apresentado diversas vezes, como por exemplo: ñOs crimes de Brandãoò, ñDuas enchentesò, ñOs dois Jucasò, ñPor causa de uma caméliaò ï comédias, ñA Victimaò drama, e ainda ñO último beijoò ï drama sacro.



CORPO CENICO DO COP.

Domingo, 13 de Agosto, serão inaugurados os grande melhoramentos introduzidos no palco Circulista.

Para essa noitada, está sendo organisado um belo programa, constando do mesmo o sentimental drama sacro «O ULTIMO BEIJO» e a engraçadissima comedia «POR CAUSA DE UMA CAMELIA».

Figura 32 ï Chamada de reunião. O Circulista, Ano I, Edição nº 01 ï julho de 1939. (Acervo do COP)

Após análise documental, verifica-se que grande parte dos textos era de escritores brasileiros, geralmente na encenação das comédias. Visto ser uma representação da realidade próxima, ela necessita de elementos locais para que se consiga alcançar seus objetivos, necessita de referenciais da vida cotidiana, da proximidade com o seu público. Mais do que outros gêneros, a comédia de costumes está indissociavelmente atrelada ao contexto imediato ao qual representa, permitindo, portanto, a imediata semelhança com a sociedade expectadora. A comédia também possibilitaria a correção de modos e costumes impertinentes ï em relação ao olhar da Igreja ï a partir da ridicularização de ñmaus costumesò, ou ainda, de costumes impróprios, expondo-os através da humilhação posta pelas gargalhadas da platéia.

Sendo um dos intentos do movimento circulista a valorização dos seus princípios e assegurar a conduta ideal dos associados a partir das representações cênicas, nada mais de acordo do que a correção dos costumes a partir da exposição caricata das falhas, inadmissíveis para essa sociedade. A esse respeito deve se considerar a contribuição de Ricoeur (2008, p.133), quando refere que ñé nos quadros do pensamento coletivo que encontramos meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos. Somente o pensamento coletivo consegue realizar tal operaçãoò. Essa prática, de conectar a representação aos hábitos de vida dos trabalhadores, aproxima o Círculo Operário Pelotense de sua plateia, acarretando um elo fundamental na prática de seus intentos. Dentre os textos representados, também, em algumas ocasiões utilizavam-se textos de escritores estrangeiros, devidamente traduzidos e adaptados à realidade da sociedade trabalhadora pelotense na primeira metade do século XX, sendo a maioria dos textos de origem portuguesa e do Vaticano, neste caso repassado pela Diocese de Pelotas, para a posterior utilização em celebração a datas santificadas.

Se pode concluir que dentre os diferentes gêneros dramáticos apresentados, o corpo cênico do Círculo Operário Pelotense - através da orientação de seus líderes - possuía a capacidade de fortalecer nos expectadores os valores familiares como o casamento, a fidelidade, a virgindade, a honra, a submissão das esposas, bem como os princípios de mansidão perante os patrões, servidão no trabalho, a prontidão na realização das tarefas, enfim reforçar os intentos cristãos e servis da sociedade citadina, como descreve Loner o teatro operário de uma forma generalizada. E ainda, referenciava a participação do Estado como o elemento indispensável para a regulamentação e agente propiciador das justas formas de trabalho, um elemento amigo do operariado, reforçando, portanto o caráter populista do governo de Vargas.

> [...] houve aquelas associações em que as peças nem sempre tinham um caráter politizador evidente, que levavam à cena peças de autores variados, algumas delas com um certo gosto pelo dramalhão ou comédia de costumes, o que não lhes retirava o caráter operário, na medida em que eram feitos por e para os trabalhadores. (LONER,2001, p. 129)

Em relação ao público expectador, este muitas vezes formado não só por associados, mas também por colegas de ofícios, vizinhos, parentes. Tal condição reforçava o caráter de cumplicidade estabelecida entre os atores e o público. As referências na imprensa dão conta da grande aceitação dos espetáculos com a utilização

dos termos: ñentusiasticamente aplaudidosò, ñdesempenharam com geral agradoò, ñovacionados pelas famílias operáriasò, reforçando a manutenção dessa atividade de entretenimento.

Outro importante marco na análise sobre a prática das artes cênicas pelo Círculo Operário Pelotense se dá na medida em que sua produtividade está intrinsecamente relacionada com a vivência desta associação, embora suas apresentações não se restringissem apenas ao público operário, como já explicitado anteriormente. Em termos gerais, verifica-se a partir do referencial teórico, a prática teatral do corpo cênico do COP, bem como de outras associações teatrais amadoras da mesma época, era muito próxima do teatro profissional brasileiro, ainda com muitos vestígios das práticas do final do século XIX. Tais aproximações podem ser estabelecidas pela semelhança nos procedimentos cênicos adotados pelas organizações que trabalhavam com esta linguagem artística, como a ausência do diretor de cena, ou seja, de alguém que oriente a montagem teatral de uma forma conjunta. De acordo com as análises da documentação do COP, pode-se deduzir que, naquele momento, era comum que cada um cuidasse apenas do seu personagem, e a interação se desse através de acordo entre o conjunto de atores que estariam em cena. Além disso, o desprendimento sobre a rigidez da interpretação do texto, que acarretava uma série de improvisações durante o espetáculo, era outro fator que caracteriza as montagens teatrais desse período.

A cenografia, basicamente, era composta por tecidos pintados e dispostos no palco com o propósito de simular um ambiente, efeito de ilusionismo que se pode visualizar na figura 33. O mobiliário era, em sua maioria, pertencente ao Circulo Operário Pelotense, estando alguns presentes até os dias de hoje em sua sede[30]. Em caso de necessidade especial para determinadas montagens cênicas, tanto o mobiliário como os utensílios necessários para a representação eram cedidos pelo empresariado da cidade, de acordo com registro em anotações arquivadas no COP. Os figurinos, do mesmo modo que os cenários eram obtidos através de doações e de reaproveitamento de materiais já utilizados em apresentações, além de ser comum ver um mesmo figurino ï e cenário ï serem utilizados em diversas montagens artísticas. Essa característica também se observava em outros grupos amadores que também não tinham o hábito de confeccionar figurinos e cenários inteiramente novos a cada novo espetáculo.

[30] Como pode ser verificado nos anexos nº 21 e 26.

Figura 33 ï Apresentação da comédia ñPor causa de uma caméliaò, no teatro Leão XIII, em 1941. (Acervo do COP)

A prática teatral circulista apropriava-se da tradição do fazer artístico, a forma de lazer privilegiada pela proximidade com seu público, em conjunto com o potencial caráter instrutivo da atividade de entretenimento para com a classe trabalhadora. Dentre as associações de auxílio que possuíam os trabalhadores como seu público-alvo, a atividade cênica se mostra uma das modalidades artístico-culturais de maior capacidade de dinamizar o tempo de lazer, além de proporcionar a elucidação referente às aspirações dos associados e fortalecer os laços de união e semelhança que os aproximavam. A utilização do teatro por associação dos trabalhadores pode ser entendida como,

> [...] as associações teatrais tiveram um papel destacado, porque eram vistas como forma de conscientização do conjunto dos trabalhadores, especialmente das mulheres. Atuar no teatro era, assim, uma forma privilegiada de educação e formação de novos valores, que se refletiria na educação familiar infantil, elemento chave para a formação de homens livres na concepção libertária. (LONER, 2001, p. 134)

Após as análises realizadas, tantos nas fontes primárias quanto no referencial teórico, se pode perceber que o teatro cumpria, na vida dos trabalhadores, duas funções: uma seria doutrinar os modos de vida de acordo com a moral cristã, no caso do movimento circulista especificamente os valores da Igreja Católica, impedindo-os da aproximação com os vícios, auxiliando a disciplinar para o trabalho e a conviver com a relação entre as diferentes classes. Outro importante papel desempenhado pela atividade cênica era de propiciar uma ambiente no qual os operários pudessem se distrair da vida difícil que tinham ï com jornadas pesadas de trabalho, a baixa remuneração, péssimas condições de alimentação e moradia, além de tantos outros transtornos ï se configurando, portanto, como um espaço de entretenimento e diversão.

3.2.2. Música

Tendo sua origem na ata nº 04, já citada anteriormente, o grupo musical do Círculo Operário Pelotense, denominado na época de criação de ñOrchestra do COPò, surgiu com o objetivo de - em conjunto com as artes cênicas - propiciar formas de entretenimento licito aos associados, dentro da moral cristã, e ainda desenvolver neles o gosto pela arte. Formado por trabalhadores, que se inscreviam voluntariamente, o grupo musical possuiu diversas formações não chegando a possuir um estilo facilmente identificado. Faz-se necessário lembrar que a população trabalhadora, oriunda de classe menos favorecida, durante o período estudado, praticamente, não possuíam acesso às atividades culturais[31], sendo estas: cinema, teatro e música, da mesma forma como a sociedade pelotense, altamente classicista. Esta dificuldade também se refletia no provimento de instrumentos e demais insumos necessários para realizar tais atividades. Os altos preços dos instrumentos, bem como materiais de reposição, dificultavam a manifestação de grupos musicais independentes. Portanto, a facilidade de o Círculo Operário Pelotense possuir alguns instrumentos para a criação do grupo musical funcionava com um atrativo para os operários.

Desde o final do século XIX era comum a existência de sociedades bailantes na cidade de Pelotas. Em relação a essas associações, Loner refere:

---

[31] De acordo com os materiais, difundido entre os associados, que se encontram arquivados na instituição estudada.

> Essas sociedades tinham, claramente, demarcado seu perfil de representação social, ou seja, congregavam pessoas de determinadas etnias e profissões, ou por local de moradia, mas obedecendo a critérios de seleção social. As entidades ligadas aos trabalhadores podiam passar por entidades de representação política de classe, em momentos em que as categorias não possuíam outras formas de organização. [...] a partir de 1920, as antigas sociedades recreativas, negras e brancas, praticamente desapareceram, sendo substituídas por outras, normalmente com um caráter carnavalesco mais acentuado. (2001, p.114-118)

Pelotas, conforme o estudo de Loner (2001), por característica de constituição da cidade, foi formada por uma elite oriunda do latifúndio que possuía grande destaque através de sua vivência cultural altamente refinada, que sobrepujava ï muitas vezes ï a programação cultural da capital do estado. Constituía-se como uma sociedade onde o ócio era valorizado, visto que oportunizaria a participação em eventos culturais. Por consequência, os trabalhadores, que obtinham o sustento de suas famílias através da sua força de trabalho, não tinham espaço para acessar os mesmos códigos culturais da sociedade pelotense mais abastada.

A música sendo o elemento fundamental das reuniões festivas, se pode concluir através da análise documental, sofria apropriações e utilizações adequadas a cada contexto a qual estava submetida. Entre as classes menos abastadas da cidade era comum que a música tivesse maior aceitabilidade no espaço público ou ainda em mercados onde os trabalhadores adquiriam os gêneros de primeira necessidade, além de possibilitar o convívio e o consumo de bebidas alcoólicas.

As atividades musicais recorrentes na cidade de Pelotas, tanto da elite pelotense quanto dos trabalhadores ï fora do expediente de trabalho -, não eram bem vistas pela Igreja Católica.[32] Na medida em que nos bailes frequentados pela sociedade refinada era comum a presença de novos ritmos, um tanto indecorosos para a mora católica, enquanto que nos ambientes mais populares a presença de instrumentos de percussão e violão ï que eram considerados como instrumentos marginais, vulgares ï tinha seu uso condenado pela Igreja, resultava na reprovação de ambos os hábitos de vivência musical. Essa distinção referente aos divertimentos musicais entre as diferentes classes, constantemente, gerava certa tensão que ia de encontro aos anseios da Igreja Católica,

[32] Tal referência é uma possível conclusão feita após análise do material publicado na imprensa católica que se encontram arquivados na sede do COP.

uma vez que, de acordo com os registros das reuniões diretivas, poderia incitar os trabalhadores à luta de classes.

O grupo musical do COP surge com a intenção de promover divertimentos morais para os trabalhadores, dentro de uma relação entre festa e música a ser estabelecida segundo orientações católicas. Em seu princípio, o grupo musical adquire um caráter erudito, como podemos perceber na figura 34, seja pelos instrumentos utilizados ï nesta etapa é necessário destacar a participação de músicos eruditos contratados pela diretoria do COP para ensinar e, até mesmo, executar apresentações em datas festivas ï ou ainda pela orientação da Igreja em possibilitar o acesso às manifestações culturais consideradas morais e enobrecedoras.

Figura 34 ï Grupo Musical antes de uma apresentação ï ano de 1934. (Acervo do COP)

O grupo musical do Círculo Operário Pelotense era constituído por associados que se inscreviam voluntariamente, além de participações, intercâmbios com outros grupos como, por exemplo, a participação de músicos da banda da Sociedade Musical União Democrata. No Diário Popular, de 28 de junho de 1932, onde consta a notícia sobre a inauguração da sede social do COP, a parceira entre o grupo musical da associação circulista e a União Democrata consta nas seguintes palavras: ñNos

intervalos se fizeram ouvir a afinada orchestra do COP e a banda musical União Democrata, cujos componentes são sócios do Círculo.ò

Em seu repertório verifica-se, após análise de registros documentais, que era comum a execução de modinhas de sucesso na época, desde que devidamente aprovadas pelo conselho eclesiástico que acompanhava a diretoria do referido círculo operário, além de cânticos católicos. Suas apresentações, da mesma maneira como as do corpo cênico, se davam após as reuniões ordinárias mensais, além das festividades e outros eventos organizados pelo COP.

3.2.3. Esportes

A prática desportiva era um dos anseios do circulismo e a diretoria do COP sempre se mostrou atenta a esta questão, resultando, em 1936, na formação do Grêmio Atlético Círculo Operário ï figura 35 ï , uma equipe amadora de futebol que funcionaria até 1951. O futebol era uma das práticas esportivas fundamentais para se estabelecer a coesão do grupo e, consequentemente, uma identidade coletiva. Por seu caráter integrador, este esporte passa a ser visto com bons olhos pelo empresariado local[33], na medida em que o referido sentimento de integração poderia reduzir possíveis conflitos surgidos no local de trabalho, esta tranquilidade acabaria por acarretar a otimização da produção.

[33] A apreciação dos empregadores pode ser constatada através do relato dos discursos, durante as atividades festivas do círculo, como por exemplo, no Dia do Circulista, onde geralmente aconteciam premiações esportivas.

Figura 35 ï Equipe do Grêmio Atlético Círculo Operário em 1949. (Acervo do COP)

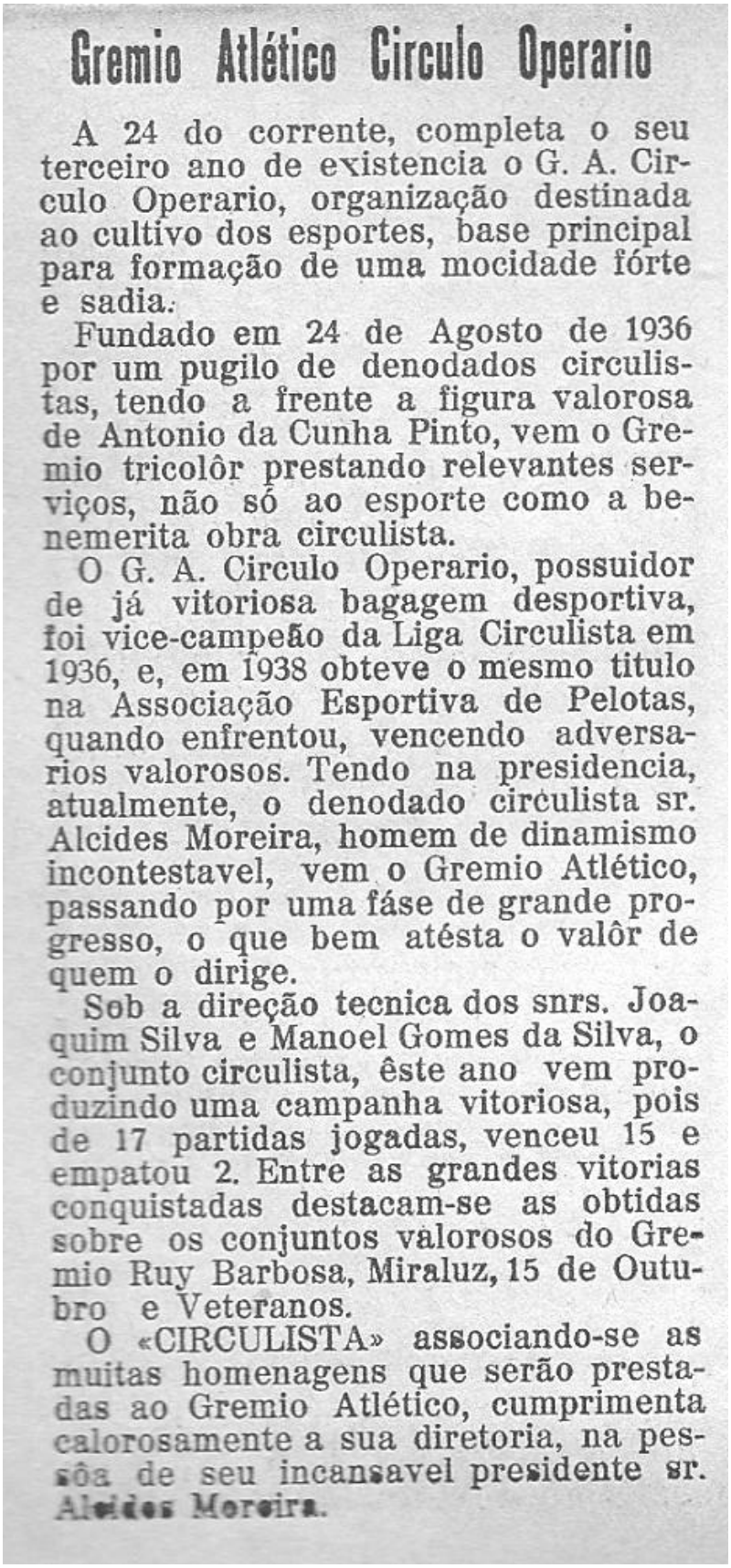
Com a preocupação da Igreja em controlar o tempo em que os trabalhadores não estavam trabalhando, conforme descrito no *Manual do Círculo Operário*[34], o esporte estimulado aos associados do Círculo Operário Pelotense deveria ser estritamente amador, com o objetivo de impingir nos trabalhadores a dignidade do trabalho sobre o desporto, garantindo portanto a consolidação do esporte amador entre os trabalhadores e seus familiares. Com crescimento do futebol pelo país, devido à grande aceitabilidade por parte das classes mais populares, fato noticiados em muitos periódicos da época ï católicos ou não ï, o movimento circulista observou nessa atividade desportiva um importante aliado na tarefa de congregar e unir os trabalhadores associados, cujo interesse possuía objetivos bem definidos, tais como: estabelecer uma forma de coesão entre os operários, criar uma identidade coletiva, fortalecer o sentido de pertencimento ao grupo dos associados.

Como acontecia em praticamente todas as ações estabelecidas pelo COP, participar das atividades desportivas requeria a concordância com as observações normativas, referentes à conduta moral de cada um dos integrantes. Pode-se deduzir, a partir das fontes primárias, que a inclusão de atividades desportivas, bem como as atividades culturais, pode ser analisada como forma de atrair uma maior participação do

[34] O *Manual do Círculo Operário* é uma publicação, de autoria do Padre Leopoldo Brentano, em 1942, de divulgação aos circulistas, conta no acervo do COP.

público às suas atividades, objetivando portanto, sua consolidação como entidade representante da classe trabalhadora.

O Grêmio Atlético do Círculo Operário Pelotense disputava competições regionais, sendo a mais significativa a Liga Circulista, como podemos observar na figura 36. A racionalização prática e coletiva dos esportes faz com que os trabalhadores venham a usufruir os benefícios do exercício físico, ocupando as suas horas de fazer com um passatempo agradável e que concorre para manter o seu corpo e o seu espírito num estado de maior eficiência para o trabalho.



Gremio Atlético Circulo Operario

A 24 do corrente, completa o seu terceiro ano de existencia o G. A. Circulo Operario, organização destinada ao cultivo dos esportes, base principal para formação de uma mocidade fórte e sadia.

Fundado em 24 de Agosto de 1936 por um pugilo de denodados circulistas, tendo a frente a figura valorosa de Antonio da Cunha Pinto, vem o Gremio tricolôr prestando relevantes serviços, não só ao esporte como a benemerita obra circulista.

O G. A. Circulo Operario, possuidor de já vitoriosa bagagem desportiva, foi vice-campeão da Liga Circulista em 1936, e, em 1938 obteve o mesmo titulo na Associação Esportiva de Pelotas, quando enfrentou, vencendo adversarios valorosos. Tendo na presidencia, atualmente, o denodado circulista sr. Alcides Moreira, homem de dinamismo incontestavel, vem o Gremio Atlético, passando por uma fáse de grande progresso, o que bem atésta o valôr de quem o dirige.

Sob a direção tecnica dos snrs. Joaquim Silva e Manoel Gomes da Silva, o conjunto circulista, êste ano vem produzindo uma campanha vitoriosa, pois de 17 partidas jogadas, venceu 15 e empatou 2. Entre as grandes vitorias conquistadas destacam-se as obtidas sobre os conjuntos valorosos do Gremio Ruy Barbosa, Miraluz, 15 de Outubro e Veteranos.

O «CIRCULISTA» associando-se as muitas homenagens que serão prestadas ao Gremio Atlético, cumprimenta calorosamente a sua diretoria, na pessôa de seu incansavel presidente sr. Alcides Moreira.

Figura 36 ï O Circulista, Ano I, Edição nº 02 ï agosto de 1939. (Acervo do COP)

Outras atividades que tiveram grande duração no COP foram bocha, futebol de mesa e tênis de mesa, mas existem indícios da pratica de outros esportes, embora o acervo da instituição não ofereça material suficiente para uma análise mais abrangente.

3.2.4. Escotismo

Em 1941, a diretoria do COP, com o intuito de reforçar os princípios morais dos filhos dos associados, além de ensinar noções de civismo, fundou o grupamento de escoteiros Dr. Fernando Osório (figura 37). Os responsáveis pelas lições de Escotismo seriam os instrutores escoteiros[35], oriundos de outros grupamentos da cidade de Pelotas, e as atividades deveriam ocorrer fora dos dias de funcionamento da escola, possibilitando o disciplinamento e a boa instrução cívica aos filhos dos operários.

Figura 37 ï Grupamento escoteiro presente na inauguração do busto em homenagem ao Pe. Scholl. (Acervo do COP)

Para esclarecer a origem e intenções do movimento escotista, foi utilizado o estudo de Rosa Fátima de Souza, em ñA militarização da infância: Expressões do nacionalismo na cultura brasileiraò (2000). Prática surgida na Inglaterra, por Robert

[35] De acordo com relatórios desta atividades.

Stephenson Smith Baden Powell, com o objetivo de criar pequenos grupos de treinamento que propiciassem suas próprias dinâmicas durante as expedições militares. Trabalhando com um programa de jogos como método educacional, o escotismo, tem como objetivo desenvolver em seus participantes: senso de iniciativa, confiança em si mesmo, a adaptabilidade, a bravura, o senso de dever, entre outros princípios que propiciariam a formação da juventude produtiva e forte, do ponto de vista moral e físico. Essa proposta encontrou terreno fértil com a ascensão de Vargas ao poder, estimulando a valorização da pátria, do nacionalismo, em torno da construção de um Brasil que pretendia ser civilizado e desenvolvido aos moldes europeus e republicanos.

A prática escotista transmitia valores muito próximos do movimento circulista, no que tange ao afastamento do ócio, do consumo de bebidas alcoólicas e fumo, o desperdício de dinheiro em apostas e jogatinas; promovia o sentido de pertencimento ao grupo, de participação integrada com seus familiares no Círculo Operário Pelotense. Além de procurar desenvolver o caráter e a inteligência, era constante o desenvolvimento de habilidades manuais, saúde do corpo e a busca de ideais, passando por estimular qualidades como generosidade, camaradagem e solidariedade. Os acampamentos organizados pelo COP visavam oferecer, aos jovens do meio urbano, uma saída para a urbanidade nociva, a qual a cidade estava predisposta a partir da abolição da escravatura, e da chegada de imigrantes inchando as cidades e aumentando a miséria da região.

O tempo livre é um dos temas conflitantes na discussão da Cultura Operária. De um lado, havia a preocupação com o ócio, ñraiz de todos os malesò, de outro, tornava-se cada vez mais intensa a reivindicação de um tempo pessoal, regido pelo prazer. De acordo com a pesquisa bibliográfica, verifica-se que como correlato à preocupação com o ócio surgiu a iniciativa, por parte das elites, de organizar o tempo livre dos operários em forma de lazer, atribuindo ao desporto uma importância inédita. Para a classe trabalhadora, que ganhava pouco e convivia com momentos de carestia dos gêneros alimentícios, dispor de dinheiro para esse lazer comercializado não era coisa das mais simples. Assim, a promoção de espaços de lazer para os trabalhadores era, ao mesmo tempo, uma demanda operária e uma preocupação de ordenação da Igreja.

O Círculo Operário, esperando ampliar seu projeto corporativista, elaborava sociabilidades vigiadas, de acordo com a análise documental, que atendiam em parte aos desejos da classe operária. A concepção de lazer circulista refere-se à liberdade de ação após o trabalho, desde que resguardado os valores da moral católica, após as obrigações

sociais e familiares, com ocupações que levem ao descanso, divertimento e enriquecimento cultural. O lazer esta polarizado ao trabalho, num tempo residual, ou que sobra após todos os compromissos da vida cotidiana.

A partir da análise documental, se pode perceber os objetivos do movimento circulista para com as práticas artística e desportivas: proporcionar lazer ósadioô aos trabalhadores. A sanidade - citada anteriormente - se refere aos ideais católicos de vida: harmonia, respeito, cordialidade, servidão, valorização da família. Os festejos ï que reuniam em um único dia missa, atividades assistencialistas e culturais ï permitiam às lideranças do circulismo momento de instrução aos associados, por meio de discursos e distribuição de material explicativo.

Em relação às atividades artísticas, no caso do Círculo Operário Pelotense, se pode deduzir que, além de favorecer o sentimento de pertencimento, visto que grande parte dos participantes se inscrevia voluntariamente, era uma oportunidade de transmitir e reforçar os fundamentos dos valores circulistas, em decorrência do princípio pedagógico característico de tais atividades.

No tocante às atividades recreativas, na prática esportiva verifica-se a escolha por um esporte de grande aceitação das camadas menos favorecidas economicamente e de prática coletiva, o que se tornou de grande valia, pois permitia privilegiar a união entre os associados, a partir do caráter integrador comum ao futebol. O escotismo se demonstrou uma eficiente forma de educar e disciplinar os filhos dos associados, aproximando-os às propostas circulistas, o que seria de grande valor na manutenção dos associados.

Assim, neste capítulo pudemos ter a completa visão de como a organização possuiu formas de acompanhar todas as etapas do associado, desde mediando as relações trabalhistas, passando por saciar as necessidades de beneficência, e também nos momentos de lazer, permitindo a completa formação dos participantes circulistas.

Considerações Finais

Durante a trajetória deste estudo procuramos contextualizar as práticas de ação social, cultural e desportiva do Círculo Operário Pelotense, de maneira a resgatar a trajetória que influenciou na formação da classe operária da cidade de Pelotas. Embora tenha se conseguido recuperar um numero menor de fontes sobre o assunto do que o esperado no início da pesquisa, começamos a tarefa através da análise dos periódicos, de cunho religioso ou não. Este material proporcionou a visualização da sociedade em relação às atividades da referida associação.

Sobre o mesmo rastro histórico, o qual nos serviu de motivação no princípio desse estudo, Ricoeur nos apresenta, agora, a problemática de sua análise quando enuncia que

> Na verdade, é a própria significação de rastro, em relação ao tempo decorrido, que nos empenhamos em esclarecer. A dificuldade com a qual esbarra toda a empreitada resulta de um fato simples: ñTodos os rastros estão no presente. Nenhum deles exprime ausência, muito menos anterioridade. Então, é preciso dotar o rastro de uma dimensão semiótica, com um valor de signo, e considerar o rastro como um efeito-signo, signo de ação do sinete sobre a impressãoò. (2008, p. 434)

Ainda em relação à falta de estudos sobre o circulismo, Santos afirma que

> O silêncio que paira sobre a História dos Círculos Operários vem da falta de enquadramento deste movimento, pois não mais se encaixava entre os movimentos operários nem entre os movimentos católicos, ficava assim, à margem da História do Brasil.(2008, p.133)

Em relação a formas de compreender as rotinas advindas com a criação do circulismo, representou um esforço de pesquisa, onde se tornou rotineira a interpretação das fontes primárias, leitura de cada imagem encontrada e diversas leituras dos mesmos documentos. Permitindo, assim, a reconstrução de um viés significativo para o movimento circulista.

A efetivação do circulismo se deve a uma conjuntura favorável formada pelo apoio do governo Vargas, que nesta ação promoveu uma aproximação com suas iniciativas de caráter populista, auxiliando no combate do avanço do comunismo no país; e as determinações da Igreja Católica ï que neste estudo é, especificamente, a de

caráter Apostólico Romano ï ao tomar para si as questões sociais do mundo do trabalho.

No início do século XX os trabalhadores estavam submetidos à nova ordem liberal do trabalho, tendo que trabalhar em regime de exploração em jornadas extensas; com espoliação intensiva de sua capacidade de trabalho ï caracterizada por dias sucessivos de trabalho, sem folga; muitas vezes em ambientes insalubres, sem a mínima condição de higiene. Todo esse esforço se dava em nome da produtividade, tão almejada pelos empregadores, que viam na redução de jornada de trabalho, na folga semanal e na lei de férias ï promulgadas no início do governo varguista ï um perigo de dissolver o regime empregatício dos trabalhadores, que poderiam passar mais tempo nas ruas, estando sujeitos à própria sorte, aproximados da beberagem, da prostituição e dos biscates, além de outros vícios e ilegalidades, comuns no espaço urbano de Pelotas nessa época.

Para tanto, a Igreja Católica já estava atenta e, ao mesmo tempo em que elaborava uma proposta de atuação no operariado como forma de mediar as questões trabalhistas ï na tentativa de diminuir a ação dos sindicatos partidários ï , buscava meios de aproximar os trabalhadores dos princípios cristãos, como família, religiosidade, asseio, entre outros valores. Assim como os empregadores, sabia que a oferta de atividades não condizentes com a moral cristã era significativa. A cidade de Pelotas, após a abolição da escravatura e o declínio econômico nas charqueadas passava por um ñinchaçoò urbano, com a miséria depositada nas ruas, no porto, nos bairros. Não havia oferta de emprego suficiente para manter a ordem do município.

Em uma sociedade formada por uma elite senhorial, como destacado por Loner (2001), que privilegiava o tempo livre para que seus cidadãos pudessem aproveitar as benesses da vida cultural e intelectual, os que viviam do trabalho eram subjugados ï mesmo os donos de seu próprio trabalho. É possível, a partir da análise, deduzir que os espaços de lazer e cultura não lhes cabiam, não faziam parte do seu mundo desgastado pela exploração do seu ser, o que lhes restavam eram os prazeres baratos como a bebida, a jogatina, a zona de prostituição, locais onde facilmente poderiam ter acesso a condutas não aceitáveis pela sociedade.

O principal argumento de negação ao tempo livre, com a redução das jornadas de trabalho recai, portanto, sobre o caráter moral do trabalhador, implicando não só na desqualificação da ñestrutura física e racialò dos trabalhadores brasileiros, mas

sobretudo na desqualificação dos seus espaços de expressão fora do trabalho fabril - isto é, dos espaços afetivos, sociais e culturais destes trabalhadores.

Mesmo os trabalhadores que se encontravam empregados não estavam em condições tão superiores aos que mendigavam nas ruas fazendo biscates, pois o alto custo de vida lhes impingiam a subnutrição, o acesso à saúde era precário, as condições de moradia eram péssimas ï viviam amontoados em cortiços imundos, e o acesso à saúde era extremamente dificultoso. Com tantas necessidades a serem saciadas, este trabalhador encontrava-se próximo das associações socialistas que lutavam pelo estabelecimento de um novo regime político. Sobre a característica de organização do incipiente movimento operário na região sul do estado, Loner considera que

> [...] Pelotas, durante o período em exame, apresentou maior grau de organização material que o de Rio Grande, resultando numa capacidade mais rápida de mobilização em conjunturas determinadas, devido a um conjunto de fatores, entre os quais sobressai o predomínio e a influência da antiga elite senhorial pelotense sobre a cidade e o conjunto de seus habitantes, o elevado grau de segregação racial e social apresentado na mesma, além do desenvolvimento de um espírito associativo mais forte em Pelotas do que em Rio Grande, responsável pelo amplo desenvolvimento de suas associações. Uma cidade maior e mais sofisticada implicava, também, o estabelecimento de um conjunto maior de amortecedores sociais entre as classes, diminuindo o impacto direto de algumas reivindicações classistas operárias, fato que não acontecia com a mesma facilidade em Rio Grande. (2001, p.22)

A política cultural estabelecida pelo movimento operário se baseava na promoção de atividades culturais e desportivas, de modo a ocupar o tempo em que os trabalhadores estavam livres. Tais atividades referenciavam-se nos princípios católicos e, mesmo sendo realizadas por operários associados, voluntários, normalmente estes se identificavam com a postura de ñmilitantes circulistasò, tornado-se, portanto, agentes propagadores dos ideais do movimento.

Sobre a construção deste sujeito circulista, sendo ele militante ou não, entretanto em relação ao processo de construção da identidade social Pollak argumenta

> Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível

> da identidade individual. Quando a memória e a identidade trabalham por si sós, isso corresponde àquilo que eu chamaria de conjunturas ou períodos calmos, em que diminui a preocupação com a memória e a identidade. (1992, p. 07)

Considerando que o lazer circulista não estava separado da noção de ñbom operárioò à medida que sua finalidade era ñrelaxarò o corpo e a mente para o trabalho, era vital ensinar ao trabalhador a forma ñcorretaò de se divertir, retirando-o do meio da bebida, da prostituição e do jogo. Evidentemente, o espaço da festa circulista foi uma maneira encontrada pela Igreja de vigiar os operários em seus momentos de recreação. Contudo, esse mesmo espaço era resultado da criação dos associados, que respondiam, com sua presença e participação, se eram ou não aceitáveis as formas de lazer propostas. Ou seja, a presença dos trabalhadores e de seus familiares no terreno que a Igreja considerava ñsadioò, correspondia às demandas por sociabilidades já existentes entre eles. Acionar tantos elementos ï música, cinema, leilão, sorteio e afins ï em um único espaço indica um esforço indispensável para não perder esse público. Em outras palavras, ou o lazer proposto pelo Círculo Operário se aproximava do cotidiano dos trabalhadores ou ficava desprovido do caráter de entretenimento, de diversão.

A escolha dos repertórios dramáticos e musicais, normalmente após a análise crítica, do assistente eclesiástico e demais agente do clero local, era submetida à execução. No teatro, as encenações, em sua grande maioria de comédias de costumes, aparentemente possuíam apenas a incumbência de entreter os expectadores, mas seria ingenuidade descartar o potencial educativo dessa atividade. Visto que esse gênero tem por característica primeira a exposição de fatos cotidianos do convívio ï seja familiar ou social ï de forma humorística, a exposição de hábitos inaceitáveis frente aos valores da moral cristã, resultando em gargalhadas da plateia, serviria como forma de humilhação para os associados desgarrados. Bem como nas apresentações musicais, por mais que fosse permitida a execução de modinhas da época, a maior parte das músicas de sucesso do rádio não fazia parte do repertório circulista, por trazerem em seu conteúdo assuntos classificados como inadequados pela Igreja.

As atividades culturais possuem características pedagógicas, uma vez que se utiliza de instrumentos de significação próximos aos indivíduos, permitindo-lhes a apropriação de conceitos transmitidos por formas lúdicas. Cabia, portanto, aos grupos culturais enaltecer as vantagens de pertencer ao movimento circulista, mesmo que essa não fosse a intenção primeira, os associados ao se identificarem como integrantes do

processo ï ao invés de meros expectadores ï contribuíam para a propagação do movimento.

A efetivação da proposta circulista se deve, por um lado, à intensa propaganda promovida pela Igreja, seja na imprensa católica e laica, como também através do estabelecimento de uma rede de contatos, cujo princípio de atuação era baseado na indicação de novos sócios através de trabalhadores já associados no círculo operário. Cabia-lhes divulgar a construção de uma sociedade onde estavam preservados os direitos sociais, baseando-se na harmonia de classes. Tal atitude foi fundamental para a composição do Círculo Operário Pelotense, bem como para lhe conferir um caráter de vizinhança e proximidade entre seus sócios.

Torna-se fácil a compreensão de que o espaço circulista era permeado de aspirações de conquistas materiais e simbólicas entre o operariado e sua família. A luta operária contra o capital, feita nas duas primeiras décadas do século XX, fez suscitar a questão operária como questão das suas condições de trabalho e, através dela, como questão moral que incidia sobre a sociedade em um ponto específico: a qualidade de vida que o trabalho industrial e urbano montava para os trabalhadores.

O movimento circulista vive sua fase de apogeu entre as décadas de 30 e 40 e seu declínio inicia com o final do Estado Novo (1945), quando no consequente rompimento entre o clero e o governo presidencial, a Igreja volta a perder seus privilégios políticos perante a sociedade brasileira. Entretanto, a parte mais afetada com a derrocada do apoio ao circulismo foi a expansão do movimento. Os círculos operários, ainda hoje, reservada as devidas proporções, permanecem presentes na sociedade, prestando vários serviços à população, sejam eles de ordem médica, de lazer o esportiva. Podemos observar com esse estudo que as atividades de ação social, culturais, educacionais e desportivas muito influenciaram para a efetivação da proposta de intervenção social da Igreja Católica junto à classe trabalhadora, funcionando como um atrativo para os operários, tão carentes de acesso à educação, lazer e qualificação profissional

A rememoração das atividades de ação social e cultura do Círculo Operário Pelotense nos possibilitam definir que as memórias são o produto da mente individual em relação com o mundo exterior. São os mundos interpessoais e culturais em que os indivíduos vivem que constituem as suas memórias. Nesta medida, a memória coletiva pode ser vista como um quadro de referência partilhado de recordações individuais. A memória social é constituída pela integração de diferentes passados num passado

comum aos membros de uma coletividade, referindo-se àqueles elementos da recordação individual que são comumente partilhados pelo grupo, fornecendo as bases para a construção de uma significação coletiva. Nesse sentido, a memória individual, ao invés de estar subordinada à ação unificadora da coletividade, revela-se potencialmente como um espaço interpretativo, resistindo frequentemente às convenções estabelecidas e/ou reinventado convenções.

A memória é, portanto, um fenômeno de construção social e, como tal, se desenvolve a partir de laços de convivência com os membros de uma sociedade, seja no âmbito da família, dos momentos de recreação, da escola, da igreja, dos movimentos operários, etc. Com o transcorrer do tempo e seu consequente distanciamento do objeto analisado, buscou-se marcos sociais para servirem de referência nesse processo de tornar viva, dar re-significações aos tempos idos.

Atualizar a dinâmica de uma sociedade é tarefa de trabalhos como este, revelando modos e costumes que, de alguma forma, contribuem para a constituição da sociedade tal qual presenciamos nos dias atuais.

Referências

BARRETO, Álvaro. **Levantamento histórico dos 60 anos do Círculo Operário Pelotense**. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 1992.

_____. **Propostas e contradições dos círculos operários**. Pelotas: Editora Universitária / UFPEL, 1995.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho porto-alegrense (1898 a 1920)**. Londrina:EDUEL, 2008.

BRENTANO, Leopoldo. **Círculos Operários.** Sua origem, sua organização, suas realizações. Rio de Janeiro: Ed. Casa Gomes, 1940.

CARDIJN, Mons. José. **A hora da classe operária**. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1956

CARONE, Edgar. **A Segunda República (1930-1937)**. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: DIFEL. 1978.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O Teatro da União Operária ï Um palco em sintonia com a modernização brasileira**. Tese de doutorado em História Cultural. UFSC, Florianópolis, 2004.

DIEHL, Astor. **Os círculos operários**: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.

FAUSTO, Bóris. **Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)**. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: DIFEL. 1977.

FERREIRA, Maria L. M. O Espaço. In: _____. **Os três apitos: memória pública e memória coletiva, Fábrica Rheingantz, Rio Grande, RS, 1950- 1970**. Tese (Doutorado em História) ï Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GRIJÓ, Luiz Alberto, KUHN, Fábio, GUAZZELLI, César Augusto Barcellos e NEUMANN, Eduardo (orgs.). **Capítulos de história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

HUYSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 5.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LEÃO XIII. **Sobre a Condição dos Operários**: ñRerum Novarumò. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1950.

LIMA, Ana Cristina Pereira. **Obreiros Pacíficos**: o Círculo de Operários e Trabalhadores Católicos São José (Fortaleza, 1915 ï 1931). Dissertação de mestrado em História. UFC, Fortaleza, 2009

LONER, Beatriz Ana. **Construção de Classe** ï operários de Pelotas e Rio Grande (1888 ï 1930) ï Pelotas: Universidade Federal de Pelotas. Ed. Universitária: 2001.

MARÇAL, João Batista. **Primeiras lutas operárias no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Livraria do Globo. 1985.

MATTOS, Marcelo Badaró. **Trabalhadores e Sindicatos no Brasil**. Rio de Janeiro: Vício de leitura, 2002.

MELO, Victor Andrade de. **Lazer e camadas populares: reflexões a partir da obra de Edward Palmer Thompson**. Movimento (ESEF/UFRGS), Volume 07, Edição nº

14, nov. 2007. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2603>. Acesso em: 17 Ago. 2010.

MENEZES, Carlos Alberto de. **Ação social católica no Brasil. Corporativismo e sindicalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. Coleção Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: DIFEL, 1979.

OLIVEIRA, Paulo de. **Iniciação Social**. Rio de Janeiro: Publicações da CNOC, 1942.

_____. **Círculos Operário de Brentano a Rausch** ï Testemunhos e Propostas. Brasília: CBTC. 2000.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1830)**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS/Tchê!, 1992.

PINHEIRO, Paulo Sérgio e HALL, Michael M. **A Classe operária no Brasil 1889-** 1930 Documentos. Volume 1 ï O Movimento Operário. São Paulo: Editora Alfa Omega. 1979.

PIO XI. Carta Encíclica ñQuadragésimo Annoò. Sobre a restauração da ordem social. Juiz de Fora: Editora Lar Católico, 1944.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

RAUSCH, Urbano. **Uma vida dedicada ao Círculo Operário**. Brasília: CBTC, 2000.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos**: Comunistas e sindicatos no Brasil. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

SANTOS, Carla Xavier dos. **Nossa Senhora da Medianeira rogai por nós**: a relação do Estado Novo com a Igreja Católica através dos Círculos Operários no Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado em História. PUCRS, Porto Alegre, 2008.

SILVEIRA, Marcos César Borges da. **O teatro operário em Rio Grande na época das primeiras chaminés.** Dissertação de Mestrado em História. UNISINOS, São Leopoldo, 2000.

SOUZA, Jessie Jane Vieira de. **Círculos Operários:** A Igreja Católica e o Mundo do Trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

Fontes primárias

ALBANO, Ildefonso. **Divisão dos Lucros com os operários e demais empregados**. Rio de Janeiro: Publicações da CNOC, 1944.

BRENTANO, Leopoldo**. Modelo dos Estatutos para Círculos Operários**. C.N.O.C., 1941.

BRENTANO, Leopoldo **Manual do Círculo Operário**. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C - V, 1942.

BRENTANO, Leopoldo. **O clero e a ação social.** Rio de Janeiro: C.O.N.C.,1942

_____.Cartilha Circulista. Rio de Janeiro. Publicações da C.N.O.C.- VIII, 1942.

Outros materiais

União Internacional de Estudos Sociais. **Código Social**: Esboço da Doutrina Social Católica. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1959.

Serviço Social: Revista de Cultura Social. Ano X, nº 60, abril a junho de 1951.

Livros ata de reuniões ordinárias do COP ï período compreendido pelas décadas de 30 e 40.

Livros ata de reuniões da direção do COP ï de mesmo período

Acervo fotográfico da instituição.

Acervo de panfletos e outros materiais dedicados à distribuição entre os operários

Jornal O Circulista ï suas quatro primeiras edições: julho, agosto, setembro e outubro de 1939.

Anexos

Documentos

Anexo nº 01 ï Estatuto do Círculo Operário Porto Alegrense ï edição de bolso, lado 01. (Acervo do COP)

ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL

1 Grupo Escolar para filhos de sócios no Núcleo de Partenão. Aulas noturnas de alfabetização nas sedes de todos os núcleos. Aulas de corte, costura e trabalhos manuais. Aulas de música e canto.

CAIXA DE PECÚLIO

Auxílio à família do sócio falecido com a importância de Cr$ 500,00, mediante o pagamento de uma contribuição especial de um cruzeiro por mês.

COOPERATIVA DE CONSUMO

2 armazens cooperativistas, um à Av. Presidente Roosevelt, esquina Av. Cairú, outro à Av. João Pessoa n.º 1.355, Fone 9-1944. Faz entrega de ranchos a domicílio.

DEPARTAMENTO INDUSTRIAL

Padaria e Fábrica de Massas Alimentícias, localizadas à Av. João Pessoa n.º 1.051, Fone 5288.

Vende aos sócios com abatimento, no pão 20 centavos em quilo e na massa 1 cruzeiro.

3 AÇOUGES:

"Progresso", Rua Lima e Silva, 920;
"Centenário", Estrado do Passo da Areia, 111;
"Glória", Av. Cascata, 2442.

Comprando nesses estabelecimentos, o sócio coopera com a sua organização, por isso que os resultados que neles se verificarem, serão aplicados na manutenção da assistência social.

POLICLÍNICA SANTO INÁCIO

Em terreno que o C. O. P. A. possua à Av. Polônia, está sendo construido um edifício de três pavimentos e cuja parte térrea destina-se à instalação de uma moderna e bem aparelhada policlínica, que virá completar e ampliar os serviços de assistência médica, farmacêutica e dentária, com laboratórios próprios, tanto de análises como de Raio X.

No segundo pavimento serão instaladas aulas de corte e costura, trabalhos manuais, culinária e serviços domésticos, música e canto, datilografia e alfabetização.

A parte superior destina-se a um grande salão de festas para os sócios do Círculo.

OPERÁRIO AMIGO!...

Pelo que leste acima, podes avaliar quanto benefício é proporcionado aos trabalhadores pela sua própria união.

Inscreve-te hoje mesmo no quadro social do Círculo Operário, para poderes também participar das vantagens que esta sociedade oferece.

A mensalidade é de apenas Cr$ .....

Para inscrever-te procura um chefe circulista no local onde trabalhas ou comparece à sede do Núcleo do Círculo no bairro onde resides.

39142

„Ide ao povo com ardor e audácia para prestar-lhe serviços". *Pio XI*

COMPANHEIRO! Lê e medita...

Os CÍRCULOS OPERÁRIOS são um grande movimento de âmbito nacional ,destinado a formar uma organização cristã, forte e perfeita, capaz de defender os interêsses comuns dos operários e de prestar-lhes todo o gênero de benefícios e defesa, em especial:

1.º Cultura intelectual, moral, social e física, por meio de escolas, conferências, imprensa, rádio, escotismo, desportos, etc.

2.º Assistência social carinhosa e eficiente no lar, nas oficinas e na escola.

3.º Proteção corporativa, advogando os interêsses legítimos da classe.

4.º Auxílio material, pelas várias formas de beneficência, como sejam: assistência médica ,dentária, farmacêutica e jurídica; agência de informações e colocação e proteção aos filhos dos operários.

5.º Promover e auxiliar a organização profissional.

6.º Dignificar e harmonizar o mundo do trabalho, pelo respeito aos direitos recíprocos entre os operários e patrões, restabelecendo relações amistosas entre os mesmos.

7.º Fomentar e organizar o cooperativismo, nas suas formas de consumo, produção e crédito.

OS PRINCÍPIOS BÁSICOS que regem as leis e atividades dos Círculos Operários são:

1.º A moral e a doutrina de Cristo, código inegualável de justiça, respeito mútuo e amor ao próximo.

2.º A encíclica "Rerum Novarum" e outros documentos pontifícios.

3.º Repúdio à luta sistemática de classes.

4.º O direito natural e sagrado de propriedade legìtimamente adquirida.

5.º O direito e a necessidade da intervenção do Estado na questão social, no sentido de regular o justo salário, a justa produção e o justo preço.

SÓCIOS DO CÍRCULO OPERÁRIO, podem ser todos os operários de ambos os sexos, assalariados ou pequenos trabalhadores por conta própria, que sejam respeitadores da família e da moral.

Também os que, sem serem operários pròpriamente ditos, quei-

ram contribuir para o desenvolvimento do Círculo Operário, podem fazer parte do seu quadro social.

A mensalidade dos sócios efetivos é de Cr$ .....

O pedido da admissão pode ser dirigido a qualquer membro da Diretoria ou aos Sub-delegados, mediante apresentação de 2 fotografias.

COMPROMISSOS DOS SÓCIOS:

1.º Cultivar as virtudes que dignificam a classe: pontualidade e assiduidade ao trabalho, disciplina, sobriedade e economia.

2.º Acatar as ordens da Diretoria e observar os estatutos e regulamentos.

3.º Guardar os Domingos, dias santos de guarda e festas nacionais, quanto possível.

4.º Pagar pontualmente as contribuições mensais.

5.º Os sócios farão sua páscoa anual, podendo também participar da Congregação Mariana do C. O.

6.º Portar-se em tôda parte como verdadeiro circulista.

VANTAGEM DOS SÓCIOS:

1.º Pode frequentar a sede social e assistir às festas, reuniões, cinemas, jogos e conferências promovidas pelo Círculo.

2.º Utilizar a biblioteca.

3.º Frequentar as escolas do Círculo.

4.º Invocar os bons ofícios do Círculo, em casos de vexações injustas e divergências entre operários e patrões.

5.º Participar das várias espécies de assistências e socorros materiais que o Círculo conseguir.

6.º Inscrever-se nas diversas instituições que o Círculo criar.

7.º Com exceção dos departamentos que tenham contribuições especiais, as demais vantagens são extensivas aos filhos dos sócios menores de 15 anos.

ESCLARECIMENTOS:

Os Círculos Operários, embora tenham programa baseado nas encíclicas sociais, não exigem que seus sócios sejam católicos, podendo êstes pertencer a qualquer credo, contanto que sejam respeitador s da moral, da propriedade e da família.

Os Círculos Operários não têm fins de política partidária, estando fora e acima desta. Os sócios podem ser dêste ou daquele partido, contanto que observem as condições acima.

Os Círculos Operários já contam atualmente com mais de 500 mil associados, beneficiando a cerca de 3 milhões de pessoas.

A UNIÃO FAZ A FÔRÇA! — INSCREVE-TE TAMBÉM!

Círculo Operário Pôrto Alegrense

(C. O. P. A.)

É a mais pujante associação da capital do Estado do Rio Grande do Sul, que procura defender os interêsses dos trabalhadores em geral e proporcionar-lhes todo o bem estar que merecem.

O que o C. O. P. A. se propôs realizar está cumprindo-o, de acôrdo com as suas possibilidades financeiras.

Seu lema é: ODIAR O ERRO e AMAR OS QUE ERRAM.

Em 12 anos de existência ,o C. O. P. A. proporcionou muitas vantagens e distribuiu grande soma de benefícios aos trabalhadores, que bem atestam a excelência do seu programa e a eficiência da ação que vem desenvolvendo.

Vejamos, pois, quais as vantagens que o C. O. P. A. oferece aos seus associados:

ASSISTÊNCIA MÉDICA GRATUITA

Em 10 ambulatórios médicos espalhados pela cidade, nos núcleos São João, Floresta, Glória, Navegantes, Mont'Serrat, Central, São Geraldo, Rio Branco, São Francisco e Tristeza.

1 ambulatório médico especializado de olhos, ouvidos, nariz e garganta, localizado à Av. Fábrica n.º 294, e cujas consultas são às quintas-feiras, às 14 horas.

2 farmácias próprias para atender o aviamento das receitas dos médicos do Círculo, a preço de custo, uma localizada à Av. Fábrica n.º 294 e a outra na Rua Petrópolis n.º 83.

2 secções de enfermagem e aplicação de injeções, anexas a cada uma das farmácias e a cargo das Irmãs Vicentinas.

ASSISTÊNCIA DENTÁRIA

Em 2 modernos e bem aparelhados gabinetes, um à Rua dos Andradas n.º 1.742 e outro à Av. Fábrica n.º 294.

O sócio e seus filhos menores de 15 anos, têm direito a fazer gratuitamente as extrações, curativos, obturações, recolocação de pivôs, ajuste de chapas, retiradas de táraro e tudo o mais que se relacione com o saneamento bucal.

Para isso basta requisitar um cartão no núcleo a que pertence.

Os trabalhos de prótese devem ser tratados com o dentista, mediante uma tabela de preços especiais para os sócios.

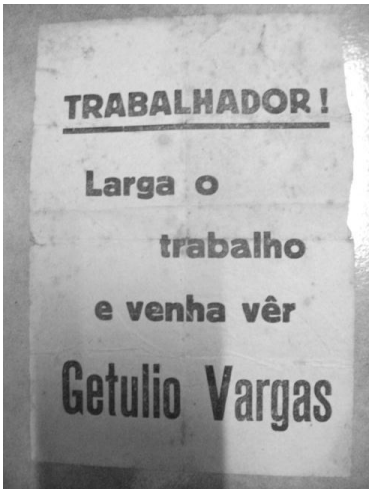
ASSISTÊNCIA JURÍDICA

Para a defesa de seus associados perante as leis e todos os demais trabalhos de advocacia, o C. O. P. A mantém em sua sede à Rua dos Andradas n.º 1742, uma Procuradoria Jurídica que atende às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 às 22 horas. As consultas com o advogado são gratuitas.

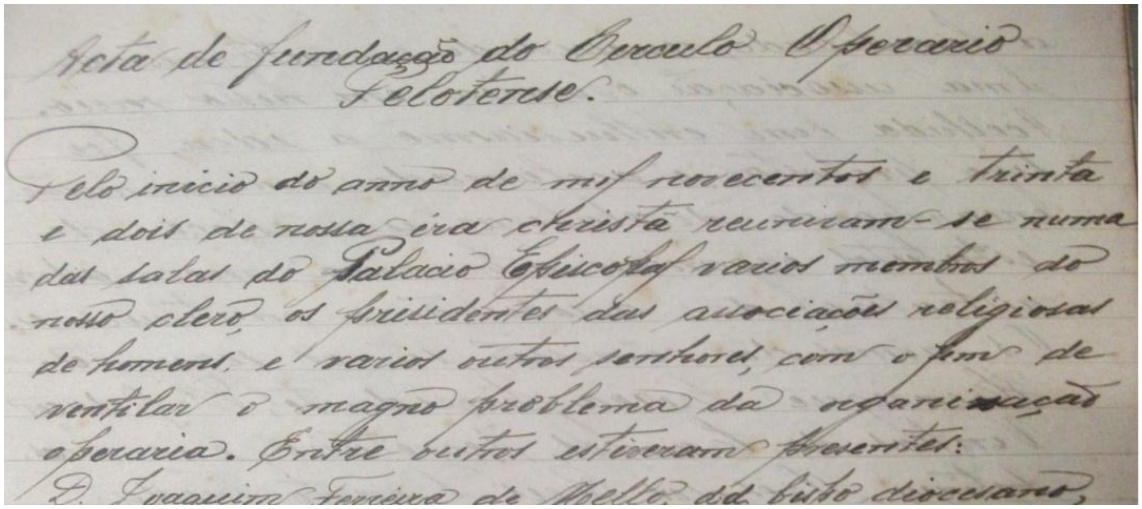
ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA

2 Creches infantís, uma em Navegantes, à Rua Sertório, 305, e outra na Glória ,à Rua Petrópolis, 83, nas quais os sócios podem deixar seus filhos durante o dia, enquanto atendem seus empregos.

Anexo nº 02 – Estatuto do Círculo Operário Porto Alegrense – edição de bolso, lado 02. (Acervo do COP)



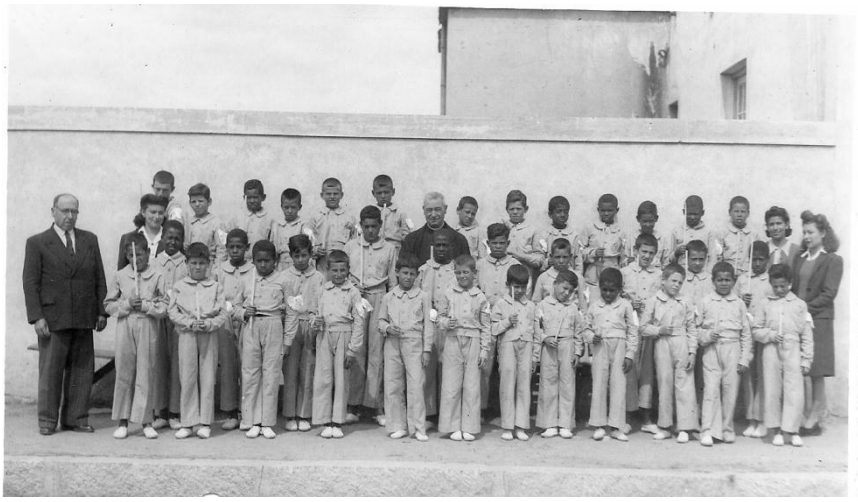
Anexo nº 03 ï Panfleto distribuído aos trabalhadores. Sem referência. (Acervo do COP)


Acta de fundação do Centro Operario Pelotense.

Pelo inicio do anno de mil novecentos e trinta e dois de nossa era christã reuniram-se numa das salas do Palacio Episcopal varios membros do nosso clero, os presidentes das associações religiosas de homens e varios outros senhores, com o fim de ventilar o magno problema da organização operaria. Entre outros estiveram presentes: D. Joaquim Ferreira de Mello, do bispo diocesano,

Anexo nº 04 ï Trecho da Ata de fundação do COP. (Acervo do COP)

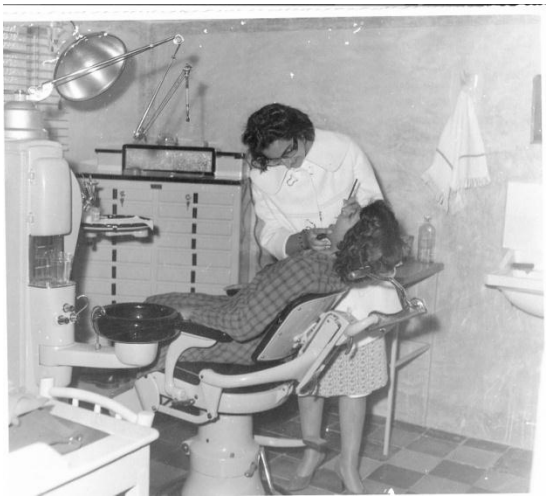
Imagens ï Atividades Assistenciais



Anexo nº 05 ï Primeira Comunhão, Semi-internato do COP ï 1945. (Acervo do COP)

Anexo nº 06 ï COP ï Abrigo Infantil ï 1ª turma de formandas do Curso de Corte e Costura, 1964. (Acervo do COP)

Anexo nº 07 - Inauguração do gabinete médico, 10/04/1960. (Acervo do COP)



Anexo nº 08 - Inauguração do gabinete dentário, 10/04/1960. (Acervo do COP)

Imagens ï Atividades Festivas

Anexo nº 09 ï Festa em Homenagem a São José e ao Dia do Trabalho, 1/5/1946. (Acervo do COP)

Anexo nº 10 ï Festa em Homenagem a São José e ao Dia do Trabalho, 1/5/1946. (Acervo do COP)

Anexo nº 11 ï Festa em Homenagem a São José e ao Dia do Trabalho, 1/5/1958. (Acervo do COP)

Anexo nº 12 ï Festa em Homenagem a São José e ao Dia do Trabalho, 1/5/1958. (Acervo do COP)

Anexo nº 13 ï Festa de São João, 24/06/1960. (Acervo do COP)

Anexo nº 14 ï Festa de São João, 24/06/1960. (Acervo do COP)

Anexo nº 15 ï Festa de São João , 24/06/1960. (Acervo do COP)

Atividades Esportivas e Escotismo

Anexo nº 16 ï início do campeonato de bocha promovido pelo COP, 14/09/71. (Acervo do COP)

Anexo nº 17 ï Grêmio atlético do COP, 1939. (Acervo do COP)

Anexo nº 18 ï Equipe de ping-pong do departamento esportivo do COP ï vice-campeã do torneio comemorativo da independência do Brasil, em 06/09/1964. (Acervo do COP)

Anexo nº 19 ï Inauguração do busto em homenagem do Pe. Scholl, em 15/11/1958, onde se pode verificar a presença do grupamento escoteiro. (Acervo do COP)

Atividades Artísticas

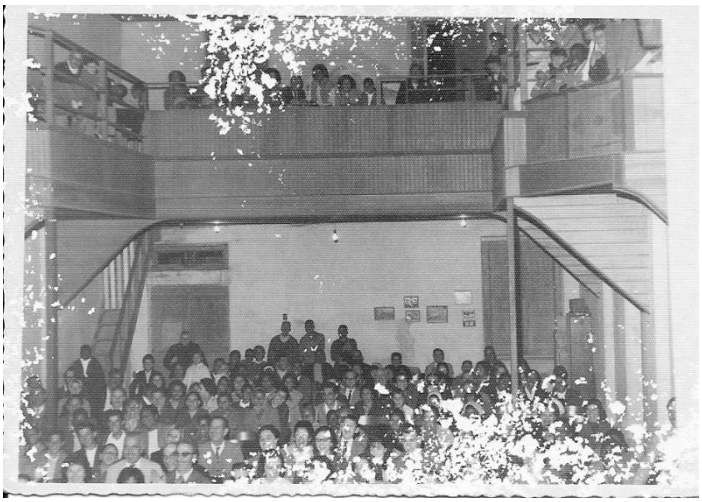
Anexo nº 20 ï Teatro infantil coordenado do padre O. Fogacy ï Dia Nacional do Circulista, 1964. (Acervo do COP)

Anexo nº 21 ï Apresentação da comédia ñPor causa de uma caméliaò, no teatro Leão XIII, em 1941. (Acervo do COP)

Anexo nº 22 ï Representação sobre os ofícios, apresentada ao final de uma reunião de diretoria, estando no palco: a direção do COP e representantes dos sindicatos, em 1942. (Acervo do COP)

Anexo nº 23 ï Expectadores. Pode-se perceber a primeira configuração do espaço, em mesmo nível e em um único andar, em 1942. (Acervo do COP)

Anexo nº 24 ï Expectadores. Nesta foto se pode notar a primeira reforma no espaço com a construção de um mezanino feito em madeira, com escada de acesso feito com mesmo material, em 1964. (Acervo do COP)



Anexo nº 25 ï Expectadores. Esta imagem, embora mais danificada permite melhor visualização do mezanino, em 1964. (Acervo do COP)

Anexo nº 26 ï Ambiente da platéia, em condições atuais, com mezanino substituído por outro de técnica construtiva contemporânea, presença de cadeiras fixadas em piso desnivelado, 2009. (Acervo do Janaína Timm de Souza)

Anexo nº 27 ï Mobiliário utilizado em espetáculos na década de 40 ï vide anexo 21 ï utilizado atualmente na sala de recepção do anfiteatro, 2009. (Acervo do Janaína Timm de Souza)

Anexo nº 28 ï Posse da Diretoria do COP, 29/04/1963 ï nº02[36]. (Acervo do COP)

Anexo nº 29 ï Posse da Diretoria do COP, 29/04/1963 ï nº04. (Acervo do COP)

Patrimônio Edificado

Anexo nº 30 ï Fachada da escola do semi-internato, s.d.[37] (Acervo do COP)

36 Referência numérica que se encontra no verso da fotografia.

37 Sem data.

Anexo nº 31 ï Fachada do refeitório do semi-internato, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 32 ï Vista lateral do refeitório do semi-internato, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 33 ï Sem referência. (Acervo do COP)

Anexo nº 34 ï Fachada do COP, vista da Rua Almirante Barroso, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 35 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 36 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 37 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 38 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, s.d. (Acervo do COP)

Anexo nº 39 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, década de 70. (Acervo do COP)

Anexo nº 40 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, década de 70. (Acervo do COP)

Anexo nº 41 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, década de 70. (Acervo do COP)

Anexo nº 42 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, década de 70. (Acervo do COP)

Anexo nº 43 ï Dependências do COP, vista da Rua Almirante Barroso, década de 70. (Acervo do COP)

Anexo nº 44 ï Dependências do COP nos dias atuais, vista da Rua Almirante Barroso, 2009. (Acervo Janaína Timm de Souza)

Anexo nº 45 ï Dependências do COP nos dias atuais, vista da Rua Almirante Barroso, nesta imagem é possível verificar a existência dos antigos ornamentos escondidos por placas publicitárias, 2009. (Acervo Janaína Timm de Souza)

Anexo nº 46 ï Dependências do COP nos dias atuais, vista da Rua Almirante Barroso, 2009. (Acervo Janaína Timm de Souza)

Anexo nº 47 ï Dependências do COP nos dias atuais, vista da Rua Almirante Barroso, 2009. (Acervo Janaína Timm de Souza)